DIA 29 DE NOVEMBRO DE 1992 Nº 48

FALTA A PÁGINA 01 (CAPA)



O General Dwight Eisenhower e sua espôsa saúdam o povo, num momento em que as apurações gerais das eleições do país, anunciavam a vitória do candidato republicano sôbre o democrata, depois de ambos haverem desenvolvido em tôda a nação uma campanha intensíssima.

NOSSO AMIGO IKE

AS MULHERES E A GUERRA DA CORÉIA, OS MAIORES FATÔRES DA ELEIÇÃO DE DWIGHT EISENHOWER ★ O QUE ÊLE DISSE SÔBRE O BRASIL ÀS VÉSPERAS DO PLEITO ★ REPORTAGEM FOTOGRÁFICA DO NOVO "DIA DA VITÓRIA" DE IKE ★ NO QUARTEL GENERAL POLÍTICO DE EISENHOWER, NO HOTEL COMMODORE ★ ONDE VOTARAM OS CANDIDATOS ★ ADLAI STEVENSON VOTOU "NO DURO", NÊLE MESMO ★ IKE, AO LADO DE MAMMIE, RECEBE AS CONGRATULAÇÕES DO CANDIDATO DERROTADO DO PRESIDENTE TRUMAN

Ike, como carinhosamente o chamam seus patrícios, estêve no Brasil, depois da vitória na Grande Guerra, e caiu na simpatia de nosso povo com aquêle sorriso, mais agradável em pessoa do que nas fotos. Assim, se já o considerávamos nosso amigo Ike, mais ainda o passamos a julgá-lo dessa maneira cordial, depois das amistosas declarações e promessas do candidato, dias antes da eleição, reafirmando apoiar a política de boa vizinhança e a colaboração econômica do seu ao nosso país.

29/11/52

(Fotos KEYSTONE e I. N.)



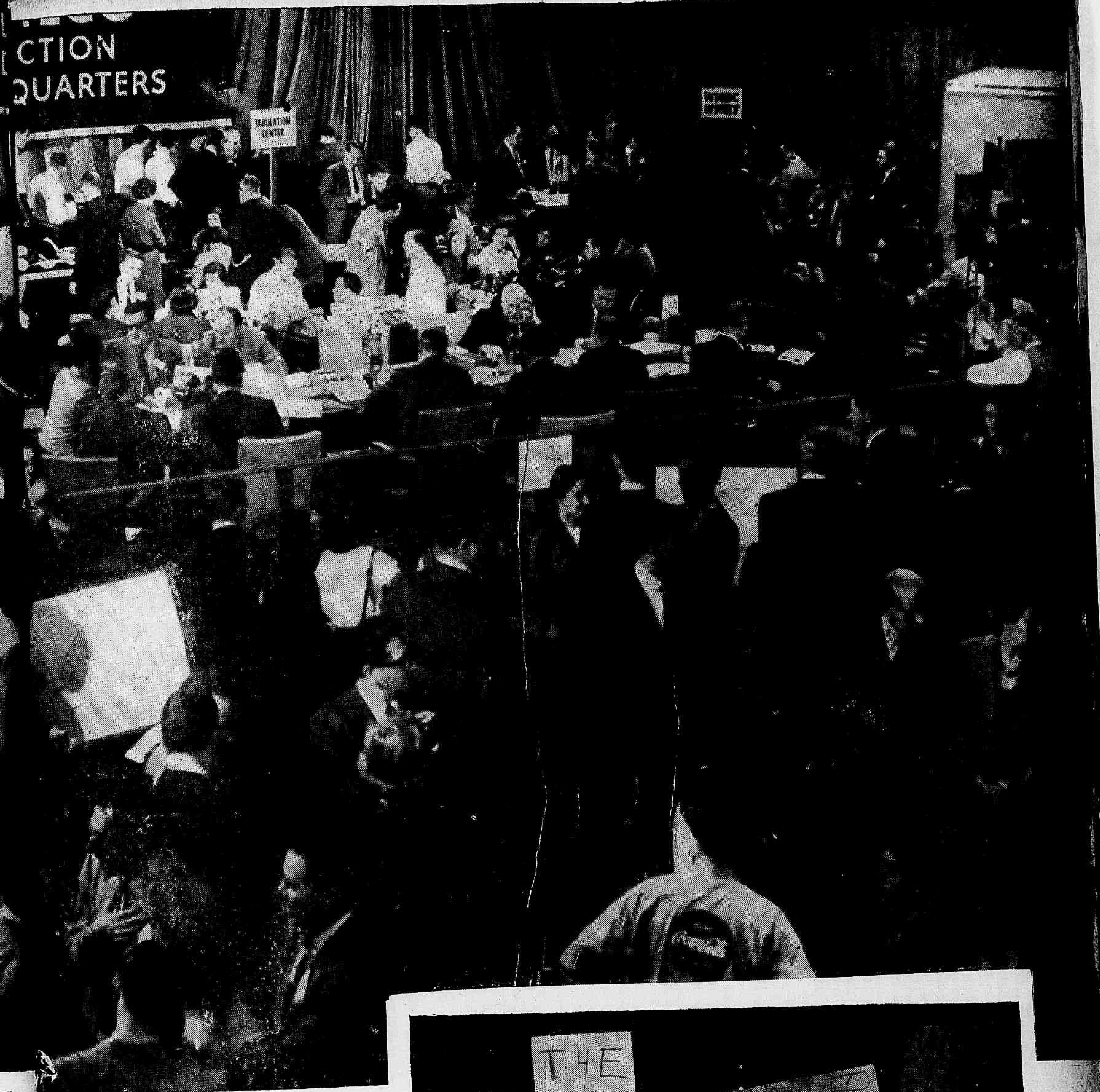
Adlai Stevenson, governador de Illinois, competidor de Eisenhower à presidência dos Estados Unidos da América do Norte, ao sair da cabine indevassável, onde votou. Nêle mesmo, de certo.



Dwight Eisenhower e sua espôsa chegam à sede do seu partido na cidade de Nova York.

Uma vista geral do que foi o serviço de informações da «National Broadcasting Company».

AS recentes eleições presidenciais nos Estados Unidos da América do Norte, embora tivessem um resultado não muito surpreendente, pois quase esperado, vieram mostrar que não basta a pujança e a existência de um partido político, para levar os seus eleitores à vitória; é também indispensável que o seu candidato reúna qualidades de grande recomendação popular, e organize o seu programa eleitoral com o mais firme objetivismo. Naturalmente que tais coisas só são concludentes em nações de alto nível mental e onde as massas elei-



na cobertura da eleição presidencial em 1952. Note-se a intensidade do trabalho da N.B.C.

torais estão bem politizadas. Mas, para um país como o nosso, o exemplo de democracia que os Estados Unidos deram ao mundo, muito nos aproveitará. Ali, a campanha de competição entre os dois disputantes da Casa Branca foi tremenda. Houve ataques severos e muitas vêzes até injuriosos; mas, vinte e quatro horas depois da batalha das urnas, todos os ressentimentos foram esquecidos e o derrotado enviou mensagem de congratulações ao vencedor, enquanto o presidente Truman, eleitor número um do Sr. Adlai Stevenson, fe-



Eleitores do Partido Republicano dizem: — «O fim está próximo» — «Ike vence», etc., etc.



Richard Nixon, eleito vice-presidente dos Estados Unidos da América do Norte, sorri com a vitória, ao lado de sua espôsa, que diz: — «E' o momento mais feliz da minha vida!»

NOSSO AMIGO IKE

licitava Ike e o convidava para ir fazer-lhe uma visita na sede do govêrno, a fim de informar-se de todos os problemas administrativos e políticos, dentro e fora do país.

E não ficou nisso: a espôsa do presidente que está no ocaso, manteve com a futura primeira dama do país uma palestra telefônica, informando-a de todos os problemas domésticos da Casa Branca. Esta explicação deveria ter-se dado pessoalmente; mas Mrs. Eisenhower não pôde atender ao convite de Mrs. Truman para comparecer à Casa Branca.

A vitória de Eisenhower foi, segundo a opinião corrente nos Estados Unidos, a prova provada de que o povo já estava desanimado e desiludido com a política do Partido Democrata, há mais de vinte anos no poder. Era preciso mudar o panorama para ver se as coisas melhoram. O mesmo fenômeno se verificou na Inglaterra, com a queda dos conservadores e, em seguida, com os trabalhistas. A oscilação da opinião pública no fiel da balança no bôjo das urnas eleitorais é um índice de busca de melhores governos. Os democratas dos Estados Unidos dominavam o país há duas décadas. Ùltimamente, o custo da vida entre o povo americano tem subido muito, trazendo insatisfação, tudo se agravando com

(Continua na pág. 54)



Nancy Wells, que se apresentou como uma adepta fervorosa de Stev enson, muito trabalhou na sede do Partido Democrata, a que pertence, localizada no Hotel Baltimore, na cidade de Nova York. Logo que reco nheceu a derrota do governador de Illinois, caiu do galho e dormiu.

REVISTA DA SEMANA

ANO LI ★ Nº 48 ★ 29-11-52

SUMÁRIO

REPORTAGENS

Nosso amigo Ike 3/ 6
No «Ontário» de papo para o ar 10/13
Aquicito... a cidadela sagrada dos Andes 18/21
As mergulhadoras de Hanawa Mura 27/29
1.000 quilômetros por hora 32/33
Araci Cortes, ressuscitou! (Leonel C. Ferreira) 50/53

LITERATURA

O palhaço Carlitos (Generoso Ponce Filho) 7
A última prestação (Anne Hommer Warner) 23
Semana Literária (Edmundo Lys) 34

SEÇÕES PERMANENTES

A Revista há 50 anos 8
A semana em revista 8/ 9
A personagem da semana 9
Lido... visto... ouvido... (Jim) 14/15
Puxe pelo cérebro 16
Passatempo (Renato Cartaxo) 17
Conta-me teus sonhos (Maria Paula) 22

ROMANCE

Memórias do Príncipe Yussupoff 25

FOLHETIM

Arabelle 47

FEMININAS

Campo e cidade 35
Simplicidade 36
Em branco e amarelo 37
Um modêlo italiano de Fescioni 38
Desanimada carta de animoso amor (Isolete) 42
Rotina de beleza 43
A saúde do bebê (Dr. Saboia Ribeiro) .. 46
À luz da psicanálise (Dr. Luiz Fraga) 48

CURIOSIDADES

A louca alegria de um cavalo 30/31
A vida de Noel Rosa (Almirante) 39/41

CIÊNCIA

Pressão alta, essa ameaça! 26

CARICATURA

Êste mundo e o outro (Darcy) 49

ÚLTIMO FLASH

Diacui chegou 58

CAPA

Jane Russel (Foto RKO)

O PALHAÇO CARLITOS

CHARLES S. Chaplin, positivamente, nem sabendo-se que aquêle S misterioso quer dizer Spencer — o mestre do Evolucionismo, nem por terem usado e abusado com êle do epíteto de gênio, pode mesmo ser levado cem por cento a sério.

Viveu tirando partido da miséria humana para fazer rir e de um simples vira-latas de Londres passou ao arquimilionário Chaplin e êste positivamente é hoje um legitimíssimo Snob...

Chegando à Inglaterra, sua pátria, que o recebeu de braços abertos, quando os Estados Unidos fizeram pública declaração de que êle é um indesejável, mestre Carlitos lambe, como se estivesse a fazer uma versão nova de «Vida de cachorro», as plantas do poderoso Tio Sam. Vira e mexe e está sempre a declarar que volta; quando lhe perguntam sôbre sua estada na Inglaterra, desconversa e volve a dizer que tem o direito de retornar ao grande país que o repele.

Há dias um telegrama de Londres dava a notícia, que parecia um «furo»: Charles Chaplin viria viver no Brasil e aqui se interessaria pela indústria cinematográfica. Alguém foi ouvi-lo a respeito na capital britânica. Então o grave Mr. Charles Spencer Chaplin, com aquêle ar que o seu patrício William Tackeray pintou ao vivo no «Livro dos Snobs», corretamente enluvado, batendo na bôca com certeza para esconder o bocejo do homem de gênio e presunção, com as costas da mão, e revirando os olhos para o teto, disse: «Ó, ó, nunca pensei nisso. A saúde de minha espôsa é muito delicada para que ela possa ir morar num dêsses países tropicais. E quanto ao meu possível interêsse em negócios cinematográficos, naquela terra, não posso acreditar que ali haja capitais à altura de poder interessar-me»...

Ó, o vira-latas Carlitos, quem te viu e quem te vê... Como ficaste importante e fátuo, desde que andavas pelas portas das casas de pasto do «west end» londrino, esperando os restos de comida... Ó, snob Carlitos, a culpa foi dessa gente tôda que te andou incensando incessante e insensatamente... A culpa foi dêsse notável Eugene O'Neil, o famoso dramaturgo, de alta categoria mental, consentindo que uma de suas filhas se casasse com êsse palhaço a que o mundo deu confiança demais. Os Reis antigos tinham mais critério, pagavam os seus bobos da Côrte, porém, não os chamavam de gênio, vinho que sobe muito à cabeça dos palhaços, mesmo os de mais alta categoria...

Carlitos, continuaremos a te encher de dinheiro, vendo os teus filmes, porque êles nos desopilam. Não te podemos, porém, levar a sério, quando com ares graves posas de Grão Senhor e deixas patente sua ignorância sôbre os caluniados trópicos, de onde aliás sai a famosa corrente, o «gulf stream», sem cujo calor a tua Inglaterra, dizem os sábios, seria inabitável, envôlta em neves eternas. Ainda andas nos tempos do velho Buckle, com as suas enfáticas tolices sôbre a inabitabilidade destas regiões e sua incapacidade de civilização, a que a energia de nosso povo já deu a resposta dos fatos.

Ora, Carlitos, mais fácil é aqui a sobrevivência das débeis criaturas e das lindas orquídeas humanas, do que nessa nevoenta Londres, onde só graças à citada «gulf stream» e aos milagres da indústria e do confôrto, criados por homens que não levaram a vida fazendo graça, é possível, nas estufas, o vicejar anêmico dessas frágeis flores feminis.

Carlitos, sabes que mais? Perdeste boa ocasião de ficar calado. Bem andaste, durante decênios, preferindo o cinema mudo, até que um dia te forçaram aos «talkies». E foi um desastre. Carlitos, sabes que mais? Volta para a cena muda. Um gênio a dizer tolices é um espetáculo decepcionante.

GENEROSO PONCE FILHO

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano	Cr$ 200,00
Seis meses	Cr$ 100,00
Registrada — Um ano	Cr$ 230,00
Seis meses	Cr$ 120,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano	Cr$ 350,00
Seis meses	Cr$ 180,00

O número avulso custa Cr$ 4,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr$ 4,50.

CORRESPONDENTES — Na Bahia: J. Machado Cunha, avenida Sete de Setembro, 149, Cidade do Salvador, Bahia. Em São Paulo: venda e publicidade na capital a cargo da Agência Zambardino, Rua Capitão Salomão, 69 — Telefone: 34-1569.

Redator-chefe
GENEROSO PONCE FILHO

Paginação de VICTOR TAPAJÓS — Desenhos de ALBERTO LIMA

Redator-chefe de Publicidade: J. M. COSTA JÚNIOR

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha, Antuérpia, em 1939, e na Feira Internacional de São Paulo em 1933.

Propriedade da COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA, R. Visconde de Maranguape, 15 — Rio de Janeiro.

Diretor GRATULIANO BRITO — Assistente RENATO DE ALENCAR

REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West Street, New York, N. Y. Na África Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Caixa Postal, 434, Lonrenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratorio & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: «Interprensa», Florida 299, telefone 32, Avenida 9509, Buenos Aires.

Tem Agentes em tôdas as localidades do território nacional.

Tôda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores. — Êste número tem 60 páginas.

TELEFONES

Redação: 22-4447 ★ Publicidade: 22-9570 ★ Portaria: 22-5602 ★ Gerência: 22-8647 ★ Contabilidade: 22-2550

A REVISTA há 50 anos

30 de novembro de 1902

CHRONICA

Já não é licito duvidar que em ques-
tões de liberdade de pensamento muito
retrogradámos desde a proclamação
da República. Neste regimen de amplas franquias destinado, na
phrase dos seus propagandistas, a varrer da face do globo a «omi-
nosa tyrannia imperial», não ha vexame ou violencia de que a
imprensa não tenha provado. De norte a sul deste immenso paiz,
todos os governos e todas as ralés têm molhado a sopa nos únicos
instrumentos de desabafo que ainda restam aos opprimidos. Daria
grossos volumes a historia dos empastellamentos, alguns consum-
mados com singulares requintes de crueldade. E nem a ineffi-
cacia dos attentados, nem os seus effeitos, contraproducentes lo-
graram ainda cohibir a coceira liberticida dos tyrannetes domi-
ciliados nas numerosas Torres do Silencio que se escalonam do
Amazonas ao Prata.

A tal respeito muito haveria que aprender com as civilizações
mais antigas, quase sempre por nós imitadas em seus aspectos
torpes ou bizarros; muita haveria, sobretudo, que aprender com
a Inglaterra, no periodo agudissimo da recente guerra anglo-boer.
Esse conflito que, por momentos, fez vacilar os solidos alicerces
da grandeza britanica era, evidentemente, popular no Reino-
Unido O terceiro e quarto Estados, a enorme massa anonyma que
formiga nas docas, nas minas e nas usinas, vibrava unisona com
o forte arcabouço do enygmatico Chamberlaim — Nacionalistas,
membros da alta aristocracia territorial, philosophos e pensadores
detestavam-no, mas a enorme maioria dos que fazem e desfazem
governos e realezas, dos capazes de substituir um Stuart por um
Cromwell, estava com elle. Os factos o demonstravam aos gene-
rosos philantropos que tentaram contrariar-lhe a vasta ambição e
a caprichosa e indomavel energia.

Pois bem! No coração de Londres, no foco mais intenso dos
debates, das coleras e das paixões, um homem, um jornalista, um
publicista, hasteou desde o primeiro dia a bandeira do protesto
contra o porta-voz do imperialismo e assim a manteve, com vic-
lencia sempre redobrada, com apostrophes, invectivas ou sar-
casmos sempre mais ferinos e pungentes, até á conclusão da paz.
Essa penna mil vezes ilustre, pois conseguira fazer-se ouvir ao
maior autocrata europeu e há muito se impuzera ao respeito do
mundo em innumeras campanhas em prol dos opprimidos, nem
um instante, nem jogando com a vida contra uma possivel allucina-
ção do sentimento popular, af-
frouxou a implacavel tenacidade
da sua aversão aos responsaveis
pelo arrasamento de duas inde-
pendencias. E na noite tragica
da derrota do Tugela, quando
de todo perdera o povo a calma,
sangue-frio e moderação, ainda
o apostolo da Verdade — tra-
çou com mão firme um dos seus
artigos-libellos.

No emtanto, nem um dedo se
ergueu dentre a populaça para
aggredir William Stead; nem
uma voz surgiu da turba a
aconselhar o empastellamento
da **Review of Reviews!** Que
exemplo... que lição... que
vergonha para os que, há pou-
cos dias, em plena rua do Ou-
vidor, apedrejavam um jornal
na muito nobre e civilizada Se-
bastianopolis!

JACQUES BONHOMME

★

No Instituto Commercial:

— O que é uma lettra de cambio?

O alumno não dá palavra.

— Então, o senhor não sabe o que é uma lettra?

— Não, senhor.

O prof. suspirando:

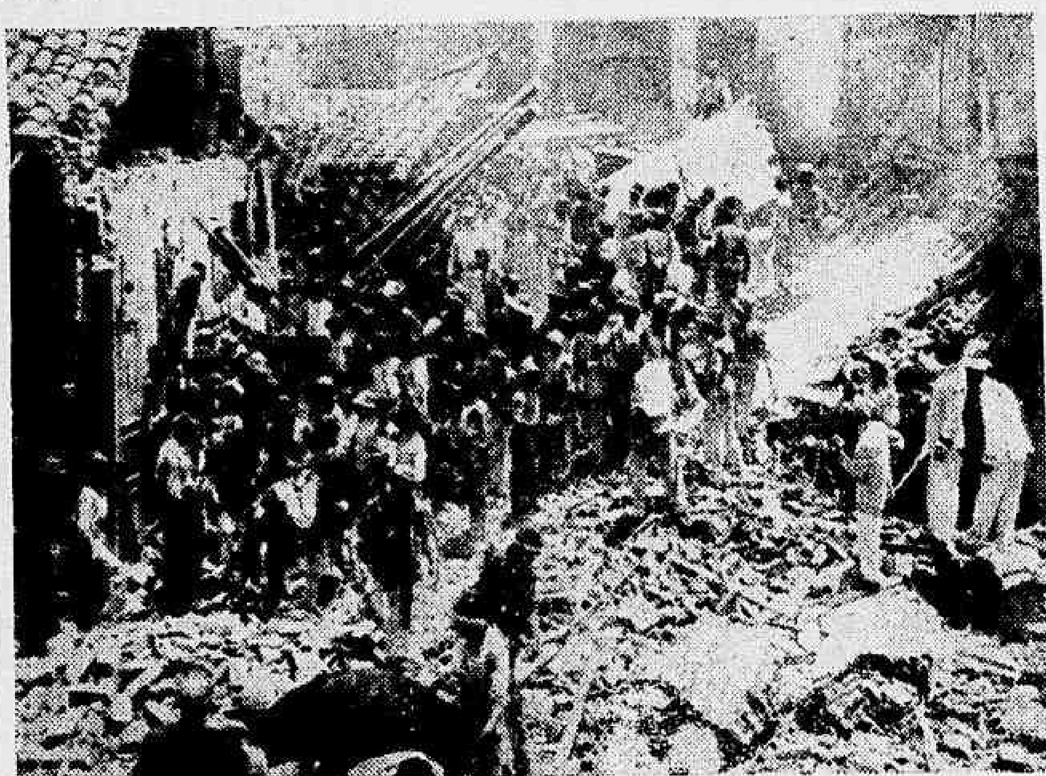
— Como é feliz o senhor.

OS THEATROS

O GRANDE ACONTECIMENTO artistico dos ultimos tempos foi a estréa lyrica da sra. Nicia Silva, primeiro premio do Instituto Nacional de Musica.

Essa estréa, feita no «Rigoletto», não podia ter sido mais auspiciosa e, desta vez, a critica poude consagrar á jovem artista brasileira palavras enthusiasticas sem a pecha de louvaminha.

A sra. Nicia Silva dispõe de uma voz extensissima, egual, de volume sufficiente, extremamente sympathica e bem «empostada». Cantou bem o duetto com o barytono, foi muito feliz na romanza — «Caro nome» — e no «allegro» do 3º acto e cantou e representou a scena da morte com a maestria de uma artista segura de si e habituada ao palco.



O HORRIVEL DESASTRE DE 25 DO CORRENTE NA RUA VISCONDE DO RIO BRANCO — Desabamento dos predios ns. 44 e 46. O primeiro estava em obras e no segundo era instalado o restaurant Vairo onde, na occasião do desastre, se achavam cerca de 30 pessoas. Resultaram da catastrophe seis mortos e vinte feridos

A Semana

Os paus de arara

Fogem dos Estados do Nordeste os camponeses e seus agregados, em busca de trabalho e vida mais possível nos Estados do Sul. Mas o fenômeno de demografia dinâmica já não é uma fatalidade do nordeste brasileiro. Da Bahia ao Estado do Rio, a fuga é alarmante. Do nordeste vêm levas e levas de retirantes a pé, por via fluvial e em «paus de arara», batismo pitoresco com que os próprios flagelados designaram os caminhões que fazem o novo tráfico de escravos em pleno século XX. Os trabalhadores dos campos de Minas, Estado do Espírito Santo e Estado do Rio, também estão correndo para o Rio. Diàriamente vemos pelas ruas mais centrais da capital federal, famílias inteiras a pedir auxílio aos que passam, a fim de matarem a fome ou seguirem viagem para São Paulo e Paraná. Gente maltrapilha, dormindo sob árvores, em recantos de garagem cedidos pela misericórdia de alguns proprietários, êsses brasileiros migrantes comovem o coração mais duro, pelo seu aspecto de deplorável miséria física e moral. Dizem que os governos estaduais estão proibindo o êxodo. As fronteiras dos Estados se fecham. Mas, não há sertanejo que abandone sua gleba apenas pelo desejo de fazer turismo. O que os expulsa é a necessidade de viver. E agora? Nem mesmo a esperança de um «pau de arara»...



Olga em liberdade



Uff! Olga Suely e seu irmão foram postos em liberdade definitiva quinta-feira, treze de novembro, em face da confirmação da decisão do Tribunal do Juri de Niterói, pelo Tribunal de Justiça do mesmo Estado, que julgou a apelação interposta pela promotoria pública. O resultado da Terceira Câmara Criminal do Tribunal de Justiça daquele Estado foi concludente: três votos a zero, contra o provimento do recurso. Na mesma data foi sôlta a martirizada ré, que passou pelos mais torturosos processos de julgamento de que há memória nos últimos tempos. Absolvida, era mantida prêsa em virtude de apelação. Até que, agora, a liberdade lhe foi outorgada definitivamente. Raramente se viu, na vida de nosso foro criminal, um julgamento que tenha despertado tanto interêsse na opinião pública como o de Olga Suely. Assassina beneficiada por uma imensa corrente da consciência pública, ela estava sob a alçada da justiça e compareceu ao banco dos réus repetidamente, travando-se entre defensores e acusadores as mais renhidas batalhas na seara do Direito Penal, até que, por fim, com a decisão do dia treze, foi ela posta em liberdade e encerrado o rumoroso e apaixonante caso. E a tumultuosa cidade de Caxias recebe Olga Suely e o irmão Dantas, pondo-se ponto final nesse drama trágico.

Em Revista

Agitam-se os médicos



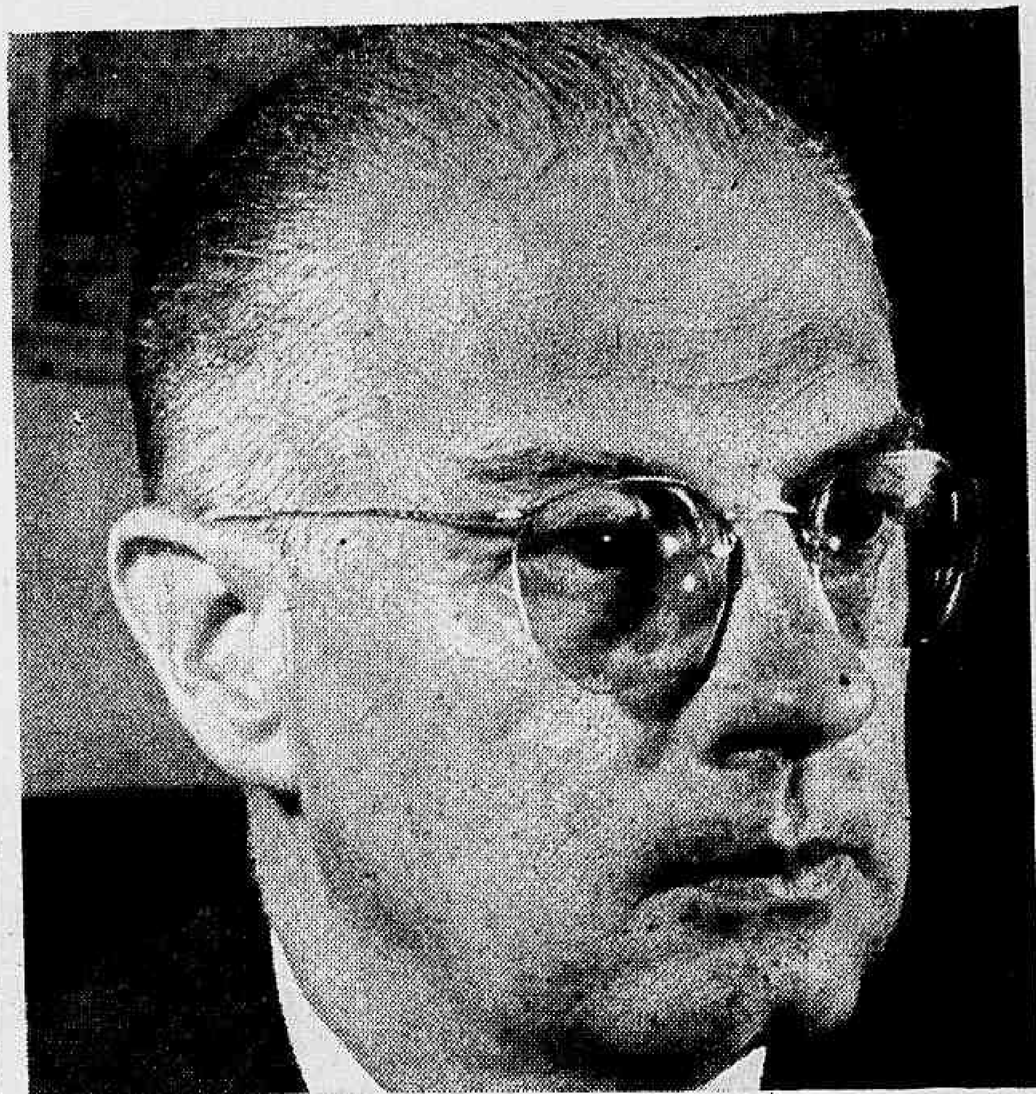
No auditório da ABI realizou-se, na noite de quinta-feira, 13 de novembro, uma assembléia dos médicos do Rio, promovida pela Associação Médica do Distrito Federal, a fim de tomarem providências sôbre a anunciada punição, por parte do govêrno, como represália à «Jornada de Protesto» realizada pelos médicos a 14 de outubro último. A assembléia teve grande concorrência, falando muitos oradores, remetendo-se à mesa da presidência muitas propostas, saindo vitoriosa a do Dr. Paulo Dias da Costa, nos seguintes têrmos: 1 — «Propomos que a classe médica não aceite as punições oriundas da «Jornada de Protesto», visto como foi um recurso destinado a fazer com que os poderes públicos ouvissem a voz da classe abafada pelo descaso. 2 — Que a A.M.D.F., no caso de se consubstanciarem as punições, se dirija com urgência à A.M.B. para que convoque o seu Conselho Deliberativo (antes mesmo de janeiro de 1953) para que seja tomada atitude oficial e nacional, se fôr o caso. 3 — Que a Assembléia se solidarize com as demarches empreendidas pela A.M.B. em todos os seus aspectos até agora.» Como vemos, o caso da primeira greve de advertência ameaça assumir um caráter muito sério, se não houver uma acomodação entre as partes desavindas: os médicos e o Ministério da Educação e Saúde.

A ira do Irã



A diplomacia é a arte de ser discreto. Um diplomata é um cidadão incapaz de andar com lero-lero, porque assim porque assado, inhem-inhem-chi-chi-chi-trololó... Quando surgiu a notícia de que o govêrno do Irã havia considerado «persona non grata» o nosso embaixador em Teerã, Sr. Hugo Gauthier de Oliveira Gondim, a reportagem da imprensa se movimentou e cada um que procurasse descobrir a causa dessa deplorável circunstância, que afastou aquêle diplomata brasileiro do buliçoso Oriente Médio. E houve tanto boato, muitos dêles até pitorescos, que a gente fica cada vez mais admirando a fertilidade da imaginação humana. É preciso que se saiba o seguinte: quando um govêrno considera indesejável determinado representante diplomático de outra nação, isso não o obriga a dar explicações. Não serve, não serve, e está pronto. Ora, se o govêrno persa nada divulgou sôbre os motivos dessa porta fechada para o nosso embaixador, como é que aqui no Rio, sem nenhum recurso para apreciar e desvendar o caso, vamos saber exatamente o que houve? Ao Ministério do Exterior é que cabe esmiuçar o assunto, não para dar satisfações públicas; mas para ficar registrado o caso e daí tomar suas medidas. Diplomacia é uma arte bastante discreta. E não admite afobações.

A PERSONAGEM da SEMANA



EDUARDO GOMES foi a personagem mais em foco esta semana. E' que o Brigadeiro estêve em longa conferência com o Presidente Getúlio Vargas e sôbre os motivos da mesma manteve-se um silêncio causador de celeuma e controvérsia, mesmo no campo de seus correligionários. Entende, entre êstes, o diretor do órgão udenista, que o Brigadeiro não se pertence e nada tem a ganhar com sua discrição. Liga-se ao encontro a significação que não pode deixar de ter, tratando-se dêsses expoentes de nossa vida política, máxime depois do apêlo do Presidente Vargas pela colaboração de todos os Partidos numa obra de remodelação administrativa profunda, em benefício da Pátria.

Sim... Sim...
a massa é AYMORÉ!



A qualidade
é essencial
na alimentação.

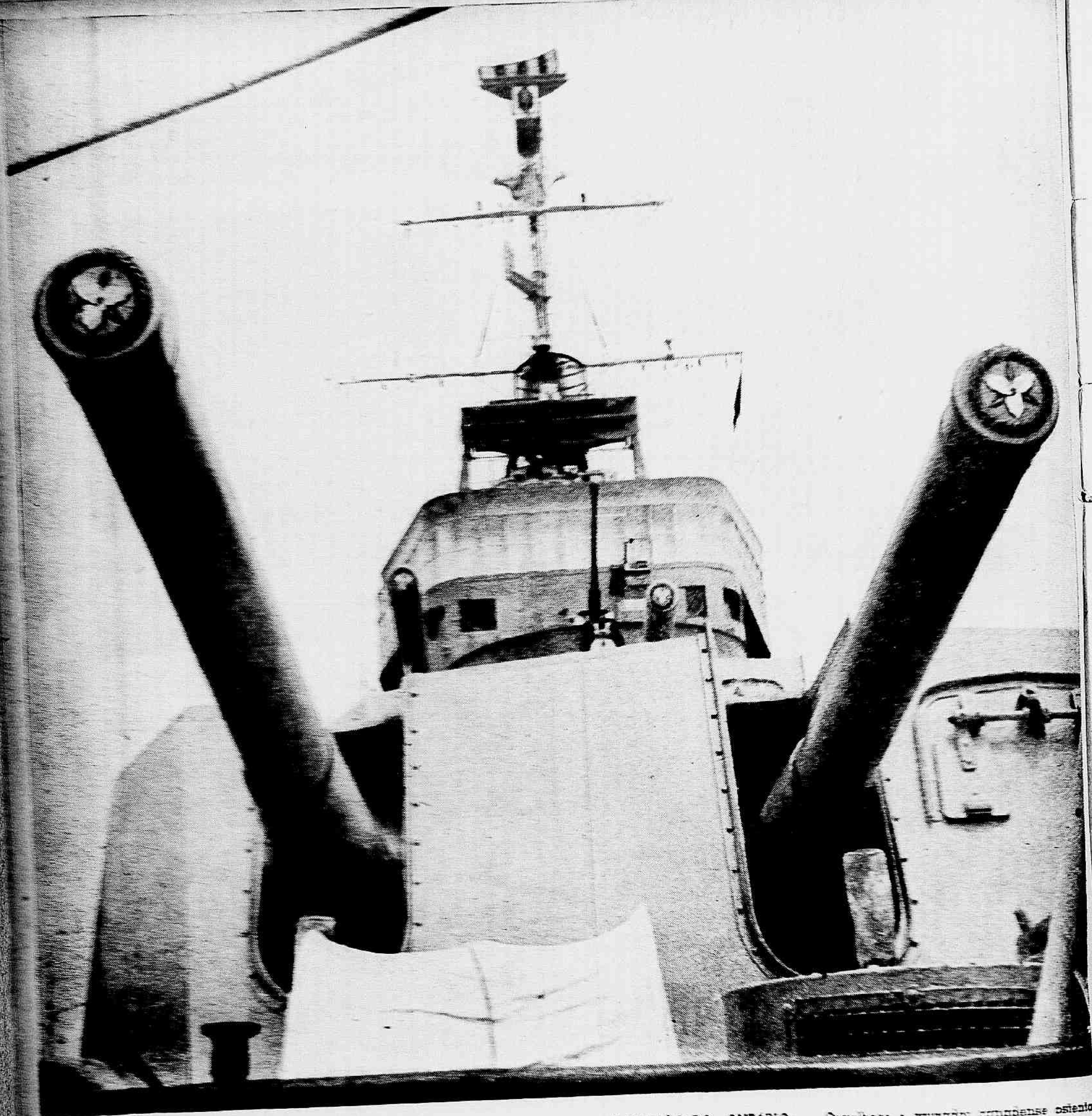
EXIJA

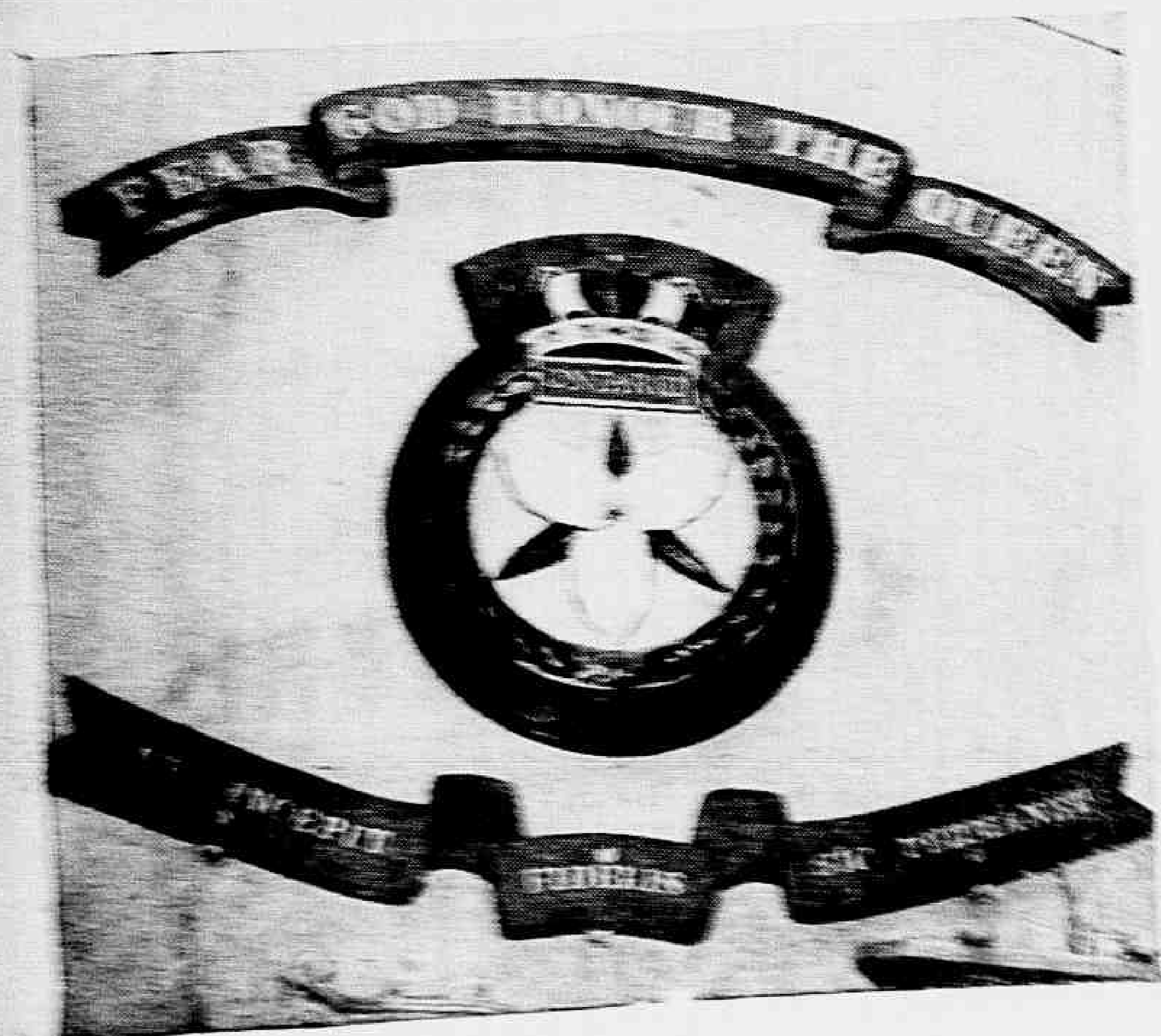
AYMORÉ



Ouça na Rádio Nacional, todos os domingos, às 22,10 hs, o programa Aymoré!

A MASSA QUE O POVO EM MASSA EXIGE!





O BRASÃO DO «ONTÁRIO» — Orgulhoso o cruzador canadense ostenta no convés, simbólico brasão: destacam-se, em inglês e latim, os dísticos: «Temor a Deus, honra à Rainha» e «Como começa fiel assim permanece»

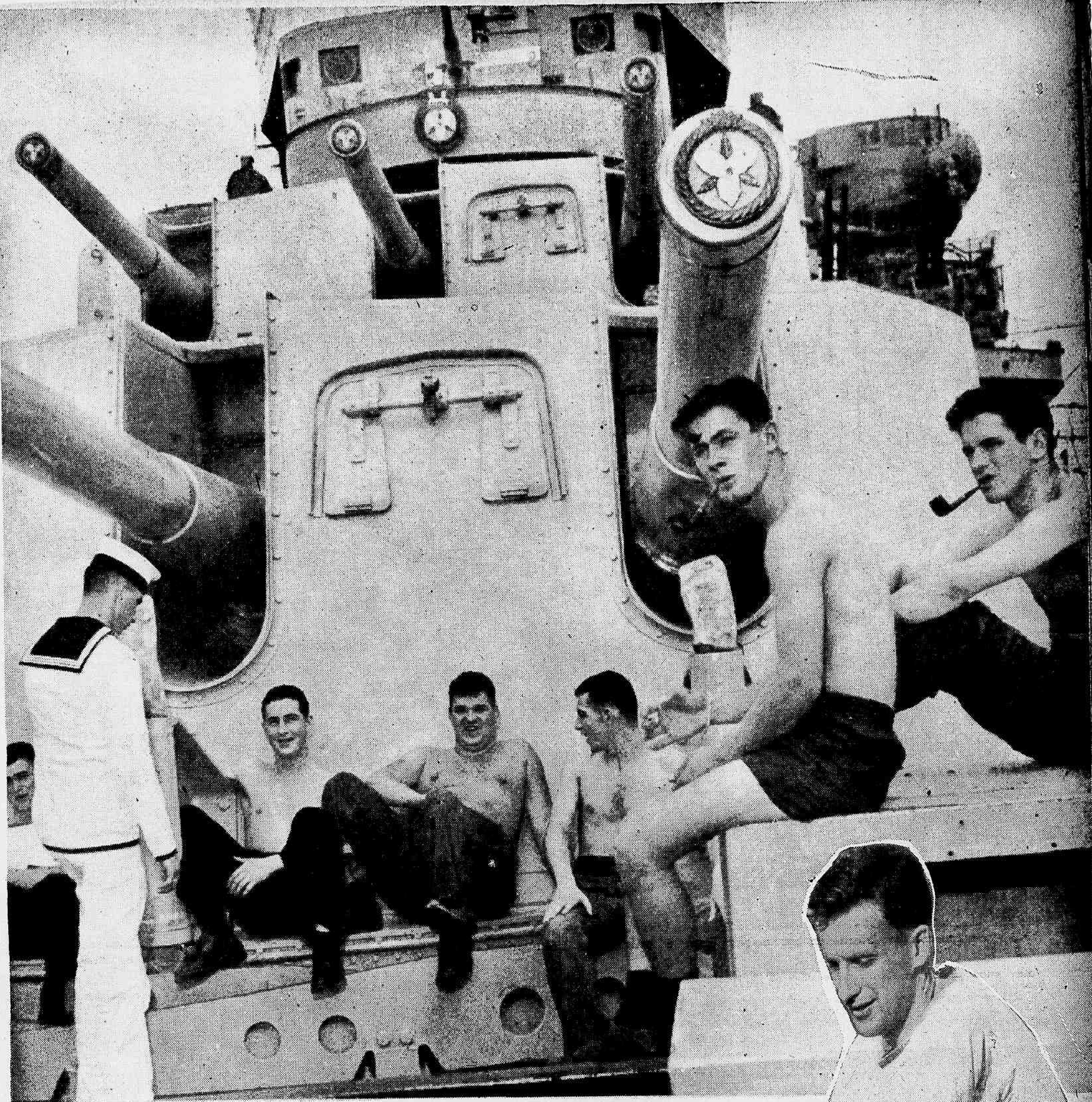
NO "ONTÁRIO" DE PAPO PARA O AR

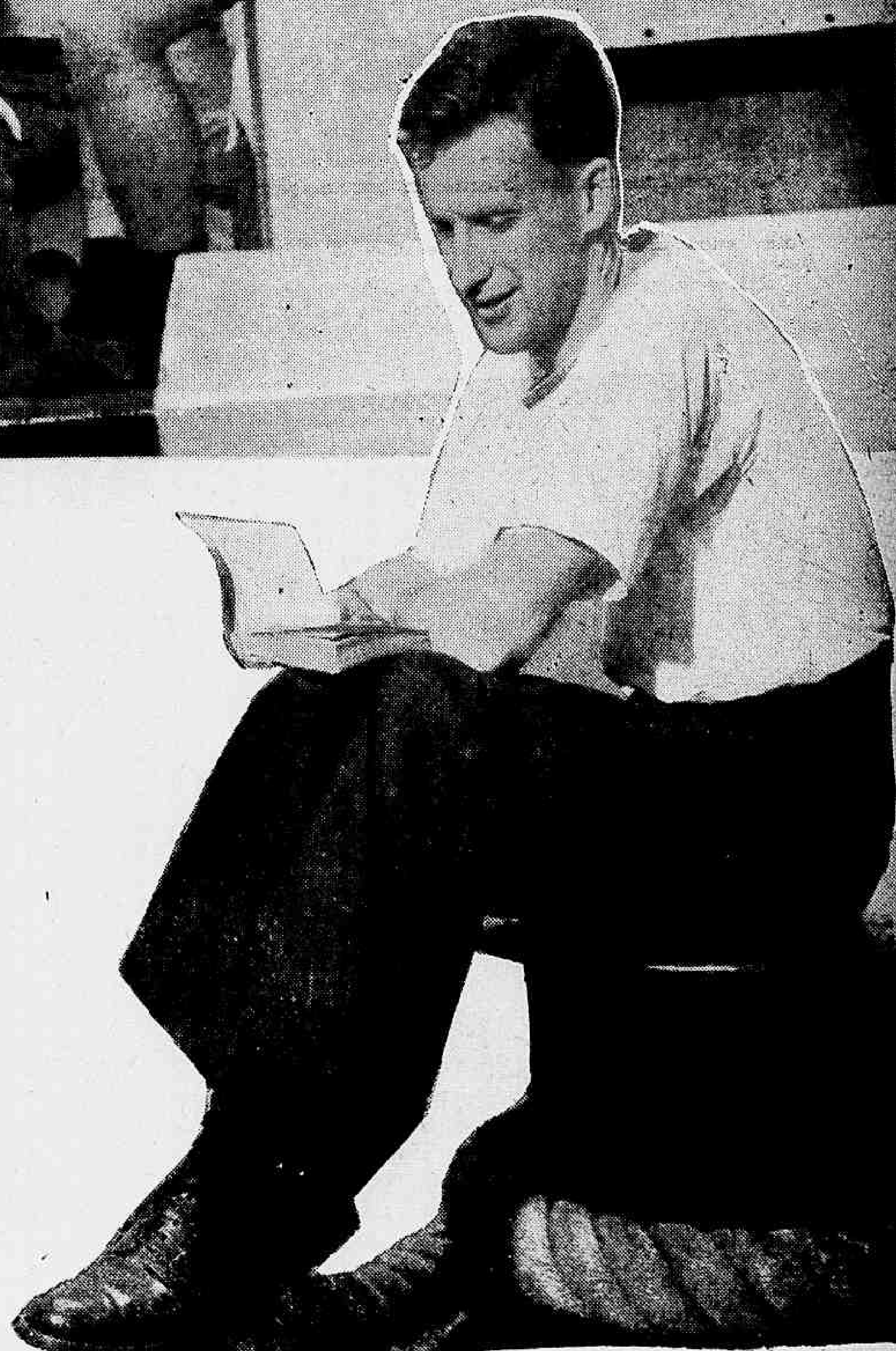
UM belo vaso de guerra do Canadá singrou garboso, águas da Guanabara, em visita de instrução e de cortesia ao nosso país. Era o H. M. C. S. Ontario, poderoso cruzador, modernissimo, construído em 1945, já depois da guerra.

Tivemos desejo de visitá-lo como se visita a um amigo, isto é, sem aviso prévio, sem formalidades, para ver na verdade um pouco indiscretamente como é a vida em casa dêsse amigo não preparada para receber visita, mas no desalinho natural de quem aproveita ao seu modo um domingo de folga.

Rumamos para a Ilha das Cobras onde se acha atracado o grande cruzador «His Majesty Canadian Ontario».

[illegible]





CORPO E ALMA — Enquanto uns, tomando sol, fumando cachimbo, conversam e contam as histórias de suas tatuagens, amôres e recordações, outro, atento em seu missal, pede a Deus perdão para os pecados.

UMA VISITA INESPERADA AO CRUZADOR CANADENSE QUE ESTÁ NO RIO ★ DUAS MISSAS POR DIA, A BORDO ★ MISSAL NA MÃO E TATUAGENS NOS BRAÇOS E NOS PEITOS ★ BANHOS DE SOL ★ "TEMOR A DEUS, HONRA À RAINHA"

Fotos de ALBERTO FERREIRA

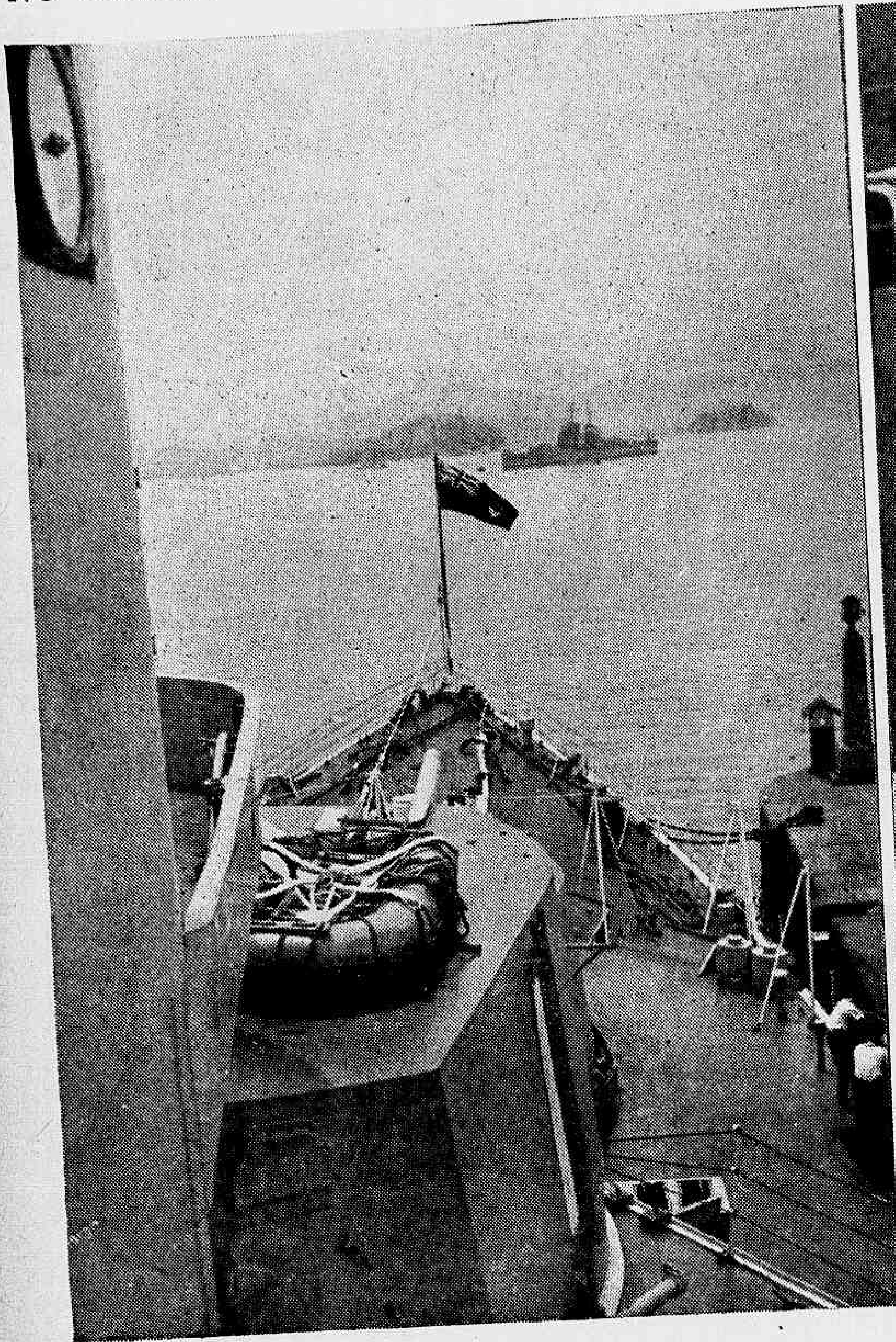
que em 1910 celebrizou-se pela revolta da marinhagem contra o govêrno do Marechal Hermes. A ilha, naquela época, fôra reduzida a um montão de escombros pelos canhões da legalidade, atirando de terra e dos navios, pode-se dizer, à queima-roupa. Agora está outra, reconstruída, rodeada de cais, com um formidável dique, que é o Rio de Janeiro, e onde navios de grande calado podem ser reparados.

Do outro lado da ilha, divisando-se a baía na sua maravilhosa beleza, estava ancorado o «Ontário». Saltamos do táxi no cais fronteiro.

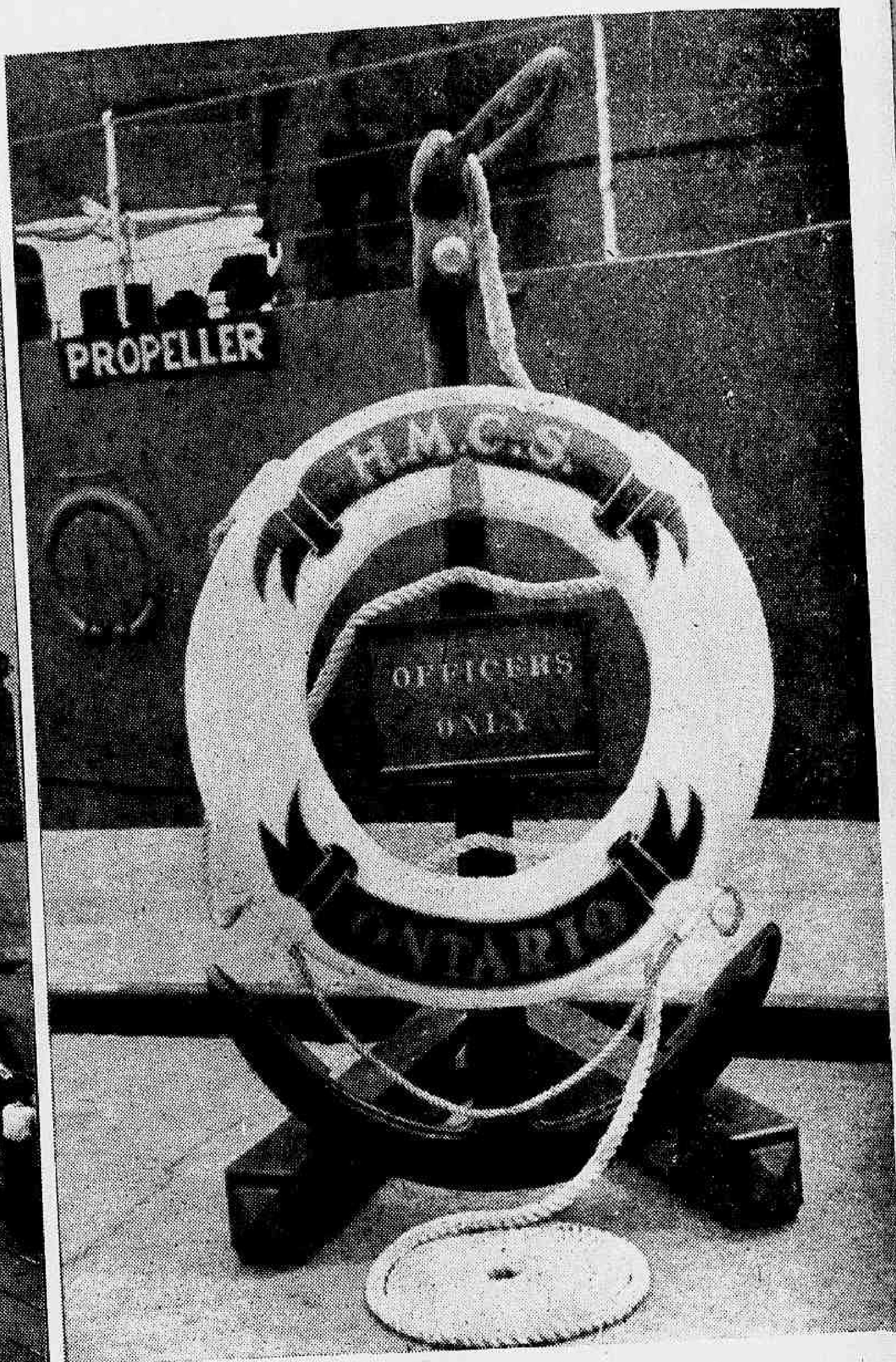
Um tenente de nossa marinha, alto e bonitão com aparência de Bob Taylor, atende-nos afàvelmente e se prontifica a nos recomendar aos canadenses.

Nesse instante, de bordo, fardados de branco, descem o comandante e a oficialidade. Somos apresentados. O comandante Stirling, muito amável, lamenta que cheguemos à hora em que vão saindo para a missa. Vários carros oficiais, alinhados no cais, vão recebendo os oficiais e partem. Ficam dois ou três, um dêles deve ser o capelão protestante, porque protesta logo que o querem também colocar num dos autos. Não, a sua missa é outra, diz êle, vai a um ofício divino.

Deus, lá de cima há de achar graça



O PAVILHÃO DO CANADÁ — Hasteada no mastro da proa do belo vaso de guerra, a bandeira da nação irmã é balançada pela brisa.



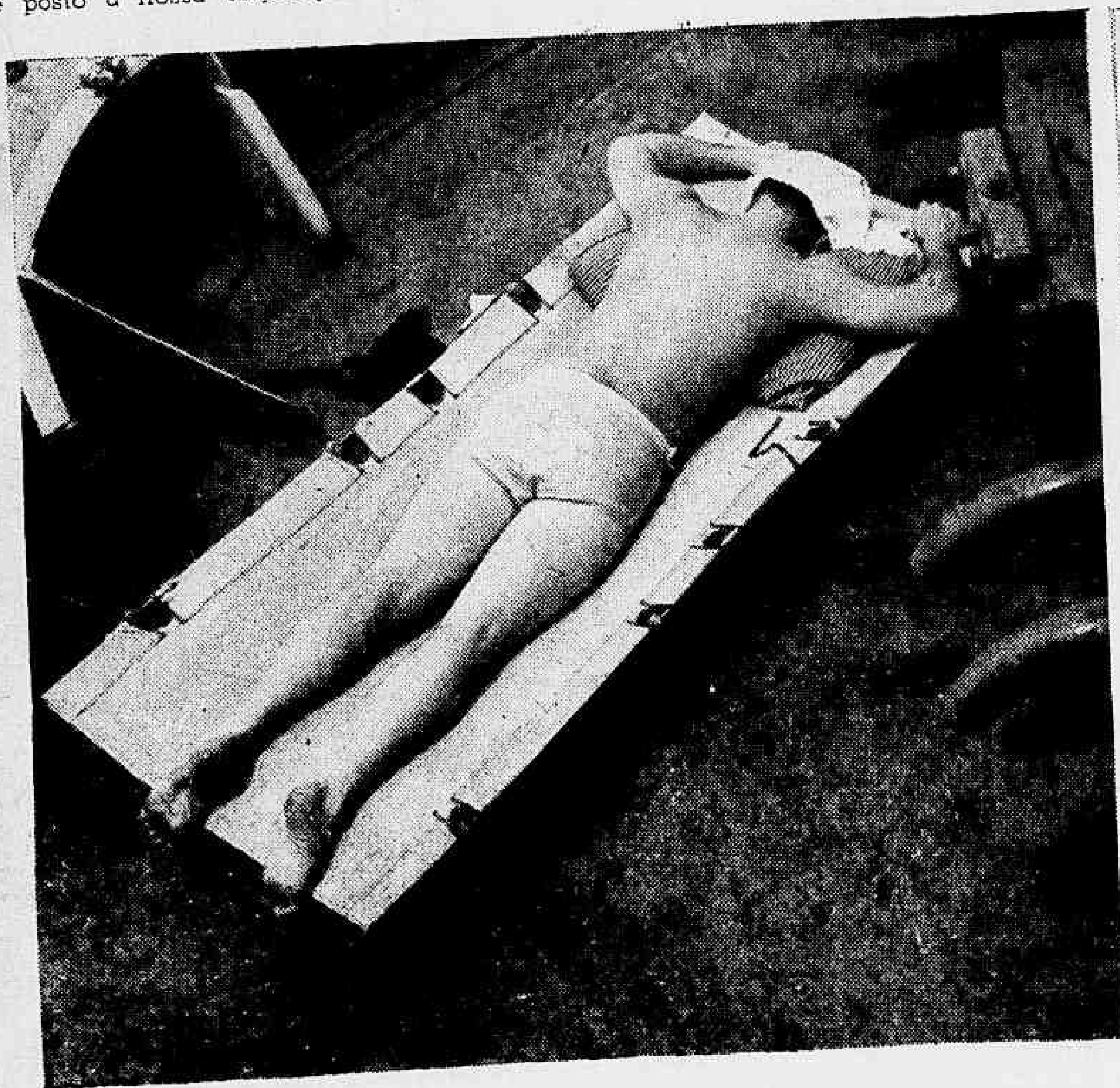
ÂNCORA E SALVA-VIDAS — No cais, ao lado do poderoso vaso de guerra canadense, como símbolos e insígnias do «ONTÁRIO»

das suas criaturas, pois que Êle é um Só...

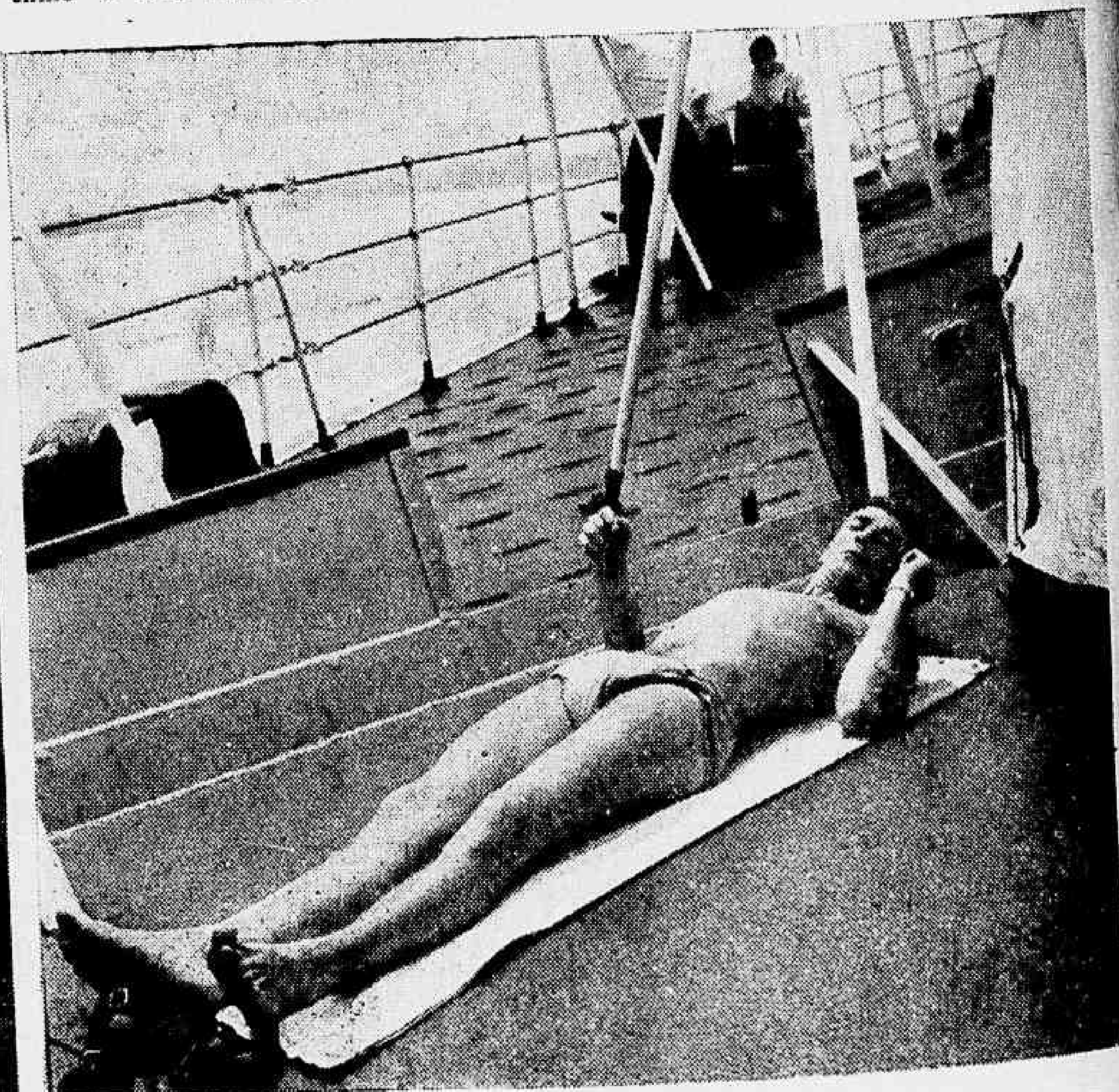
Subimos para bordo do «Ontário». Um oficial, o subtenente Willianson, é pôsto à nossa disposição e amàvelmente nos acompanha na rápida visita.

O navio de guerra, um belo cruzador, construído na Inglaterra, deslocando 10.000 toneladas e com um comprimento de 535 pés, parecia deserto. Os que não haviam descido em visita à cidade, estavam por certo nos beliches. Primeiro fomos à pôpa e ali ainda estava armado o altar, o crucifixo a sós, num meio de cadeiras vazias, dessas de armar e desarmar. O oficial nos explica que diàriamente há duas missas à bordo, isto é, uma missa católica e um ofício divino protestante.

(Cont. na pág 48)



BANHO DE SOL NOS TRÓPICOS — **Aquêles** marujos das terras frias do Canadá são vistos aqui **tostando a** pele ao sol brasileiro



TARZAN DO GÊLO — O marinheiro que a foto nos mostra está se regalando com os raios de sol do verão carioca. Vai chegar moreno.



A BANDEIRA E O TENENTE — Junto à bandeira amada de sua pátria, o subtenente Willianson perfila-se, à prôa do poderoso cruzador canadense «Ontário».



LIDO... VISTO...

GUETÁLIO...

NOSSOS amigos norte-americanos descobriram o Brasil, por volta do ano da graça de 1935, graças a Carmen Miranda, que um Schubert, prático e empresário, levou, mesmo sem saber inglês, para ser, num dos teatros da Broadway, a «bombshell» sul-americana.

Antes disso as massas apreciavam o café e sempre ligavam o nome de nosso país àquela desopilante comédia inglêsa, Charleys Aunt, que entre nós o cinema tornou conhecida como «A madrinha de Carlitos». Uma velha inglêsa, viúva de um brasileiro rico, Dona Dolores de Alvadorez (começam aí os conhecimentos sôbre nosso idioma) devia chegar a Oxford e, fiado nisso, seu sobrinho Charles convidara a namorada a vir ao seu apartamento onde, com os colegas, daria uma festinha. A velhota não chegou a tempo e um dos rapazes teve de se travestir, fingindo de tia, para que fôsse possível receber, de acôrdo com o código de bom-tom, a visita da mocinha na casa dos rapazes... Bons tempos aquêles... A moça fica encantada com a suposta tia e quer saber coisas do Brasil. E o estudante, tudo quanto consegue dizer sôbre nosso país é: Brazil the country from where the nuts come from... — isto é: «Brasil, o país de onde as castanhas vêm»... Como **nuts** também tem o significado de maluco, o trocadilho fêz rir à nossa custa gerações inteiras e associou sempre à palavra Brasil a idéia de terra de onde vêm as castanhas ou os loucos...

E assim continuávamos desconhecidos até pouco tempo. Comum é ouvir-se, nos Estados Unidos, cavalheiros amáveis, que ao saber que fala com um brasileiro lhe diz gentilmente: O sr. é do Brasil? Pois eu sei falar algumas palavras em sua língua: **«Como le va usted?»** — Ou então, num assomo de amabilidade: You are brasilian? I love tango..

Por isso, nada de admirar-se que há alguns anos atrás, num banquete dado em honra ao nosso embaixador Oswaldo Aranha, me perguntasse um americano, querendo mostrar-se muito conhecedor de nossos homens:

— Mas, qual é, afinal, a pronúncia certa do nome de seu presidente: **Guétalio Vargas ou Guetálio Vargas?**

RESPONDA ESTAS:

106 **Para que as abelhas fazem mel?**

107 **E' verdade que o coração fica mesmo do lado esquerdo do corpo?**

108 **Qual é o único país da Europa que fala sòmente uma língua?**

109 **Que são marombas?**

110 **Quem foi o almirante Lucifer?**

RESPOSTAS AS ÚLTIMAS

101 — Foi pintada entre os anos de 1496 e 1498, isto é, levou 2 anos Leonardo da Vinci no refeitório do Convento de Santa Maria delle Grazie a pintar sua Ceia imortal; 102 — Não se sabe exatamente senão que Omar Khayyan nasceu na última parte do 11 século e morreu na primeira do século XII; 103 — Mercúrio, 88 dias; Vênus, 225, a Terra 365 e 1/4; Marte, 687; Júpiter, 11 anos e 7/8; Saturno, 29 anos 1/2; Urano, 84 anos; Netuno, 165 anos, 104 — Assim foi chamada Mary Donelson, neta do grande presidente André Jackson; 105 — O decreto criando a nova bandeira do Brasil independente foi assinado no dia 18 de setembro de 1822 e foi José Bonifácio de Andrada e Silva quem o referendou

Maria Luísa e seu pincel de luz



A BIENAL DE SÃO PAULO nos revelou Maria Luísa Pacheco, a artista boliviana que usa, em vez do pincel, um facho luminoso que sua luz interior inspiradora guia de maneira mais luminosa ainda. "Mundo Hispanico", a artística revista que honra as artes gráficas e a cultura ibéricas, publicou esta página onde se vê a extraordinária criadora de imagens imperecíveis e de vibrações rutilantes e harmônicas. Como Picasso em 1950, Maria Luísa usa uma lanterna com a qual sua mão firme vai traçando, com riscos luminosos, belos contornos de fantástica beleza, depois fixados pela máquina fotográfica. Como disse fino escritor, Santiago Araña: "... e a luz foi signo e vida. E eis aqui, ademais, emoção e sentimento, âmbito de grandeza e espiral mágica de anímicas revivescências. Fios luminosos formando o contôrno pensativo de uma mulher quase em fuga de distâncias. Pirotécnica retorcida no esbôço de um rosto atormentado ..." Enfim, Maria Luísa é uma grande artista.

OUVIDO... ONTEM, HOJE, AMANHÃ... (JIM)

Macumba de Walt Disney?



TERIA SIDO MACUMBA de Walt Disney? Ouçam o resumo da história para responder. Um poeta, um cineasta e um desenhista franceses resolveram fazer esta coisa incrível: realizar algo capaz de rivalizar com grandes obras de Walt Disney, nos seus geniais desenhos animados de longa metragem. Assim, Paul Grimault, Prévent e André Sarrut meteram-se na emprêsa e depois de quatro anos de trabalhos concluíram "La Bergère et le Ramoneur", (A pastôra e o limpador de chaminés), história dos amôres de duas criaturas de fantasia contrariadas pelo tirano "Charles V et III font VIII e VIII font seise". 400.000 desenhos custaram 500 milhões de francos. O filme de que damos acima um desenho, foi apresentado na Bienal de Veneza e fêz enorme sucesso. Mas... os três autores estão brigando na Justiça e não se sabe quando o público conhecerá ou se chegará a conhecer essa maravilhosa criação do espírito latino. Teria sido macumba de Walt Disney?

POUCAS E BOAS...

● SUCESSO

No teatro de amadores o galã estreante, que já trabalha no programa de amadores do Rádio, em marcha ascensional para a Câmara dos Vereadores, volta radiante para o Café Amarelinho.

— E como foi a sua estréia como ator, pergunta-lhe o juiz Diocleciano Martins, que é escritor e pintor e um artista sempre interessado pelo sucesso alheio.

— Um êxito absoluto! Imagina que um senhor das torrinhas ficou de tal maneira entusiasmado que, não tendo mais flores para me atirar, jogou-me a própria espôsa.

— A espôsa? Ora essa, e por quê?

— Porque ela se chamava Margarida.

★

● **MARIDO E MULHER**

Querendo justificar-se o malandrão diz à espôsa:

— O casamento é como uma loteria, minha filha, enquanto um tira, por bambúrrio da sorte, um grande prêmio, os outros tiram bilhetes brancos.

— E' isso mesmo, Manuelzinho. Eu saí para você e você saiu para mim...

QUEM DISSE ISTO?

106 **«Dá duas vêzes quem dá depressa.»**

107 **«E' melhor um cão vivo que um leão morto.»**

108 **«E' preciso criar o interêsse dos brasileiros pelo Brasil e do Brasil pelos brasileiros.»**

109 **«A mulher é a obra-prima.»**

110 **«Tolerância é a melhor religião.»**

RESPOSTAS AS ANTERIORES:

101 — Está no Cântico dos cânticos, cap. I, v. 4; 102 — Frase de Napoleão Bonaparte; 103 — Habilíssima sentença do conde de La Rauchefoucauld, em suas célebres Maximes; 104 — Trecho de um manifesto de Diogo Antônio Feijó, o enérgico ministro da Justiça, a 24 de outubro de 1835. Aliás, a frase tôda fôra esta: «A progressiva introdução de colonos tornará inútil a escravidão, e com a cessação desta a moral e a fortuna dos cidadãos muito hão de ganhar»; 105 — A metáfora «pedra de escândalo» é mais de uma vez usada na Bíblia, como, por exemplo, em Isaías, cap. VIII, v. 14: **In lapidem autem offensionis, et in petram scandali duabus domibus Israel.**

PUXE PELO CÉREBRO

NOSSA PÁGINA DE TESTES — OS SEIS PONTOS DA CULTURA

Nenhuma resposta certa ..	Estado primitivo	Homem-macaco
De 1 a 3	Cultura inferior	Selvagem
De 4 a 6	Cultura média	Estudante ginasial
De 7 a 11	Cultura superior	Universitário
De 12 a 14	Genial	Um sábio
Tôdas as quinze		O gênio em pessoa

1 — DANIEL DEFOE, AUTOR DE «ROBINSON CRUSOE», ERA:

— Dinamarquês?
— Sueco?
— Inglês?

2 — QUEM ESCREVEU «GITANJALI»:

— Rabindranath Tagore?
— Walter Scott?
— Machado de Assis?

3 — QUAL A VELOCIDADE DE UM FILME PROJETADO NA TELA:

— 24 quadrinhos por segundo?
— 82 quadrinhos por minuto?
— Ou 60 por segundo?

4 — QUEM ERA O TANNHAUSER DE WAGNER:

— Uma montanha da Turíngia?
— O fantasma de um castelo?
— Um cavaleiro?

5 — QUE QUER DIZER «CASCAVILHAR»:

— Descascar batatas?
— Remexer, procurando algo?
— Preparar cascas de árvores?

6 — EM QUAL DESTES ELEMENTOS É ENCONTRADA A CASEINA:

— No leite?
— Na carne de porco?
— Na banana d'água?

7 — O EMBUÁ É:

— Lepidóptero?
— Miriápode?
— Hematófago?

8 — UMA COISA SETIFORME TEM:

— Aspecto de sêda?
— Feita em forma de um sete?
— Ou à maneira de seta?

9 — QUAL O PLURAL DE SALVE-RAINHA?

— Salves-Rainhas?
— Salve-Rainhas?
— Salves-Rainha?

10 — O QUE VEM A SER O SAMORIM:

— Um peixe africano?
— Título do antigo rei de Calecut?
— Ou uma região da Ásia?

11 — QUE SIGNIFICA A PALAVRA «SOBRAL»:

— Excesso de águas de [illegible]?
— O mesmo que sótão?
— Lugar onde há sobreiros?

12 — QUE QUER DIZER «CASA DE ORATES»:

— Mercado?
— Habitação de madeira?
— Casa de loucos?

13 — UM «MANICÓRDIO» VEM A SER:

— Camisa de fôrça?
— Instrumento musical?
— Algemas?

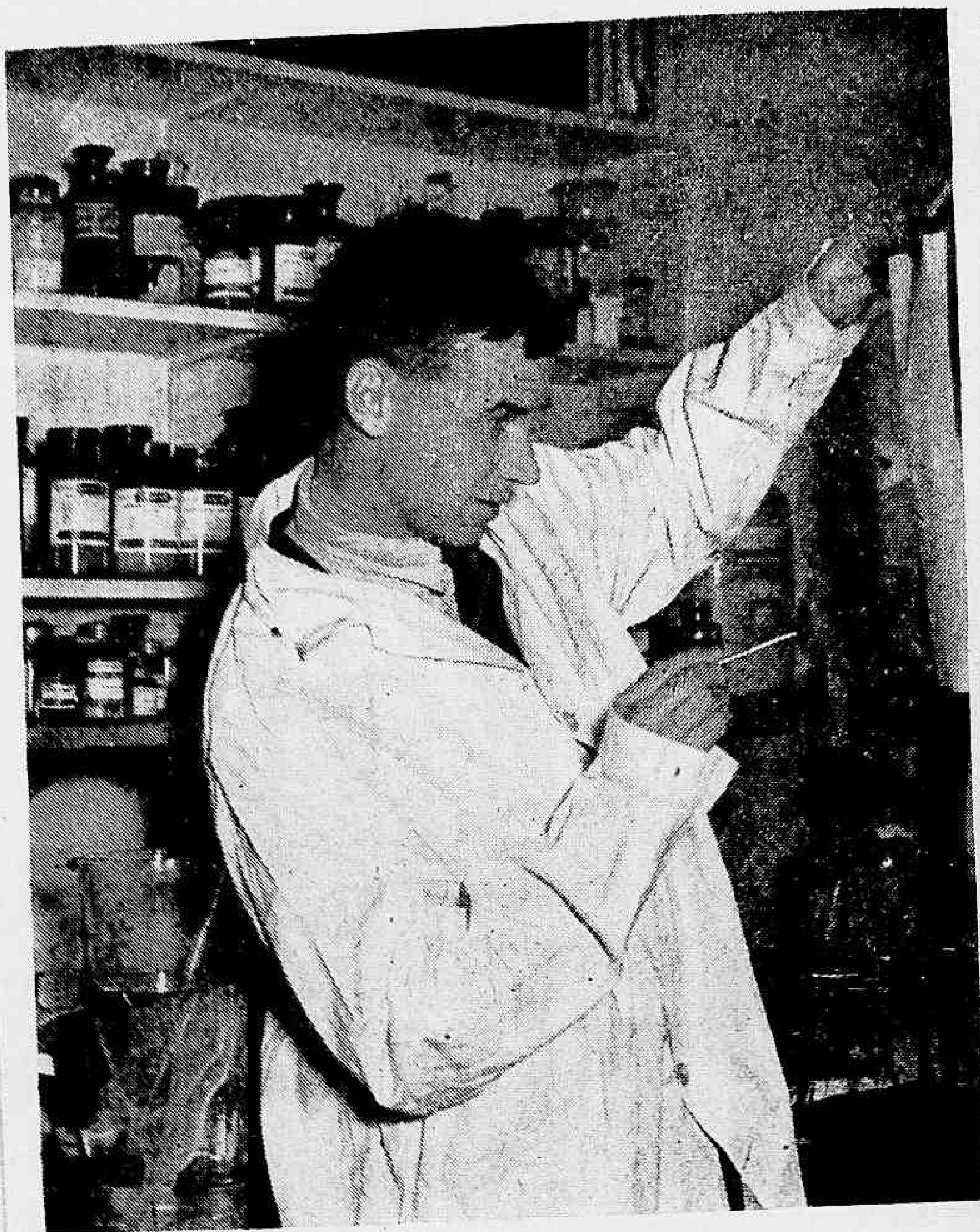
14 — A PALAVRA «MACARRO» É:

— Adjetivo?
— Verbo?
— Substantivo?

15 — UM «JUBILEU» QUANTOS ANOS TEM:

— Cinqüenta?
— Trinta?
— Cem?

(Respostas na página [illegible])



DOIS INGLÊSES GANHAM O PRÊMIO NOBEL

O sábio inglês, dr. Richard Lawrence Willington Synge, notável em todo o mundo pelos seus trabalhos nos domínios da Química, teve seus méritos reconhecido pelo maior galardão que poderia receber. Em Birehan Wood, Hertfordshire, onde reside, recebeu êle a notícia de que, conjuntamente com outro cientista inglês, ganhara o Prêmio Nobel de Química.





DUAS RAINHAS DEMOCRÁTICAS

A Rainha-mãe, da Inglaterra, Elizabeth e o Premier Winston Churchill fardado de Commodore do Ar, estiveram presentes em Biggin Hill, nas comemorações à Batalha do Ar, a defesa heróica que a RAF sustentou contra os ataques aéreos alemães. Em baixo, a rainha Frederica, da Grécia, quando, ao lado do rei Paulo, a cinqüenta milhas de Atenas, inauguravam o novo abastecimento de água. E a rainha bebe com as mãos!



PASSATEMPO

LIDERGRAMA N.º 31

A	O dia anterior →	79	1	108	26	127		
B	Diz de novo →	98	137	31	12	45		
C	Rejeita; repele →	75	38	53	91	68	120	14
D	Regar, molhar →	148	48	88	118	65	128	109
E	Atrai; fascina, encanta →	3	40	99	151	13		
F	Tirano; opressor →	41	102	4	78	24	144	64
G	Procura saber; investiga →	49	146	15	100	37	76	
H	Naturais da Cafraria →	147	74	93	43	5	111	
I	Mau cheiro; bodum →	142	50	73	6	33	110	
J	Obrar; executar; realizar operações →	29	7	44	63	84	136	
K	Parte posterior do pescoço →	154	18	51	82			
L	Astuciosos →	155	83	59	42	117	16	134
M	Instrumento com que se joga tênis →	8	153	90	115	69	28	103
N	Intumescer; ficar inchado →	129	107	19	150	46	87	
O	Forma leve de teatro musicado →	34	47	9	80	60	135	149
P	Seca completamente; torna-se sêco →	138	57	17	143	97	72	126
Q	Resultados felizes →	2	141	52	123	89	22	
R	Derrete; liquefaz →	119	133	10	101	66		
S	Cobiçam, têm inveja →	131	104	125	92	114	27	56
T	Cogumelos agentes de fermentação →	132	71	96	145	25	62	116
U	Balançam, hesitam →	94	30	105	124	55	36	152
V	Grão de cereais →	130	20	39	112	58	81	140
W	Vazias →	85	61	122	77			
X	Grande faca →	70	113	121	23	106		
Y	A mesma coisa; o mesmo autor →	95	11	32	67			
Z	Medidas de superfícies →	54	35	86	139	21		

EXPLICAÇÃO — Para se achar a solução do LIDERGRAMA, escrevem-se as respostas aos conceitos no quadro vertical que se encontra à frente dos mesmos, cada letra em uma casa. Depois se transportam para o quadro de baixo as letras das palavras achadas, colocando-se cada uma delas na casa correspondente ao seu número. Lendo-se de cima para baixo as letras iniciais das palavras do quadro vertical veremos que se formou o nome de um autor e o título de uma de suas obras e, no quadro de baixo, uma vez completo, lendo-se da esquerda para a direita, teremos um trecho da mesma obra.

					A 1	Q 2	E 3	F 4	H 5		I 6	J 7	M 8
O 9	R 10	Y 11	B 12	E 13	C 14	G 15	L 16		P 17	K 18	N 19	V 20	Z 21
Q 22	X 23	F 24		T 25	A 26		S 27	M 28	J 29	U 30		B 31	Y 32
	I 33	O 34	Z 35	U 36	G 37	C 38	V 39		E 40		F 41	L 42	H 43
J 44	B 45	N 46		O 47	D 48	G 49	I 50	K 51	Q 52	C 53	Z 54	U 55	S 56
P 57	V 58	L 59	O 60		W 61	T 62	J 63	F 64	D 65	R 66	Y 67		C 68
M 69		X 70	T 71	P 72	I 73	H 74	C 75		G 76	W 77		F 78	A 79
U 80	V 81	K 82	L 83		J 84	W 85		Z 86	N 87	D 88	Q 89		M 90
C 91	S 92		H 93	U 94	Y 95		T 96	P 97	B 98	E 99	G 100	Z 101	F 102
	M 103	S 104	U 105	X 106	N 107	A 108	D 109	I 110		H 111	V 112		X 113
	S 114	M 115	T 116	L 117	D 118	K 119	C 120	X 121	W 122	Q 123	U 124	S 125	P 126
	A 127	D 128	N 129	V 130		S 131	T 132	R 133	L 134	O 135	T 136	B 137	
P 138	Z 139		V 140	Q 141	I 142	P 143	F 144	T 145	G 146	H 147	D 148	O 149	
N 150	E 151	U 152	M 153	K 154	L 155						Ctuner-Rio		

SOLUÇÃO DO LIDERGRAMA N.º 30: C. C. VIGIL. — VIDA ESPIRITUAL. — "Qualquer coisa — a água, o pão, o estudo, o exercício — pode ser proveitosa ou prejudicial; depende da quantidade, do momento e da forma pela qual vier a ser empregada."



SHANGRI-LA DO PERU

Jesus Alberto de Asin — o campeão sul-americano de excentricidade— é o proprietário de uma pequena Shangri-Lá, que se encontra na localidade de Chossica — no Peru. Garrafas, estátuas caríssimas, armas, são alguns dos objetos que constituem «o seu refúgio».

AQUICITO - A CIDADELA MÁGICA DOS ANDES

Fotos de DARIO TERINI

Texto de Domingos DE LUCCA JÚNIOR

CHOSSICA — PERU — Jesus ofereceu-nos um brinde, em seu esquisito bar, estranhamente montado dentro de um vagão ferroviário, incrustado num dos lados do monte gigantesco. «Al Brasil» — fêz êle com um sorriso, enchendo nossas taças. Lerner, o gordo e simpático repórter de «Última Hora», de Lima, sorveu, em pequenos goles, o delicioso Beneditino. Eu e Terini levamos os cálices à bôca e nos entreolhamos. Nada saíra, absolutamente nada! Jesus riu desbragadamente: «Ah! Peguei mais dois brasileiros!... Tomou-nos os cálices e explicou, com a alegria de uma criança que prega uma peça à mãe: «O fundo é falso... trouxe da Alemanha. Mas, são formidáveis não é mesmo?»

A SHANGRI-LÁ DE JÉSUS

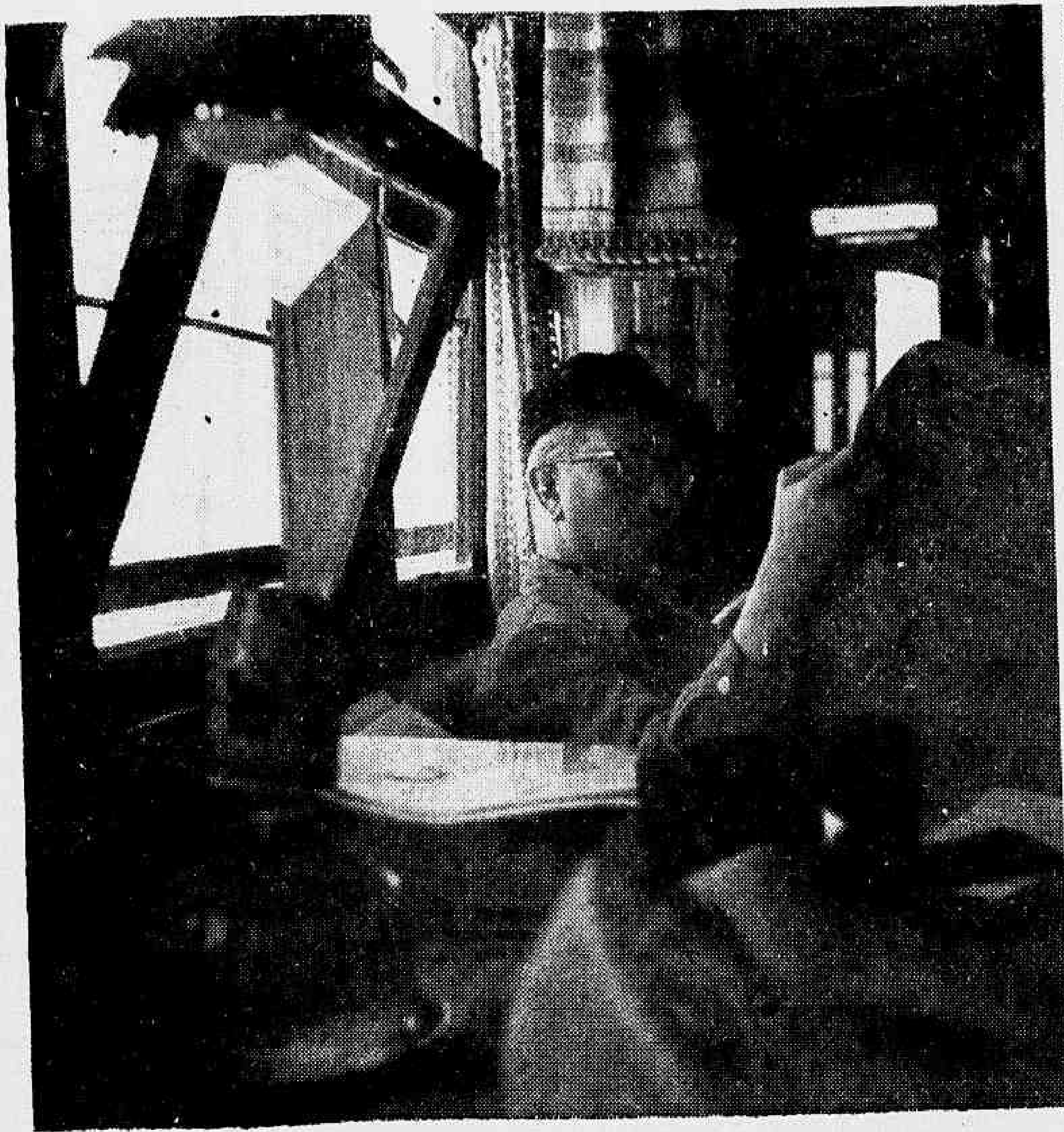
Jesus é um tipo engraçado. Seu nome todo é

JESUS ALBERTO ASIN, UMA CRIANÇA, AOS 45 ANOS, É O CAMPEÃO DE EXCENTRICIDADE DAS AMÉRICAS ★ BOIS, CEMITÉRIOS, VAGÕES FERROVIÁRIOS, AUTOMÓVEIS E BARES INCRUSTADOS NOS ANDES ★ COMPROU UM MORRO, ESPECIALMENTE PARA CONSTRUIR!

Jesus Alberto de Asin e muitos o chamam de campeão da excentricidade, enquanto os «cholos» — mestiços de índio — fazem preces ao deus Sol, quando passam por sua propriedade, insistindo em qualificá-lo de louco.

Jesus é rico. Rico não, riquíssimo. Descende de tradicional família de criadores de touros miúra — próprios para touradas — e, desde pequeno teve, ao alcance das mãos e sem calos, tudo que desejou. Namorou, viajou tôda a América do Sul, Europa, África, Ásia e América do Norte. Conheceu personalidades e chegou a tomar o café da manhã em Paris, almoçar em Madrid e jantar em Lisboa. Mas tudo o foi cansando e um dia, talvez após ler «Paraíso perdido», resolveu criar uma «shangrilàzinha» só para si.

Vivia, nessa época, em seu palácio de Lima. Estudou, pensou, consultou amigos e resolveu que seu paraíso deveria ser em Chossica, localidade que dista cêrca de 100 quilômetros da Capital peruana e tem sol durante todo o ano. Chossica é uma jóia dos limenhos, guardada com carinho e elogiada sob o menor pretexto.



Jesus Alberto de Asin é riquíssimo. Descende de tradicional família de criadores de touros. E' uma criança de quarenta e cinco anos.



Não seria possível — nem ao próprio Jesus — saber ao certo, ou mesmo aproximadamente, quantas são as peças existentes, ao todo.

E Jesus, cujo dinheiro lhe faz cócegas às mãos, foi para Chossica. Andou, rodou e resolveu plantar sua cidadela, que o defenderia contra os que não desejava ver e conversar, nas encostas abruptas da Cordilheira dos Andes. Comprou, então, um terreno que de plano só tem uns 100 metros quadrados, restando, após isso, o monte majestoso que parece se desprender da terra, para, num esfôrço de gigante, alcançar o céu tranqüilo e azul de Chossica.

SURPRÊSAS DE «AQUICITO»

Assim nasceu Aquicito, nome dado por Jesus ao seu paraíso terreno. Na parte plana, construiu uma casa esquisita, cujo interior faz inveja a muito museu de Capital, tal a variedade de velharias valiosas que contém. Para enfeitar o morro nu e despido de vegetação, foi adquirindo várias coisas. De início, comprou um vagão de ferrovia, no qual instalou seu gabinete de trabalho, fêz adaptar um dormitório e um banheiro. Mais acima, numa plataforma de concreto armado, mandou colocar um automóvel modêlo mil e oitocentos e pouco. Mais além, um touro miúra, empalhado e foi construindo, a par com as novas instalações, caminhos, escadas, locais de descanço.

Milhares de estatuetas juncam, hoje, a encosta rochosa, que ficou transformada em motivo de atração turística. Contudo, Jesus explica: «Turistas, não... Fiz isto para mim. Quem quiser ver de fora que veja, mas, entrar aqui é muito diferente.»

COISAS DE LOUCO

Quando se inicia a íngreme subida do monte, a despeito das escadas e dos caminhos, cansa-se. Porém, vale o cansaço, pois cada passo é uma surprêsa, cada surprêsa motivo de meditação ou de riso.

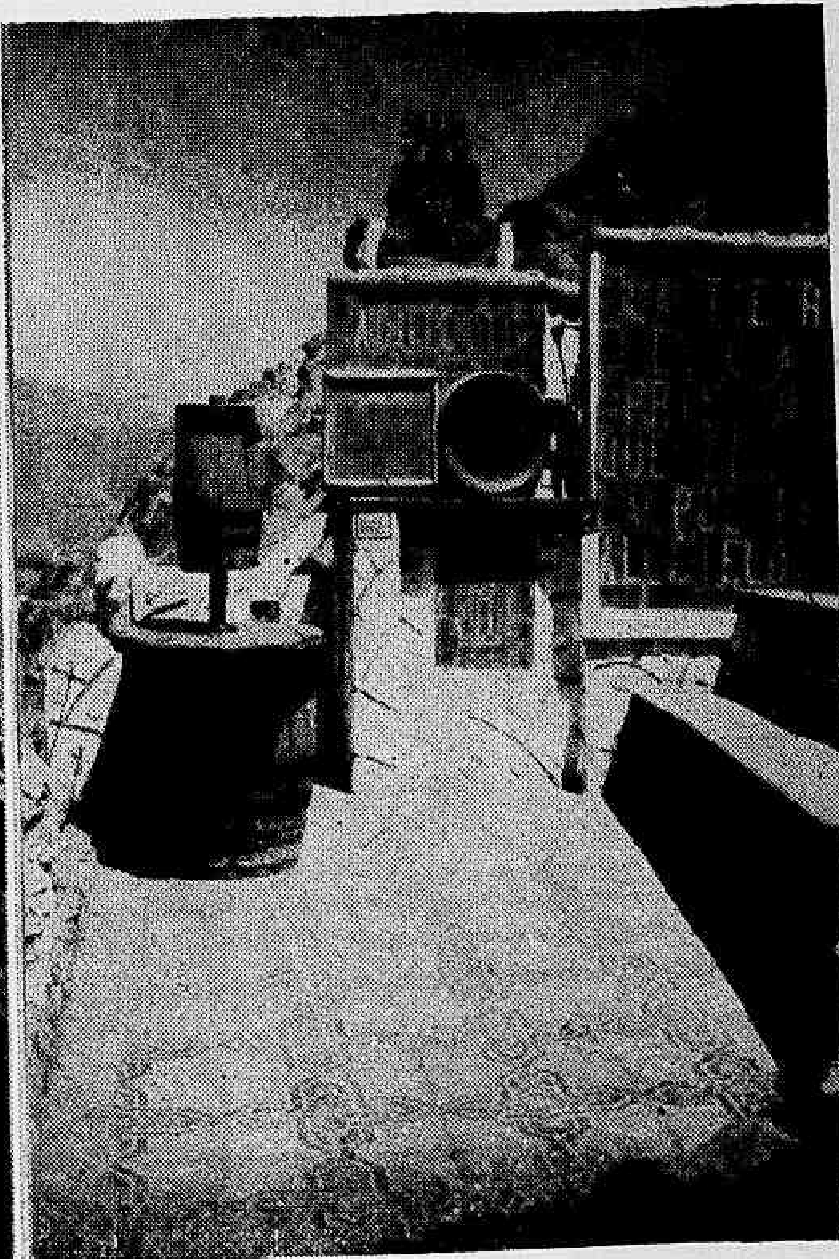
No início da escalada, como um guardião gigante, há um cachorro, imitação perfeita de uma marca de disco musical. Mais acima, vamos encontrando estatuetas, lages com poesias, ditos populares, frases soltas gravadas na rocha, uma lanterna chinesa, uma enorme garrafa, um bar ao ar livre, a miniatura de um cemitério, uma rampa escorregadia, com os dizeres «Escorrega Sogra», uma chave com mais de um metro de comprimento, que Jesus explicou ser



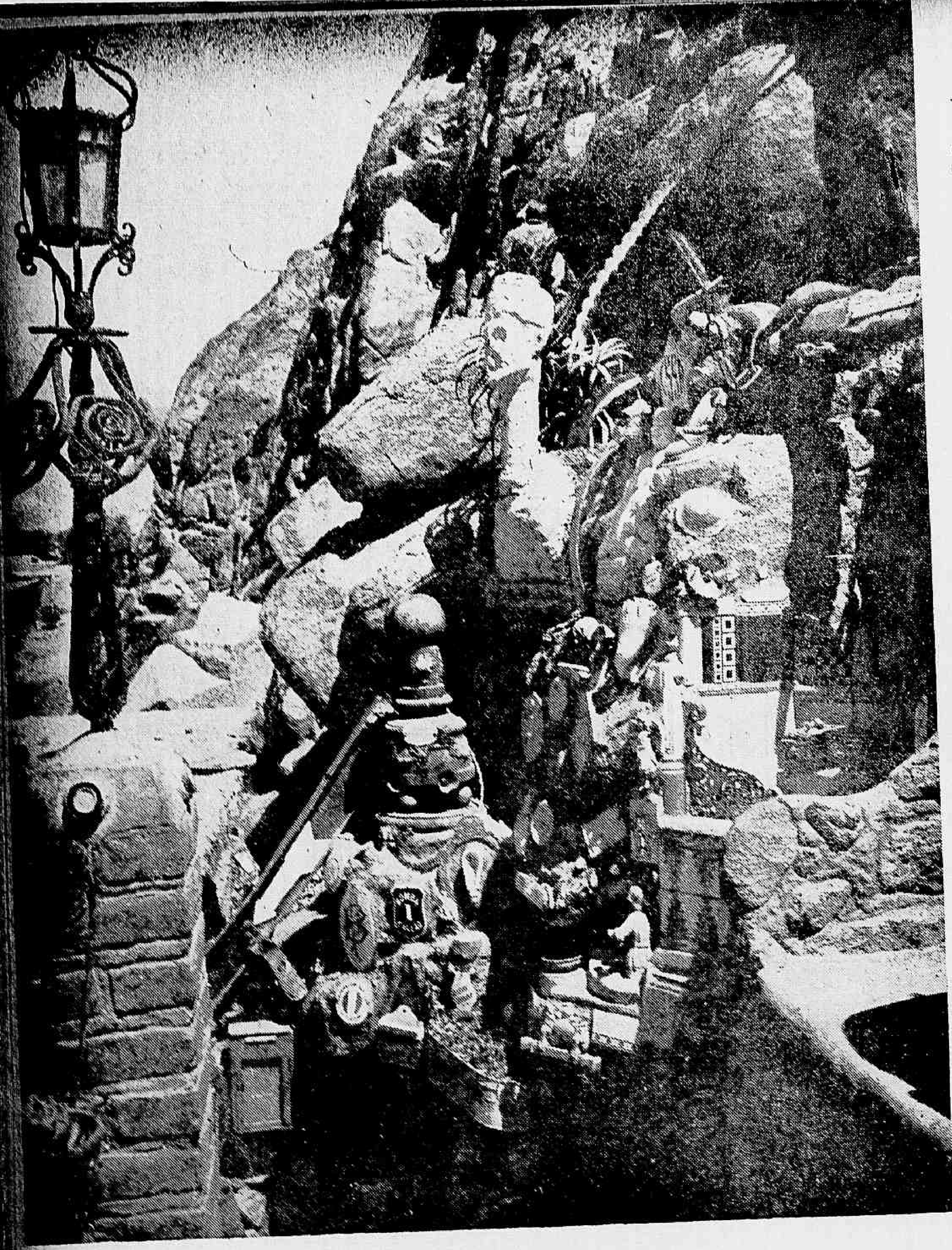
Um automóvel velhíssimo, com a placa «El Luchador», é um dos enfeites do monte. E' um detalhe de Aquicito, a Shangri-Lá do Peru.



Uma bomba de avião e a enorme «chave do céu». Significado filosófico? Tem: — depois da destruição, o céu (ou o inferno).



Êste é o bar ao ar livre, onde Asin, seu dono, fêz escrever a seguinte frase: — «Esta terra é uma prisão que tem a porta no céu».



AQUICITO: CIDADELA

a chave do céu; uma bomba de avião sem carga e mais uma infinidade de curiosidades interessantes.

A FILOSOFIA DE ASIN

Jesus Alberto de Asin tem, mais ou menos, 45 anos. É solteiro e, desde muito moço, tem êsse espírito gozador. Nas paredes de sua casa, vemos fotos de sua mocidade: vestido de padre, de general do exército, de bombeiro e até de mulher.

Gosta de brincar e tem, em tudo, uma pontinha de filosofia: À pergunta do repórter: «Quanto gastou, até o momento, para fazer isso tudo?», respondeu com simplicidade: «Ora, velho, eu sou solteiro...» E, compreendemos, perfeitamente, que o homem solteiro não tem que dar satisfação a ninguém. Em seguida, interpelado sôbre quantos anos demorara para construir aquela raridade e quantos mais levaria, para tocar o tôpo do morro, Asin sorriu e explicou: «Bem... eu realizei um plano quinquenal e agora entro em outro... Vamos ver...»

Asin é assim mesmo. Brincalhão, curioso, não topa palpites e nem fotografias. «Uma vez me fotografaram e publicaram uma reportagem dizendo que eu era louco. Veja lá se o senhor vai fazer o mesmo. Veja que tenho muitos amigos no Brasil...»

E Jesus vive ali. Cercado, sem dúvida, de todo o confôrto, distante do mundo que o cerca de perto e ao par de tudo que se passa. Nem bem o sol banha os tôpos da Cordinheira e Asin já está em pé. Banha-se e vai para o vagão ferroviário. Ali encontra os matutinos que chegaram de Lima. Sorve seu café e, das venezianas, sem que ninguém o veja de fora, vê, perfeitamente, a frente de seu terreno e quem o procura.

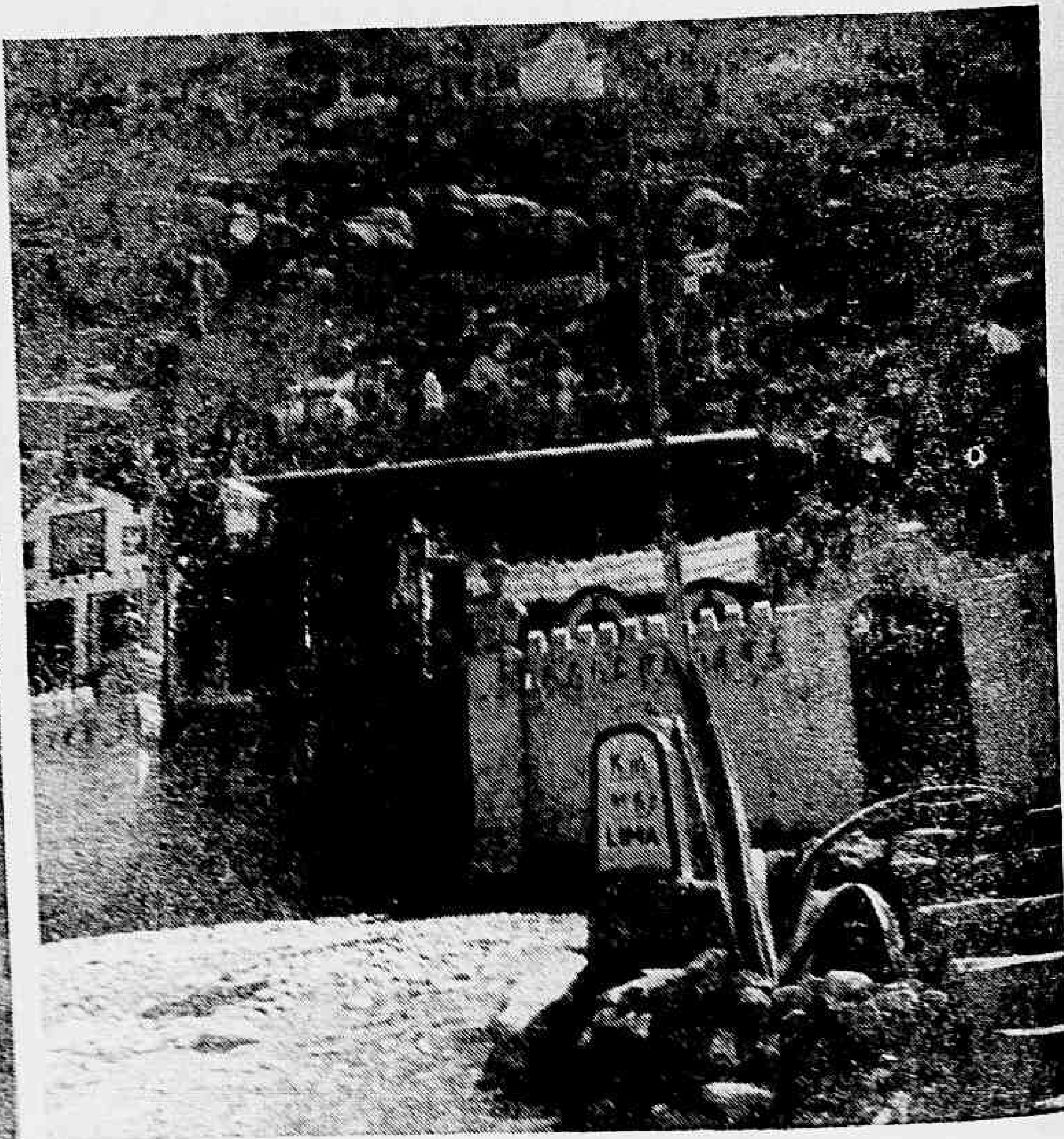
Para entrar no vagão é preciso tocar uma sineta. Se você não fizer isso, êle se levantará e o mandará voltar para fora. «Toque o sino, espere que eu diga entre e venha, diz êle rindo, satisfeito consigo mesmo.

Lá dentro, no vagão, há deslumbramento, mistério, surprêsa. A cigarreira na qual êle ofereceu cigarros ao Terini, horas depois da piada do licor, dá choque, um frade, que carrega um enorme cesto às costas, leva, dentro dêste, uma mulher despida; um burrinho de aparência triste, que está acima do balcão, dá pequenos coices. Jesus, qual criança maravilhada numa loja de brinquedos, nos explica o funcionamento de cada quinquilharia e de onde

O excêntrico solteirão tem a mania de colecionar obras de valor artístico inestimável, e nem mesmo sabe o que possui na sua rica mansão.



Outra mania é a das inscrições, que têm caráter filosófico: mas muitos amigos de Asin não conseguem decifrá-las nem interpretá-las



De fora, a visão do turista é esta. Um muro, um vagão de estrada de ferro, uma casa esquisita, um auto velhíssimo e uma porção de coisas.

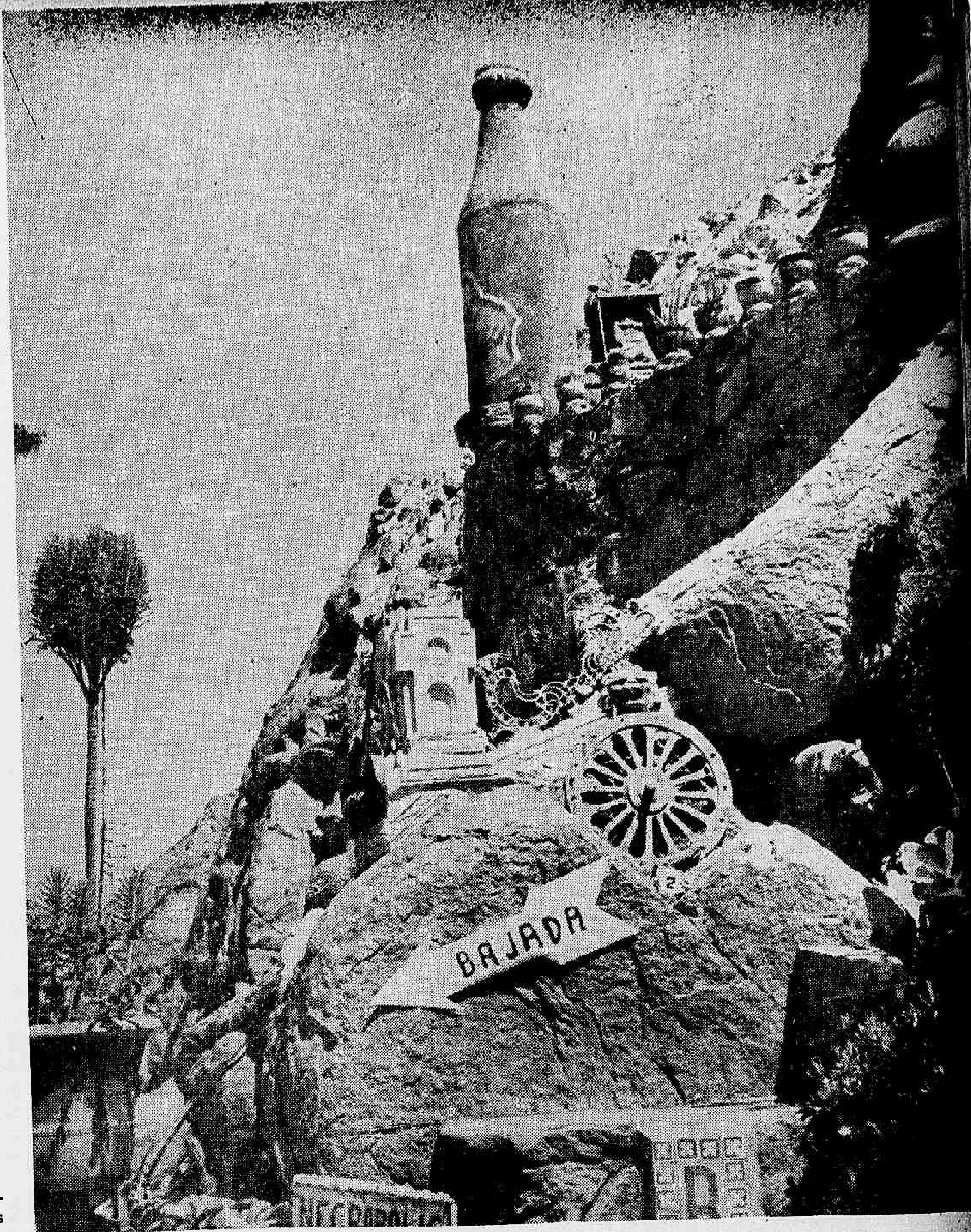
trouxe esta ou aquela tabuleta. Umas são de automóveis da América do Norte, outras de companhias estrangeiras. Jesus se diverte mais do que nós, que estamos de sobreaviso e é quando êle pede uma pequena moeda e nos negamos que Lerner, o repórter argentino foragido de Peron, se adianta: «Eu tenho.» Jesus, com o olhar límpido de adolescente sem malícia, atravessa o pequeno «living» do carro ferroviário e mostra um macaquinho de ferro, com a mão direita estendida e a bôca aberta, como se implorasse comida. Deposita, com ares de conspirador, o níquel na mão do macaco e calca uma alavanca e o animalzinho de ferro, numa fração de segundo, leva a moeda à bôca, engole-a, enquanto uma campainha dispara. Jesus gargalha, novamente. «Até você eu peguei, hein gordo?! Lerner cora e ri conosco.

SHANGRI-LÁ SEM SEGREDOS

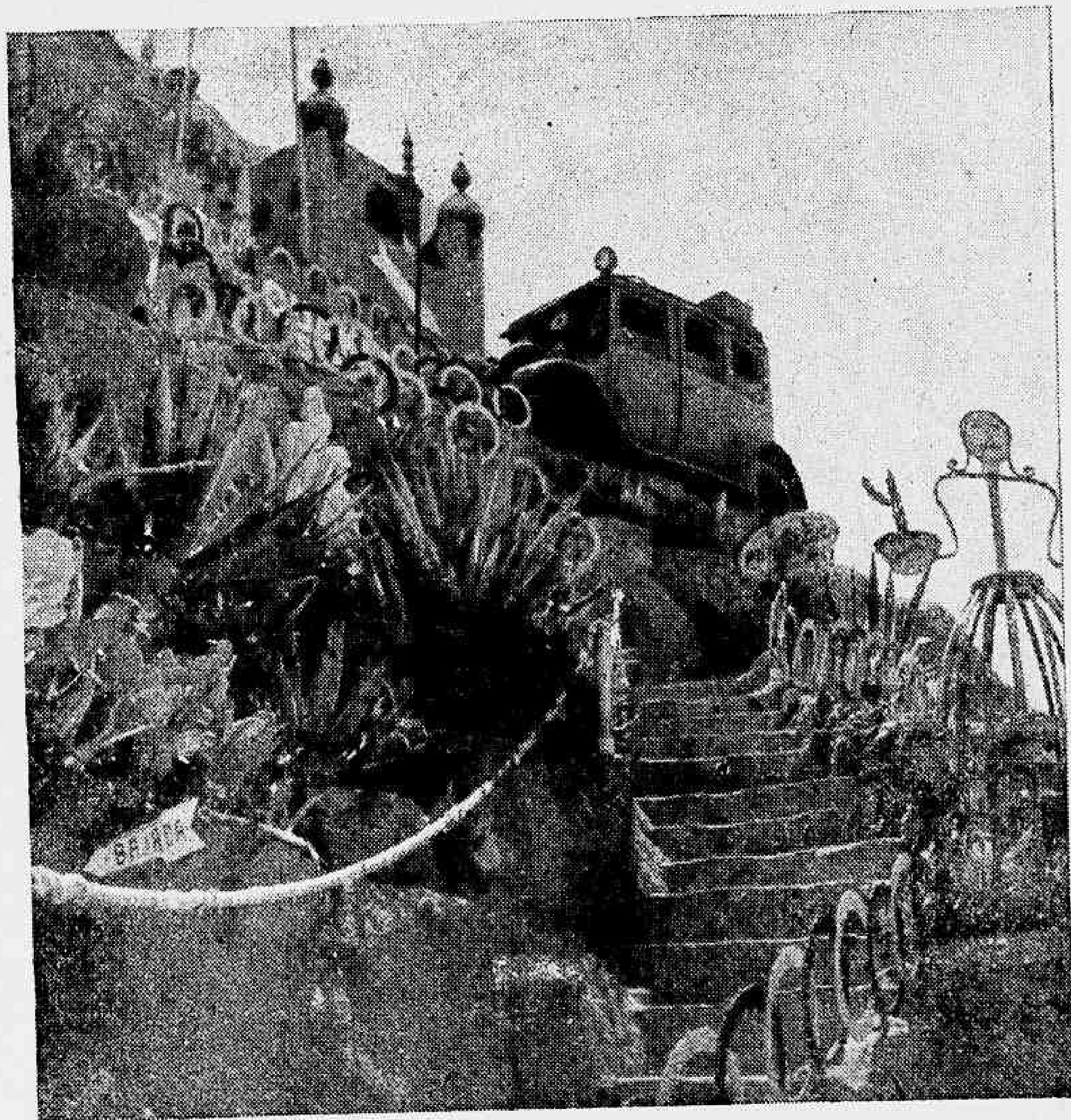
Essa é a pequena Shangri-Lá de Jesus Asin. Sem segredos, tornando sua vida feliz. Os turistas imaginam mil coisas e insistem em visitá-la e os «cholos» continuam a rezar, quando passam ao pé do monte. Os inimigos de Asin chamam-no louco, os amigos de excêntrico. Mas êle não liga a mínima importância ao que dizem. «Talvez isto tudo vá por terra, um dia, quando algum terremoto se lembrar de mim. Enquanto tal não suceder, quero continuar a construir meu mundinho. Isto não prejudica ninguém, não faz mal à Nação ou ao povo. É meu e tenho o direito de fazer o que quero.»

Saímos, pois o sol já está desaparecendo. Jesus vai até a porta. «Diga na sua reportagem que gosto muito do Brasil, mas que estou muito triste. Estive no Rio, há uns quinze anos e há questão de uns 10 meses voltei lá. Fiquei maravilhado e decepcionado.» Lerner, que também conhece o Brasil, olhou Jesus espantado, e Asin explica: «Tudo lá cresceu depressa demais, gordo. No Rio não há água, nem luz e você precisa ver as filas dos transportes coletivos... Fiquei triste mesmo... Se aquilo fôsse meu... faria uma Shangri-Lá de verdade...» Ri, novamente, estende-nos as mãos bem cuidadas e espera que o minúsculo carro de Lerner se perca na esquina.

De regresso, vamos pensando e vemos, em Jesus, um tipo dêsses que tudo possui mas que a vida decepcionou. Viajou muito, teve de tudo, pode ter o



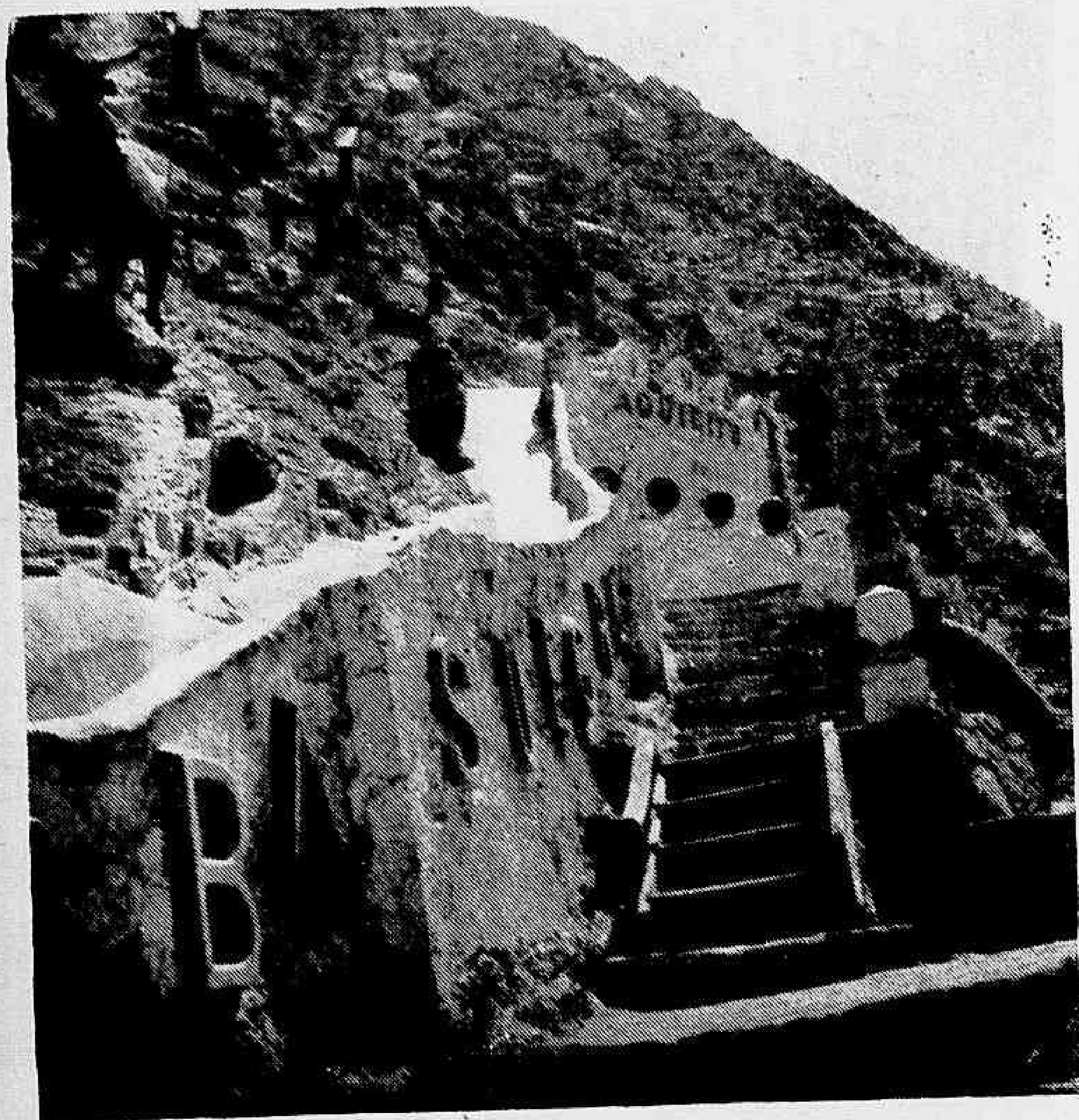
Tudo muito bem feito e trabalhado. Uma fortuna incalculável, encerrada em Aquicito, cujas cifras Jesus não quis revelar à nossa curiosidade.



Escadas e caminhos bem cuidados, serpenteiam, em volta da montanha, possibilitando, desta maneira, o acesso ao misterioso Aquicito.



Lerner, repórter em Lima, faz um coquetel no estranho bar de Aquicito, que se encontra instalado no interior de um vagão ferroviário.



Abaixo de duas figuras representando incas, é vista a seguinte inscrição: — «Panoramas» — «Hoje aproveita, esquece o amanhã».

que quiser, mas acha que o homem não merece o mundo em que vive. «Os jornais não têm outro assunto a não ser crimes, ódios, guerras, dissera-nos em seu vagão...» E concluímos por pensar que se a grande maioria dos homens pudesse construiria, também, sua gigantesca Shangri-Lá, alicerçada na boa vontade, na fé no futuro e na amizade entre os povos. Na verdade, quem está com a razão é Jesus, que procura, no seu isolamento, uma medida de higiene contra a desmoralização que avança, a decadência moral, a incompreensão entre os homens... E hoje penso que Jesus já aumentou seu morrinho de ilusões, pois quando o visitamos havia regressado da Europa, onde adquiriu centenas de novas quinquilharias para enfeitar aquela nesguinha dos Andes! «Seu eu pudesse, havia explicado, compraria todo o material bélico do mundo e plantaria aqui. Sòmente assim viveria o mundo em paz. Eu seria feliz, você também e todos os que nos cercam. Como isso é impossível, limito-me a cercar-me do que gosto, tentando esquecer muita coisa que lhe disse, muita que não disse e não direi...»



O «Escorrega sogra», uma rampa de cimento muito lisa, «por onde se deve jogar tôdas as sogras do mundo» — segundo diz Jesus Asin

CONTA-ME teus Sonhos

● JURACY (Rio)

SONHO: Eu ia descendo a rua onde moro, quando avistei, a curta distância, minha avó já falecida; estava vestida com a mesma roupa azul com que foi enterrada. Achei-a gorda e forte e trazia uma maleta, a bôlsa e alguns embrulhos. Falei-lhe e ajudei-a a carregar a maleta, voltando para minha casa. Na entrada da vila em que moro, disse-lhe: — Não vá lá em casa, antes que eu avise minha prima. É que já morou conosco. Realmente, assim fiz e minha prima prometeu ir ver minha avó imediatamente. Mas, apesar de ela estar em casa, ninguém a via, a não ser eu; mesmo assim, desapareceu como que por encanto. Mesmo em sonho, eu sabia que minha avó tinha morrido e raciocinava: — Ela, na verdade, não iria ficar aqui.

INTERPRETAÇÃO: Seu sonho é a revelação exata de certos fenômenos que os espiritualistas chamam de «viagem astral», em que o espírito se afasta do corpo, enquanto dormimos e vai ao encontro de outros, já libertos da matéria. No seu caso, você viu sua avó no seu próprio lar, como se ela a tivesse ido procurar; no entanto, devido às recordações que ficaram gravadas em sua mente, de sua convivência com ela, houve um deslocamento dos quadros, parecendo ter sido você a visitada. Nada é impossível no mundo, Juracy, mormente nesta época em que o átomo deixou de ser indivisível. Se até as supostas matérias inertes emitem raios que são vistos por aparelhos próprios, o que diremos das sensitivas e vibráteis ondas mentais? Os mortos nos enviam seus delicados raios luminosos... Fenômenos banais para os que crêem em telepatia, mediunidades, clarividência.

Freudianamente, seu sonho mostra que você sente a ausência de sua avó para coibir certos abusos, o que só ela poderia fazer. Sem sentir, você está criticando o proceder de alguém, que você pretende corrigir, fazendo respeitar a memória da morta.

Se esta seção tivesse caráter espiritualista, muita coisa eu lhe diria, encaminhando-a para a Boa Nova.

● LILI (Rio)

SONHO: Sonhei que minha mãe, que já é bastante idosa e é pianista, estava tocando; porém, eu só lhe via as mãos ágeis e muitos alvas.

INTERPRETAÇÃO: Você transferiu para o sonho o que deve ser um sentimento seu, muito vivo e consciente: a admiração que vota à arte de sua mãezinha. Para você, tudo o que ela é de bondade, de ternura, de vida, se traduz em música; assim, as mãos de sua mãe vivem em sua sensibilidade como um resumo daquela a quem você tanto quer. Você me faz lembrar o poeta:

«Beethoven, Bach, Chopin,
Brahams e tantos e tantos mais
Num supremo milagre de energia,
vibram suas páginas cantantes
no impulso de um nobre coração.
E minha mãe, já bem velhinha,
faz do piano um santuário
e da música uma oração.»

● ANITA (Rio)

SONHO: Eu caminhava por uma longa estrada, onde havia montes de terra iguais a casas de cupim que se transformavam em abismos, dificultando-me grandemente a passagem; porém, uma vez transpostos êsses abismos, olhei para trás e vi uma enorme cobra, enquanto uns homens me diziam: «Tu te livraste de um sério perigo». Ao ouvir essa frase, ajoelhei-me e, beijando o chão, agradeci a Deus.

INTERPRETAÇÃO: Seu sonho é um reflexo de sua vida interior, talvez cheia de dissabores. A estrada que você percorria é a partilha comum de todos os caminheiros da jornada terrena.

Para alguns ela se atapeta de flores, para muitos se abre em abismos; mas, a todos está destinada a vitória final, dependendo apenas dos esforços que façam para melhorar o eu inferior. Vê-se, pelo seu sonho, que você será capaz de uma transformação radical. Você deve ter tido boas oportunidades que não soube aproveitar. Tenha, pois, cuidado com seu modo de pensar e agir para evitar desagradáveis provações (beijar o chão).

Em geral, todos somos portadores de uma variada fauna dentro de nós; cumpre-nos, no entanto, domesticar os bravios animais que se aninham em nossa alma e torná-los dóceis e obedientes (cobra). Leia, estude e pratique obras pias, freqüente reuniões onde se fale do Bem e verá que sua estrada tomará novo rumo.

A ÚLTIMA PRESTAÇÃO

Conto de
ANNE HOMER WARNER

ASSIM que as cortinas foram colocadas na pequena sala de estar, a casa teve, pela primeira vez, um ar de acabamento. A própria Ellen as tinha confeccionado e, contra o portal côr de creme, o leve estampado rosa-malva ficou perfeito.

— Eu estava preocupada (disse ela com um suspiro de alívio) nem pensei que ficariam tão bem.

Tom deu uns passos para trás e observou a sala: o velho sofá, a nova poltrona, a estante que êle mesmo fizera e pintara...

— Sem dúvida esta é a melhor casa que já tivemos. E no ano que vem, querida, compraremos o seu piano.

Ellen sorriu e concordou com ar sonhador. Tom estava de pé bem no centro da simpática salinha. Mangas arregaçadas, martelo na mão; despenteado, satisfeito e sempre bonzinho. Desde seu casamento, há cinco anos atrás, êle prometia comprar-lhe o piano, mas no próximo ano por certo que não comprariam também, pois iam ter uma despesa extra. Ela ainda não contara a êle porque queria ter bem certeza. E não poderia vir em melhor ocasião, pois estavam justamente realizando novos e maravilhosos planos! E ela comentou:

— Querido, agora nossa casa tem um ar bem aconchegado e inspira uma segurança permanente.

— Eu sei, não é como as outras que tivemos. E êle continuou a olhar a sala com profunda e indiscritível satisfação. E disse:

— Acho que vou telefonar ao Norman convidando-o a visitar-nos. Quero mostrar a êle o nosso trabalho também, agora que estamos organizados.

O coração de Ellen esfriou. O irmão mais velho de Tom sempre tentava ajudar, mas ela sabia o que ia acontecer. Ela sabia que, mesmo sem querer, Norman iria fazer pouco da casa. Êle seria evasivo ou condescendente acêrca do novo emprêgo e, em pouco tempo, Tom concordaria com êle e tudo estaria perdido. Ela falou, meio indecisa:

— Talvez êle esteja muito ocupado, meu bem, êle está tratando do caso Maxwell, como você sabe...

— Bem, mas não custa tentar. E esta é a primeira vez que temos um quarto de hóspedes bom para êle, Ellen.

Havia orgulho na voz de Tom. Êle queria mostrar ao irmão. Êle esperara tôda vida para mostrar ao irmão do que era capaz.

Dirigiu-se para o telefone e Ellen nem agüentou ouvir. Norman não era mau. Êle pagara os estudos de Tom e era quase um pai para êle. Porém, o desencorajamento, a depressão, tudo de desagradável no seu casamento começara com êle, e suas visitas.

Tom voltou assobiando.

— Êle virá na sexta-feira e passará a noite. Grace não vem nem eu esperava que viesse. Eu nem contei que compramos a casa e que já sou interessado na firma Banner. Achei mais interessante dizer quando êle vier.

— Uma espécie de surprêsa? perguntou ela vagarosamente.

— Sim, e não esqueça que foi você quem não quis que pedíssemos conselhos a êle.

— É, eu sei...

E ela tentou disfarçar sua apreensão, pois fôra realmente ela quem persuadira Tom a tomar sòzinho a decisão — sem consultar Norman. Mas isto já acontecera antes. Outras surprêsas, outros emprêgos, que haviam começado de modo promissor, até que Norman resolvia analisar o futuro a seu modo, frio e preciso e sempre desfazendo um pouco. E então ela tentava reanimar Tom, achando que aquêle desânimo era passageiro, mas como conseqüência êle começava a duvidar de si mesmo, ficava meio apático e resolvia tentar outra coisa qualquer.

Agora ela já o conhecia bem. Mesmo antes de casarem êle não conseguia firmar-se, tentara a engenharia, publicidade e jornalismo. Agora era sócio de um pequeno jornal, tratando dos anúncios e da circulação. Êle ia bem e ela nunca o vira tão feliz.

— Quero levar Norman à redação e apresentá-lo ao Ralph. Os dois entendem de negócios como ninguém. Disse Tom.

Ellen olhava apreensiva para o marido. A idéia que êle tinha do irmão lhe parecia inteiramente ilusória; ela não conseguia imaginar dois homens menos parecidos do que o despreocupado Ralph e o frio e imperturbável Norman, e comentou apenas:

— Não creio que êles combinem, Tom, mas não importa, você e Ralph são os que precisam combinar.

— É, isto é, mas o que há com você, Ellen, está tão pálida...!

Ela disfarçou, pois não queria contar a novidade da cegonha ainda. Só depois que Norman fôsse embora, para que a notícia maravilhosa não fôsse estragada.

— Preciso comprar uma lâmpada para o quarto de hóspedes, falou.

— É verdade, tenha tudo em ordem para Norman, disse Tom e tomou-a nos braços carinhosamente.

— Êste é realmente o nosso lar, Ellen, você está contente?

— Oh! Tom, se estou...?

(Cont. na pág. 48)



Ilustração de RAMON

Tradução de SILVIA JAMBEIRO



CAPÍTULO III

IVAN, O TERRÍVEL

Moscou, como Janus, tinha duas caras: de um lado a cidade santa, com suas numerosas igrejas de cúpulas douradas, pintadas com as mais vivas côres, seus altares onde milhares de velas ardiam diante das imagens, com as altas paredes de seus conventos e a multidão de fiéis que se comprimia em todos os edifícios religiosos; do outro a cidade alegre, agitada e mundana, cidade de luxo e de prazer, zona do deboche. Uma multidão devassa se escoava pelas ruas onde estacionavam as **troikas;** os **lihachis**, carros de praça de grande luxo, sempre magnìficamente ajaezados, passavam como flechas, conduzidos por jovens cocheiros bem postos, que não eram sempre estrangeiros nas aventuras galantes de seus clientes.

Essa mistura de piedade e libertinagem, de religião e de deboche, era uma das particularidades de Moscou. Os moscovitas se entregavam sem freios às suas paixões e aos seus caprichos; mas rezavam tanto como pecavam.

Nossa casa de Moscou fôra construída em 1651 pelo tsar Ivan, o Terrível. Era ela então cercada de florestas e lhe servia de pouso para a caça. Um subterrâneo de vários quilômetros a ligava ao Kremlin. Seus arquitetos foram Sarma e Postnik, aos quais deve Moscou sua célebre igreja de São Basílio, o Bem-aventurado. A fim de assegurar-se de que êles, os construtores, não fariam jamais uma outra maravilha semelhante, Ivan, o Terrível recompensou-os cortando-lhes a língua, os braços e vasando-lhes os olhos.

O tsar não se demorava muito em suas férias nessa casa. Dava ali esplêndidas festas e voltava ao Kremlin pelo subterrâneo. Êste labirinto de corredores secretos proporcionava-lhe aparecimentos de surprêsa, surgindo de momento e em lugares em que não o esperavam de maneira nenhuma.

Os trabalhos de restauração empreendidos por meus pais no fim do último século, revelaram a entrada do famoso subterrâneo. Quando ali penetraram acharam-se diante de longo corredor no qual filas de esqueletos estavam pendentes das paredes.

A casa, de velho estilo moscovita, era pintada com as mais vivas côres, dando, de um lado sôbre uma **cour d'honneur**, e de outro, para os jardins. Tôdas as salas eram forradas e decoradas de pinturas. A maior delas continha uma coleção de belíssimas peças cinzeladas. Retratos de tsares em molduras esculpidas ornamentavam as paredes. O restante era uma multidão de pequenos compartimentos, com passagens obscuras, de minúsculas escadinhas conduzindo a antigas cafuas. Tapêtes espessos abafavam todos os ruídos, e o silêncio reinante aumentava a impressão de mistério.

Tudo nessa residência evocava a figura do terrível tsar. No segundo andar, onde estava situada a capela, achavam-se, antigamente, nichos gradeados, contendo esqueletos. Parecia-me que as almas dêsses desgraçados deviam vagar por êsses lugares, e muitas vêzes fiquei obsedado, em minha infância, com o mêdo de ver aparecer o espectro de algum supliciado.

Não gostávamos nada dessa casa, na qual um passado trágico se mantinha muito vivo, e não ficávamos muito tempo em Moscou. Quando meu pai, nomeado governador geral para lá, habitamos uma dependência ligada ao corpo principal do edifício por um jardim de inverno. A casa pròpriamente dita ficava reservada a festas e recepções.

Freqüentando assìduamente os concertos, eu conhecia a maior parte das árias da moda, que cantava em voz de soprano. Em nossa viagem pela Rússia, meu irmão Nicolas pensou em utilizar êsse talento incluindo-me na cena de «L'Aquarium», o café-concêrto de maior voga de São Petersburgo. Foi procurar o diretor, a quem conhecia pessoalmente, sugerindo-lhe que ouvisse uma jovem francesa que cantava as últimas canções parisienses.

No dia marcado compareci a casa do diretor do «L'Aquarium» sob disfarce feminino: «tailleur» cinza, pele de rapôsa e grande chapéu e me fiz ouvir por êle, cantando algo de meu repertório. Êle se confessou encantado e me contratou ali mesmo por duas semanas.

Nicolas e Polia se encarregaram de meu vestuário. Encomendaram para mim um vestido de tule azul «pailletée d'argent» e um penteado com penas de avestruz. Terminei minha tualete ornamentando-me de jóias muito bem conhecidas de minha mãe.

As três «estrêlas» que me anunciaram ao público estimularam a curiosidade pública. Quando eu entrei em cena, ofuscado pelos projetores, me vi prêsa de um atordoamento momentâneo, de uma perturbação durante alguns instantes e que paralisou totalmente o meu ânimo; a orquestra atacou as primeiras notas do «Paradis du rêve», mas a música me parecia confusa e distante. Alguns espectadores generosos procuraram encorajar-me com aplausos. Consegui recuperar o sangue-frio e cantei a primeira parte, que o público recebeu com f r i e z a. Em compensação, as duas seguintes, «La Tonkinoise» e «Bébé d'amour», obtiveram enorme sucesso. O último desatarrachou o entusiasmo dos assistentes e eu tive que repeti-lo por três vêzes.

Nicolas e Polia, muito emocionados, foram esperar-me nos bastidores. O diretor surgiu

MEMÓRIAS DO Principe YUSSUPOFF

trazendo enorme buquê e me felicitou calorosamente. Eu lhe agradeci da melhor maneira, mas já não suportava manter o sério. Dei-lhe minha mão a beijar e me apressei em dar o fora com êle.

As ordens eram de não deixar ninguém entrar em meu camarim; mas, enquanto Nicolas, Polia e eu, caídos sôbre o canapé, morríamos de rir as flores e os mais ternos bilhetes afluiam. Oficiais que eu muito bem conhecia convidavam-me para ir com êles ao restaurante «Ours». Eu tinha muito vontade de aceitar, mas Nicolas me proibiu, terminantemente, de aceder e me levou com todos os nossos amigos aos meios boêmios, a fim de terminarmos ali a noitada.

Por seis vêzes eu apareci em «L'Aquarium» sem incidentes. Mas, no sétimo dia eu percebi em um camarote de amigos de meus pais, que os seus ocupantes não tiravam de mim os binóculos. Haviam desconfiado de minha semelhança com minha mãe e reconheceram as jóias que eu usava.

E estalou o escândalo. Meus pais me censuraram ferozmente, fazendo uma cena terrível. Minha carreira de cantora se desfizera ao nascer.

O PAVOR DE UM BANHO FRIO

A Criméia era o local preferido pela família imperial e por uma grande parte da aristocracia russa, para suas férias. Nós tínhamos lá duas propriedades: Koreiz, à beira do Mar Negro, e Kobo, ao fundo de um vale cercado de altas montanhas.

Koreiz, grande edifício de pedra cinzenta, bastante feio, não era menos acolhedora e confortável. Pavilhões reservados aos convidados estavam disseminados pelo parque. Os jardins, os vinhedos desciam em sucessivos terraços até as margens.

Meu pai, durante algum tempo amador apaixonado da escultura, havia povoado Koreiz com muitas estátuas inimagináveis. Ninfas, naiades e deusas surgiam dos bosques e das moitas; estava-se em plena mitologia. À beira da praia meu pai havia mandado construir um pavilhão com uma piscina, na qual a água era mantida a uma temperatura que permitia banhos em tôdas as estações. Grupos de bronze, representando cenas de lendas tártaras, foram colocados às bordas, e uma Minerva, colocada à entrada do embarcadouro, evocava a estátua da Liberdade, que empunha seu facho à entrada do pôrto de Nova Iorque.

Meu pai tinha resolvido dar-me ali na Criméia uma educação espartana. Começou por mandar retirar de meu dormitório todos os móveis que eu, em pessoa, havia escolhido, e os substituiu por uma cama de campanha e um tamborete. Eu assistia a tais modificações com grande revolta interior, que ainda ficava mais violenta porque não se podia manifestar. A minha apreensão aumentou quando eu vi os criados colocarem no meio do meu quarto uma espécie de armário de aparência suspeita. Quando fiquei a sós tentei, debalde, abrí-lo, e minha inquietação só fêz aumentar cada vez mais.

No dia seguinte o criado de quarto de meu pai, incumbido do papel de torturador, me fêz levantar do leito, agarrou-me entre seus vigorosos braços e me meteu lá dentro do tal armário. Ao mesmo instante eu recebia uma ducha fria sôbre a cabeça. Eu jamais suportara a água fria, e esta experiência foi uma verdadeira tortura. Gritei, esperneei como um desesperado, não chegando a receber todo o conteúdo do reservatório. O choque nervoso que senti foi tal que, quando a porta se abriu, eu fugi completamente nu pelos coredores, saí à rua, como um doido, correndo, e trepei de um só fôlego aos altos ramos de uma árvore que encontrei à minha frente. Lá em cima dei urros que alarmaram tôda a casa. Meus pais acorreram e me ordenaram que descesse imediatamente. Concordei com isso, mas impus em troca que não mais me submetessem a banhos de ducha fria, e ameacei atirar-me lá dos galhos ao chão, se não concordassem com a alternativa. Diante de tais condições, meu pai capitula. Mas eu fôra acometido de resfriado e fiquei doente durante muitas semanas.

A partida para a Criméia era sempre uma festa para meu irmão e eu, ambos esperávamos impacientemente o dia em que o nosso vagão fôsse atrelado ao expresso Norte-Sul.

Deixávamos o trem em Simferopol onde passávamos alguns dias em casa de meu tio e de minha tia Lazareff. Meu tio era o Governador da Criméia. Seu caráter pacífico e sua bondade faziam-no amado de todos.

MEU TIO GOVERNADOR

Nós o acompanháramos a Simferopol quando meu tio fôra assumir seu pôsto. Tôdas as pessoas mais destacadas da cidade estavam reunidas na estação para receber o novo Governador. Meu tio, muito elegante, em grande uniforme, ao passar de um vagão a outro, a fim de descer do trem, escorrega e cai escanchado no engate. Foi nessa posição pouco protocolar que êle iniciou os contactos com os seus administrados.

De Simferopol prosseguimos nosso caminho, em um grande **landau**, onde cabia tôda a família. Outras viaturas seguiam com os nossos criados, e os carroções que conduziam a bagagem fechavam a procissão. Nosso pessoal, por mais numeroso que fôsse, não igualava o de muitos nas viagens de certas famílias russas. O conde Alexandre Cheremeteff não conduzia apenas seus criados e os membros da família, mas ainda, músicos e algumas vacas de suas fazendas, a fim de garantir leite fresco no percurso das excursões.

Houve um tempo em que nossa chegada a Koreiz nos reservava sempre alguma surprêsa, devido à fantasia de um administrador que tínhamos então. Certa vez êle achou que devia marcar com tinta negra todos os objetos da casa, com o preço que calculava ter custado cada um. Muitos ficaram irremediàvelmente perdidos. De outras vêzes fomos encontrar tôda a casa mascarada de vermelho, com traços brancos simulando juntas de tijolos imaginários; as estátuas, tão caras a meu pai, também não escaparam. Foram pintadas com côr de carne, sem dúvida para que adquirissem a aparência de sêres vivos. Foi esta a derradeira vez que o administrador pôde executar sua imaginação à custa de nossos bens. Meu pai o despediu de uma vez, mas foi preciso um ano para restaurar a casa e as estátuas.

EU VOS ANUNCIO MINHA MORTE

Nós tínhamos em nossa casa de Koreiz um homem simplório, grande gaiato de origem tartárica, chamado Missoud. Era de colossal estatura e afligido por um bócio bastante desenvolvido. Êste gigante inocente e papudo adorava seu patrão, a quem seguia por tôda parte como sua sombra. Dedicando-lhe também muita estima, e desejando evitar-lhe qualquer mágoa ou pena, meu pai acabou por oferecer-lhe uma sinecura: trajado a guardião de serralho, com um «cattan» negro bordado a ouro e um turbante, munido de corneta e de fuzil, Missoud foi colocado como sentinela junto a uma fonte que havia diante da casa. Cada vez que um visitante se apresentava êle devia fazer soar o instrumento, dar tiros de fuzil e gritar «hurrah!» Mas êle havia de equivocar-se no cumprimento de seu ritual, trocando a chegada pela saída de nossos amigos, e alguns o levaram muito a mal.

Estávamos em S. Petersburgo quando meu pai recebeu um telegrama da Criméia, assim redigido: «Missoud anuncia à S. Alteza, que morreu». Nosso bravo Missoud, tendo caído gravemente doente, êle mesmo redigiu o telegrama e recomendou que só fôsse expedido após sua morte.

(Continua no próximo número)

Tradução de RENATO DE ALENCAR

Ilustração de RAMON



1 Uma manchete de jornal, uma foto — é o suficiente para provocar um abalo emotivo que se transmite do cérebro através da medula espinhal, ao sistema do «grande simpático» (que se vê em azul no desenho), que passa a regular a tensão dos vasos arteriais.

3 A lancêta do instrumento de contrôle, o «esfigmômetro», deslocando-se sôbre um mostrador elevado demonstra que a pressão sangüínea subiu. Por ora a afecção está no primeiro período: — é uma hipertensão emotiva. Mas se o sistema nervoso continuar a ser submetido a choques, determinar-se-á uma hipertensão crônica.

2 O sistema simpático reage automàticamente ao impulso recebido determinando a contração (simbòlicamente indicada por pequenas torquezes) da musculatura das artérias periféricas.

PRESSÃO ALTA, ESSA AMEAÇA!

De todos os síndromas mais difundidos em nossos dias são a hipertensão, a cardiopatia e o câncer os que ocupam o primeiro lugar na clínica em geral. A hipertensão teve a sua cidadela avassalada com a invenção do esfigmômetro, o instrumento que controla a pressão sanguínea. Um método prático sugerido por alguns especialistas para estabelecer o valor normal da pressão é o de acrescentar à cifra 100 o número que representa a idade do indivíduo: o «optimum» para um indivíduo de 40 anos seria portanto 140, para um de 50, 150. E assim por diante.

A pressão elevada sendo um sintoma isolado e não vindo acompanhada de afecções de qualquer órgão: rins e coração, por exemplo, não é para alarmar. Trata-se, neste caso, de uma hipertensão nervosa, gerada por um espasmo dos pequenos músculos das artérias; e o resultado é uma contração das paredes dos vasos. De fato, os músculos das artérias têm uma sensibilidade excessiva e basta a mínima emoção para que se contraiam violentamente. Um susto, uma imprevista notícia má ou uma enciumada agitam os músculos vasculares. E a pressão do sangue sobe.

Há uma série de fatos tirados do ritmo acelerado da vida moderna que são os piores inimigos de nossas artérias e de nosso equilíbrio nervoso.

Um médico sagaz conhece bem o «mal da pressão» e muitas vêzes depois de haver observado o quadrante do instrumento de contrôle diz uma cifra sensìvelmente inferior à real, certo de que esta sua mentira representa uma boa cura para o paciente.

Nos casos em que os estímulos transmitidos pelo sistema simpático se verificam com um crescente contínuo e aumentam progressivamente o grau da hipertensão, a cirurgia moderna está apta para intervir vantajosamente mediante a rescisão dos nervos simpáticos.

Esta idéia, há anos lançada por um especialista português, teve ampla repercussão na alta clínica mundial. Tôdas as experiências feitas confirmaram a excelência da «simpatectomia». Importantes são as comunicações feitas a êsse respeito pelo dr. Paul D. White, ilustre cardiólogo americano.

Ainda sôbre a cirurgia da hipertensão há que acrescentar a moderna descoberta do «pentametônio» e do «exametônio», pelos médicos Paton e Zainis, do «National Institute for Medical Research» inglês, experimentados com êxito nos Estados Unidos. Os dois produtos conseguem produzir uma notável queda da pressoã do sangue. Um inconveniente dos citados medicamentos consiste na imediata elevação da pressão quando se passa à posição erecta. E isto pode causar sérios distúrbios ao enfêrmo.

Nos casos de hipertensão provocada por perturbações renais ou mesmo do coração, se obtém bons resultados com uma dieta de arroz proposta recentemente pelo dr. Kempeer, um especialista americano.

A dieta de arroz e os resultados obtidos, confirmam a bondade do método. A característica mais importante desta cura consiste na ausência do sal, proteínas e gordura. Os doentes que se submetem a êste regime devem tomar de 250 a 300 gramas de arroz de qualquer qualidade, fervido sem sal e sem nenhuma outra substância. A adoçadura pode ser feita em água, leite, ou suco de fruta.

Mas a melhor receita para o mal, ainda é evitar as fadigas excessivas, as fortes comoções e procurar ter uma vida o mais possível higiênica e calma. Fazendo isto poder-se-á esperar uma tranqüila e prolongada velhice.

As mergulhadoras de HANAWA-MURA

NA PROVÍNCIA DE CHIBA, NO JAPÃO ★ ONDE AS MULHERES SÃO MAIS FORTES QUE OS HOMENS... ATÉ DEBAIXO D'ÁGUA... ★ OS MARIDOS SENTEM-SE DIMINUÍDOS... MAS SÃO FELIZES ★ ELAS SÃO, PORÉM, BEM FEMININAS, TÊM CAPRICHOS, VAIDADES E AMÔRES...



Duas mergulhadoras prontas para a imersão até ao fundo do mar, em busca de espécimes da flora daquela região de Chiba, no Japão.

A educação familiar no Japão, mesmo depois da última guerra, ainda é a da tradição patriarcal. O domínio absoluto do lar pertence ao homem. Êle é que luta no trabalho para manter a casa; é êle o chefe da família; é êle o esteio da família. À mulher cabe outros trabalhos leves, serviços domésticos que não exigem sacrifícios, nem canseiras extenuantes. Mas tudo nesta vida tem suas exceções, e o Japão apresenta esta: na remota e isolada povoação de «Hanawa Mura», distrito de Chiba, numa baía do litoral do Pacífico, há uma população feminina que atua como se se tratasse de homens fortes e afeitos a todos os perigos.

Hanawa Mura é terra de pescadores. Gente simples, sem maiores preocupações que não a de viver pacìficamente na faina cotidiana de retirar do oceano o que as águas contêm, êsses japonêses formaram uma equipe de mulheres jovens e audazes, que se impõem pela sua resistência física e grande conhecimento dos segredos do mar.

E conseguiram alterar as tradições domésticas do seu país, tornando-se verdadeiros «chefes de família», consolidando o maior prestígio para o sexo frágil. Em Hanawa Mura as mulheres ganham melhores salários do que os homens. Dedicam-se a um ofício bastante exaustivo, que é o de colherem no fundo das águas tudo o que lá existe de flora marinha. Fazem o serviço de verdadeiros garis submarinos. Para isso têm que ser exímias mergulhadoras. Os seus maridos se sentem diminuídos diante da capacidade feminina das «caras-metades», e se conformam, não havendo nenhuma incompatibilidade por isso. Muitos acham que êles são dominados por elas; mas os senhores esposos dão de ombros e tudo fica na santa paz do Senhor que rege os destinos das almas nipônicas.

O trabalho de mergulhar e retirar lá do fundo do mar as plantas que ali vicejam, regula, em média, mil iens por dia (cêrca de dois dólares e meio), e tais diárias são um salário muito melhor do que o que qualquer homem pode ganhar. Essas mergulhadorás audazes, de aparência robusta, queimadas pelo sol do Pacífico, começam a trabalhar em seus mergulhos a partir das oito da manhã, durante hora e meia, de uma só vez. Depois de afanoso trabalho, voltam à tona para banhos de sol e alimentar o estômago já faminto. Durante um bom dia de sol, uma dessas mulheres executa três tarefas de hora e meia cada uma, que é o máximo de tempo que uma mergulhadora pode executar.

Essas japonêsas se metem mar a dentro, nos lu-



As jovens mergulhadoras que fazem, diàriamente, uma limpeza em regra do fundo do mar, não têm preconceitos e despem a blusa.

AS MERGULHADORAS DE



São vistas aqui em pleno trabalho coletivo, com as embarcadas e as que mergulham.

gares mais rasos, conduzindo uma espécie de barril com rêdes dentro. Logo que se acham em locais mais fundos, mergulham, colhem as plantas marinhas, colocando-as nos recipientes, e voltam à tona para trazer à praia os seus depósitos cheios de plantas. A colheita é puxada à praia e posta a secar, vendendo-a depois aos agentes compradores daquela **região.**

Como sabemos, naquela zona nem sempre faz bom tempo. O inverno é rigoroso. Por êsse motivo essas mulheres não podem trabalhar mais do que nove meses por ano, descansando os meses de dezembro, janeiro e fevereiro, meses extremamente frios. Para muitos observadores que têm ido às praias de Hanawa Mura, é quase impossível crer que essas jovens mergulhadoras pertençam mesmo ao chamado «sexo fraco». Elas trabalham duro, afrontam perigos muito sérios e não se mostram debilitadas após o árduo serviço de um dia de colheita submarina. São saudáveis, alegres, bem humoradas, e não têm outra vaidade senão a de mostrarem que em Hanawa

Nada de casacos para atrapalhar os movimentos. E ficam de busto nu. Para nós, ocidentais, isto é um tanto contra os bons costumes, mas, lá no longínquo Japão, não constitui nenhum atentado à Senhora Moral.

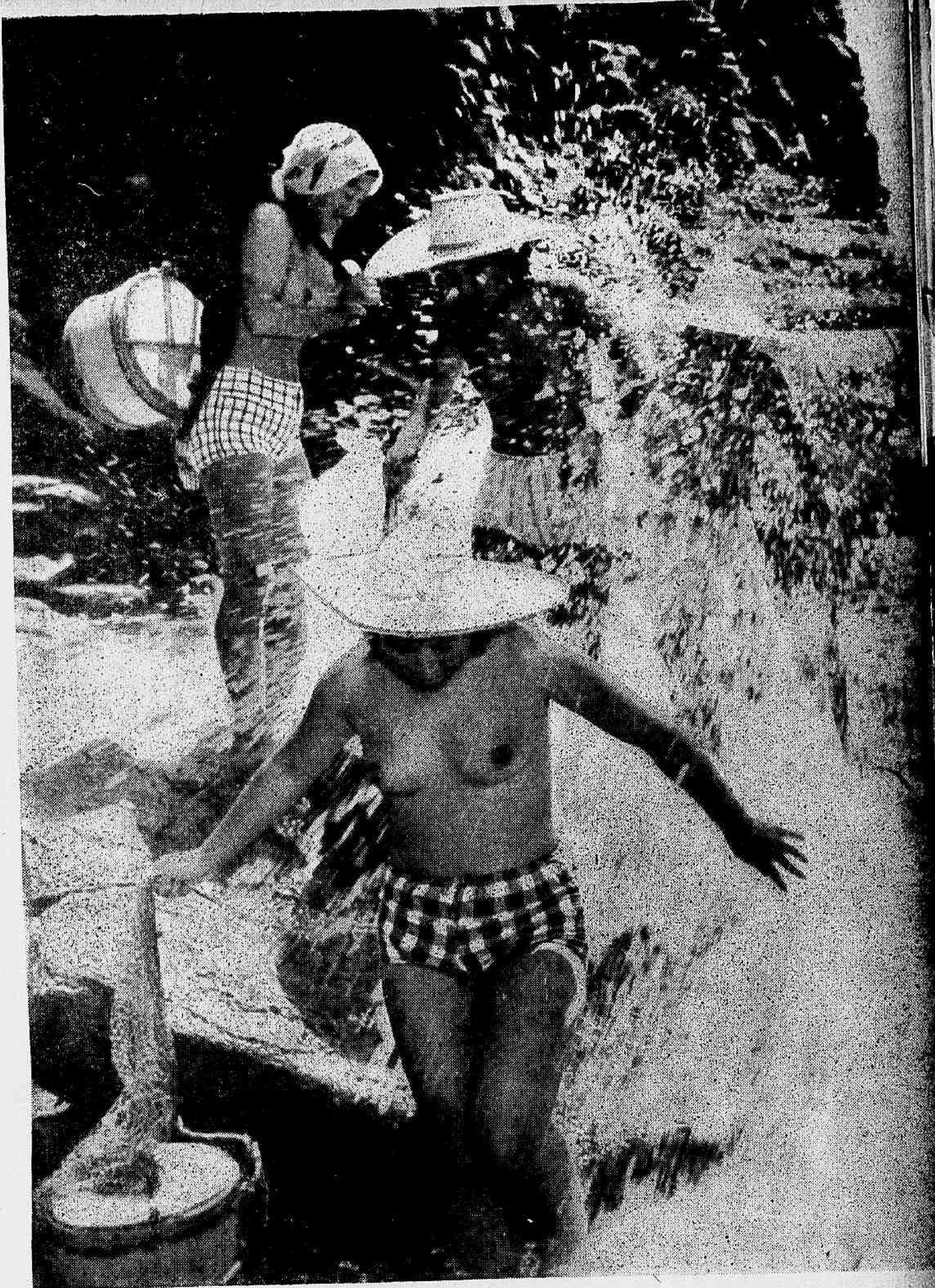


Depois de horas e horas de intenso labor, elas vão almoçar num sistema muito popular no Brasil: as marmitas. O arroz, que é a base da alimentação nipônica, é o prato principal dessas mulheres mergulhadoras.

DE HANAWA-MURA



Uma das muitas mergulhadoras ao puxar sua rêde com o depósito cheio de plantas.



Mura as mulheres não têm mêdo de competir com os homens.

Entretanto não se julgue que essas japonesinhas, pelos seus músculos de aço, sua pele queimada de sol, a rigidez de seus braços, não sejam também femininas. Têm todos os dengues da espécie. São mulheres acima de tudo, mesmo debaixo dágua. E fora de seu trabalho, têm suas vaidades e caprichos, seus amôres e sonhos mesmo sem mergulhar na realidade.

O aspecto pitoresco dessas pescadores de algas e plantas marinhas é um dos mais belos encantos do departamento de Chiba, e muitos viajantes saem de lá encantados com a hospitalidade da terra e de sua gente.

As mulheres são simpáticas, corajosas, cheias de vida, e seus sorrisos têm a beleza do sol nascente e a firmeza da confiança com que encaram o futuro. A pescaria a que se dedicam é original e, embora não colhendo sardinhas e tubarões, tudo o que vem na rêde é peixe...

No árduo serviço cotidiano, elas enfrentam perigos a cada passo, mas não reclamam, nem se maldizem. São umas heroínas, essas mocinhas de Hanawa-Mura. E só deixam o trabalho no frio intenso, a gelar as águas.



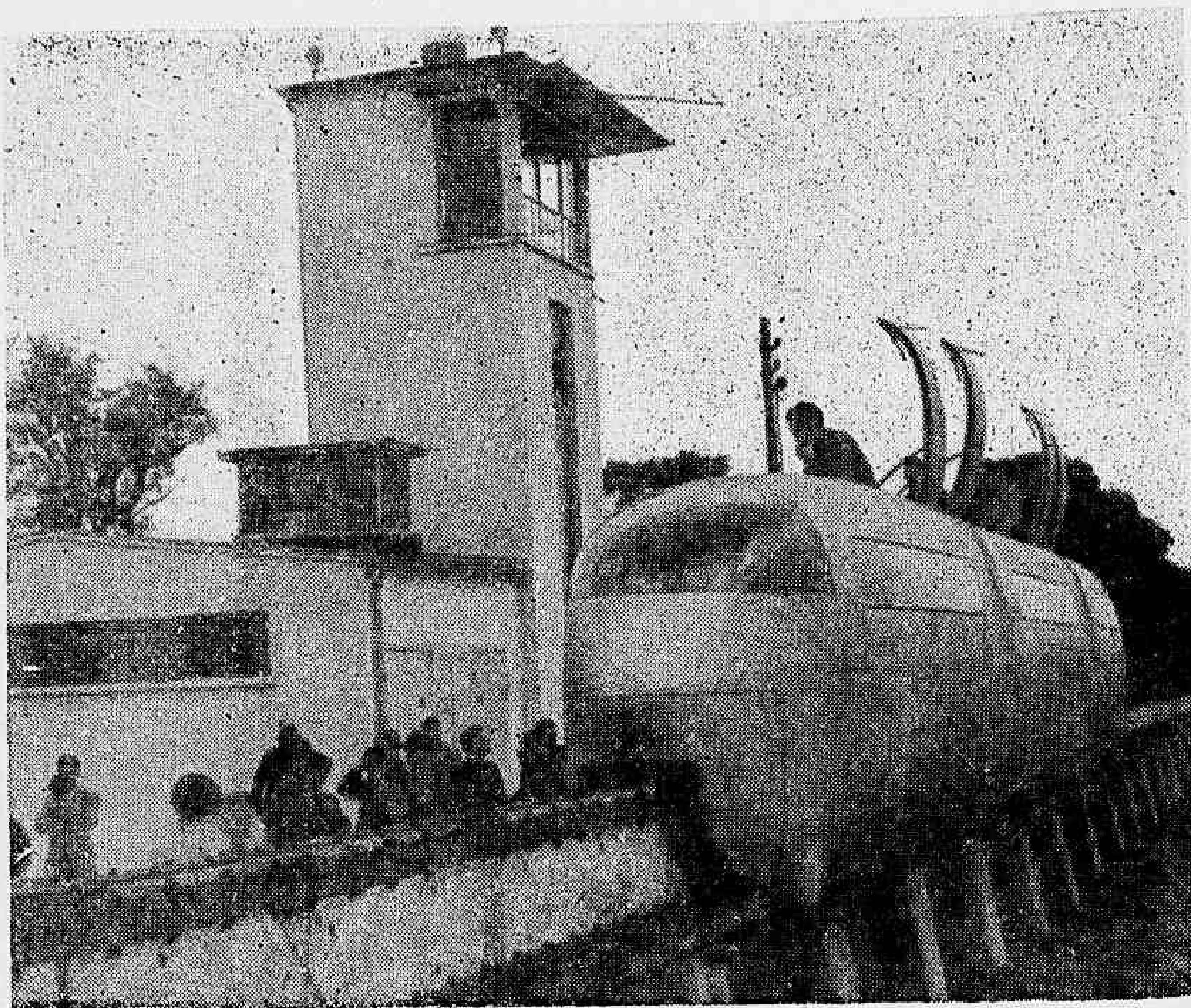
Uma visão dos «Barqueiros do Volga», nessa praia de Chiba. As mulheres estão fazendo fôrça para puxar o barco até à terra firme, após um dia de esforços continuados. E um homem, novo Cireneu, as ajudou.



LOUCA ALEGRIA DE UM CAVALO

O HIPÓDROMO de Saint-Symphorien estava em festas. Grande multidão enchia cada vez mais tôdas as dependências da bela praça de hipismo de Guignard, onde os puro-sangues, impacientes, estavam nervosos ao fundo dos «stalles». O sol abrasador, o ruído do povo e a música a invadir as «pelouses», as blusas coloridas dos jóqueis, a beleza das tualetes femininas, tudo concorria para fazer dessa tarde esportiva um grande dia para Saint-Symphorien. As apostas se faziam intensamente e reinava o maior entusiasmo. Dentre os favoritos se destacavam dois: «Fleur de Mai» e «Raphale». Quem iria ganhar? Os binóculos se assestavam para os parelheiros. Era incontida a ansiedade. De súbito um grito geral: «Largaram!» «Raphale» vai à frente. A multidão corre às grades para admirar melhor o duelo. Os animais desaparecem, por um momento, por detrás de um renque de árvores. Será que «Raphale» vai manter a dianteira? Mãos comprimem os programas, há uma torcida geral, nervosa, sensacional. Na curva, «Raphale» começa a atrasar-se. Palmo a palmo, «Fleur de Mai» vai ganhando terreno, avançando, passa «Raphale», depois de uma luta emocionante. O povo não contém uma exclamação de espanto. «Fleur de Mai», numa arrancada incrível, ultrapassa o ponto final da chegada, levanta o grande prêmio e pula sôbre a cêrca, sôbre o povo estarrecido. Há gritos e desmaios: o jóquei vai ao chão e o animal, como que na vertigem da alegria, continua a correr. Mas não há ninguém ferido e «Fleur de Mai» é dominado e continua a festa!

OS TRENS DO FUTURO CORRERÃO A

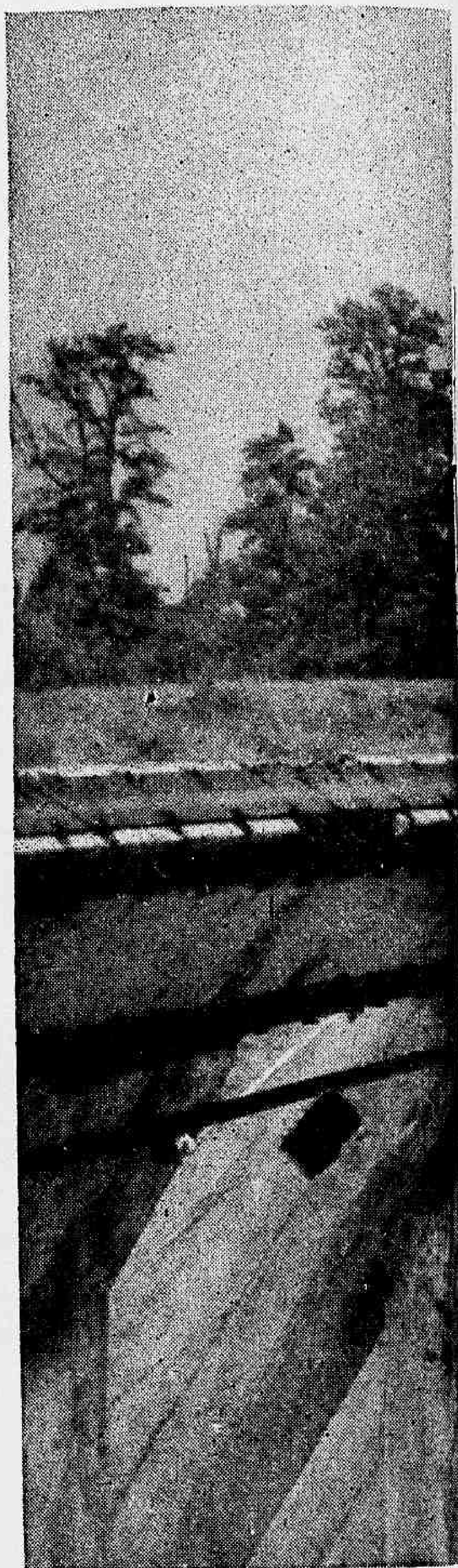


MIL QUILÔMETROS POR HORA!

OS trens de hoje correm raramente mais de 100 a 120 quilômetros por hora; e quando o fazem, tiram o prazer da viagem: somos atirados à direita e à esquerda pelas violentas oscilações do comboio, não conseguimos ler, fazemos acrobacias para levar um copo aos lábios, e vendo mexer-se fantasmagòricamente os postes do telégrafo, recomendamos a alma a Deus e aos santos. Com os velhos sistemas, os limites extremos da velocidade ferroviária foram provàvelmente alcançados, e precisará inventar qualquer coisa de novo se se quiser correr demais.

Pesquisas neste sentido foram realizadas nos laboratórios de Verkehrsbahn-Studiengesellschaft, em Colônia, no número 25 da Cacilien-Strasse, por um grupo de 60 engenheiros. O dinheiro foi fornecido pelo diretor Hugo Wenner-Gren, irmão de Axel Wenner-Gren, a besta negra dos americanos, que por muitos anos gozou da confiança de Hermann Goering nas iniciativas financeiras para o estrangeiro.

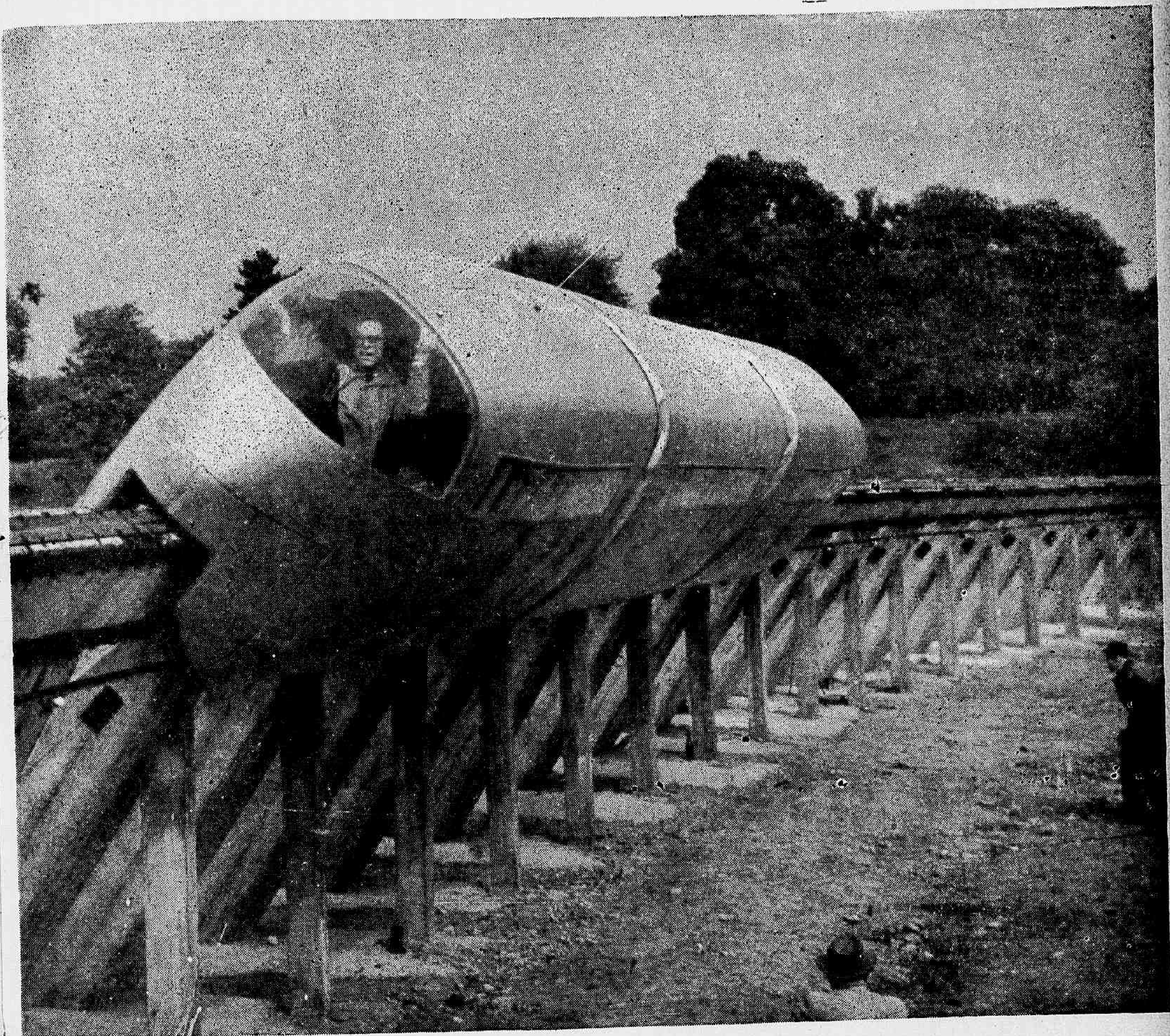
O primeiro impulso às pesquisas deu-o a pergunta: é possível combinar as vantagens do avião, isto é, a velocidade com as do trem, isto é, a sua estabilidade eliminando os solavancos e maiores desvantagens? Parece que a resposta foi encontrada. Em Fuhlingerheide, perto de Colônia, está sendo construído atualmente o modêlo de uma «estrada de ferro» do ano 2.000»; com a escala de 40 por cento. A pista, de forma circular, é de dois quilômetros e meio, e sôbre ela, brevemente se realizarão as primeiras experiências. O problema técnico está resolvido, dizem os inventores: para empregar a invenção, apenas é preciso capital. Não é necessário muito, porquanto o custo de instalação de uma linha ferroviária do ano 2.000 é inferior de um quinto ao das ferrovias normais, e o custo de manutenção por



Trata-se, portanto, de fabricar um quer do ar. Os técnicos da cidade



Os trens atuais não correm mais de 100 a 120 quilômetros por hora. Modernamente estão sendo feitas pesquisas no sentido de novas locomotivas, cujo raio de velocidade atinja trezentos e cinqüenta quilômetros horários. Engenheiros alemães empenham-se na construção das mais velozes composições ferroviárias.



trem que empregue pouca fôrça para se movimentar, ou seja, reduzir o seu pêso eliminando o mais possível os atritos, quer da terra, industrial de Colônia, na Alemanha, resolveram o problema apoiando êsse trem que será o ideal sôbre um carril, ao invés de dois.

sua vez será reduzido a menos de um têrço.

A grande desvantagem de um trem é o seu pêso. Para alcançar a velocidade de cem quilômetros, uma composição de 800 toneladas emprega certo tempo e faz um longo e prolongado esfôrço. Ao parar, tem necessidade de muitos quilômetros ao longo dos quais perde grande parte de inércia acumulada com custo e fadiga. Esfôrço imenso no princípio e perda também imensa no fim. Se um trem pesasse menos correria três vêzes mais sem aumentar o consumo de energia; mas se corresse demais, saltaria fora da bitola à qual está prêso graças ao seu pêso.

E qual é a desvantagem máxima do avião? A falta de apoio. Um avião médio de transporte emprega um décimo só da fôrça dos motores para prosseguir; os outros nove décimos são necessários para librar-se na atmosfera: por isso deve ser ligeiro. Se se apoiasse em qualquer coisa, poderia ser muito maior e transportar maior carga, correndo sempre à mesma velocidade com motores normais.

Trata-se portanto de fabricar um trem que empregue pouca fôrça para andar, ou seja, reduzir o seu pêso e reduzir os atritos, quer da terra quer do ar. Ou, se se prefere, precisa fabricar um avião sem asas. Os técnicos de Colônia resolveram o problema apoiando êste trem ideal sôbre um só carril (redução do atrito com a terra) e levantando êste carril a cinco ou seis metros (redução do atrito do ar). Sôbre o carril o comboio está em equilíbrio pelo fato de que o seu centro de gravidade está situado debaixo do ponto de apoio, e não por cima. Isto se observa na parte transversal das locomotivas. O trem, em outras palavras, cavalga o suporte, como a pequena ferrovia chamada Tel-Fer fabricada em 1911 para a exposição da Gênova. A Tel-Fer devia solucionar, porém, um problema estático mais do que dinâmico. A ferrovia do ano dois mil permitirá correr a 350 quilômetros horários, o que significa ir de Colônia a Roma em cinco horas.

O carril único com a largura de 60 centímetros em cimento armado revestido de aço, será apoiado numa série de dormentes de cimento, sob os quais passarão as estradas. No desenho definitivo vê-se um viaduto construído sôbre uma longa fila de cavaletes que se unem em curvas elegantes através do campo e dá-nos uma recordação dos aquedutos romanos.

Se o capital até agora aplicado nos estudos é quase todo alemão, as mentes diretivas também são alemãs. São os engenheiros Hinsken e Holzer, discípulos do Prof. Wiesinger, da Escola Técnica Superior de Zurig. Holzer representa as ferrovias federais alemãs, um fato que demonstra como as autoridades da República não só estão ao corrente da iniciativa, mas também a apóiam. Esta emprêsa merece ser apoiada, diz Norbert Lorenz, segundo diretor da Verkehrsbahn-Stuiengesellschaft, e de fato não vai muito longe o dia em que se falará da primeira ferrovia monocarril como hoje se fala da «Rocket» de George Stephenson, que percorre o trecho Stockton-Darlington, há 127 anos.

«A velocidade de 350 quilômetros à hora que se projeta alcançar — êle afirma — não passará de uma tímida tentativa. Estamos seguros de poder fazer com o tempo 700, 800 e até mil quilômetros horários... de trem. Basta ter paciência.»

Semana LITERÁRIA

UM LIVRO:

"EXPLORAÇÕES NO TEMPO"

ESTAS «Explorações no Tempo» vêm fixar em livro uma das feições mais curiosas do romancista Cyro dos Anjos e através da qual êle deixa correr livre a sua abundância de ternura pelo cotidiano, pela vida simplória, pelos personagens anônimos e perdidos, abraçando, no mesmo largo abraço, paisagens, coisas e pessoas. Essa solidariedade sem azedume, êsse interêsse sem ironia — o que torna êste machadiano inteiramente diferente do mestre — já repontam nos seus romances primorosos, na história de Belmiro, o amanuense bovarista, como nas aventuras de Abdias, onde o cálculo da secura trai o propósito do romancista, incapaz de evitar a interferência do sentimentalismo na análise de seus casos. Na crônica, principalmente em crônicas de saudade, como estas de «Explorações no Tempo», o escritor está livre das imposições técnicas e, então, falando como documentarista, se abre inteiramente, desce às minúcias mais insuspeitas e mais tocantes, a propósito de um tipo, de um largo de igreja, de um trecho de rua. Estas crônicas, um dos mais recentes volumes dos Cadernos de Cultura, tão bem orientados, valem como uma confissão, quer do ponto-de-vista literário, mostrando muito do autor, de sua formação de suas inclinações, de seu interêsse humano, como do ângulo do próprio homem, revelando-se em melhor foco do que na obra de ficção, onde seu vulto se insinuava já, nos interstícios da composição romanesca, nos dramas humildes de seus personagens.

O tema central de «Explorações no Tempo» é a perdida cidadezinha de interior, o tema oblivionesco — se podemos dizer, recordando a Oblivion, de Monteiro Lobato. Mas, em tôrno dêsse tema, quantas variações, quanto depoimento pessoal, quanta notação lírica nos dá Cyro dos Anjos — no seu estilo de uma pertinência extraordinária, pela leveza no tratamento das figuras, pela agudeza, na penetração psicológica, pela graça com que sabe expor, fixando em pequenas manchas coloridas os seus assuntos e a sua humanidade.

«Explorações no Tempo», sugestiva recuperação prustiana, é um dos mais interessantes livros de prosa gratuita do ano que se termina.

EDMUNDO LYS

FORA DO PRELO

● **FIGURAS DO CARNAVAL** — Desenhadas, a côres, por Manuel Piló — autor de **Ivor, o Rei** e **Pat, o Palhaço**, as «Figuras do Carnaval» em 48 cartas maravilhosamente impressas, constituem mais um dos afamados Quartetos Melhoramentos. Harmonizando a tendência infanto-juvenil para os passatempos atraentes com a necessidade de difundir conhecimentos, os Quartetos Melhoramentos já se apresentaram com «Escritores do Brasil», «Aves do Brasil», «Flores do Brasil», «Grandes compositores», «Grandes escritores», «Nossa horta», «Quarteto das crianças» e, agora, estas «Figuras do Carnaval», certame que fascina a gente miúda... e a gente grande.

● **SAÚDE PARA MEU BEBÊ** — Já noticiamos, aqui, da série das Edições Melhoramentos «Saúde para todos», o aparecimento de Vitaminas bastante, saúde constante; Como devo criar o meu filho?; Como ter boa saúde; Nutrição; Guia para o paciente tuberculoso.

A consagrada editôra está publicando o livrinho 6 da coleção: «Saúde para meu bebê», de autoria de Neyde Carvalho de Arruda. Trata-se de moderníssimas noções de puericultura especialmente dedicadas às futuras mães.

● **FOGUEIRA APAGADA** — Incluindo bela novela para a juventude — mas novela equilibrada, não essas, de fundo histérico, pertencentes à patologia e não às letras — Vítor Caruso acaba de apresentar o seu livro «Fogueira apagada», com ilustrações de Osvaldo Storni. Para recreação de leitores juvenis e adultos, «Fogueira apagada» faz parte da série «O bom companheiro», das Edições Melhoramentos, na qual já apareceram: Apenas violinista...; Beleza negra: Contos e lendas do deserto; A cidade do deus amarelo; Contos fantásticos; Uma estrêla no céu está cantando...; O famoso Zacarias; Rosais em flor; João Negrinho e outras histórias; Luango, o negrinho dos Palmares. Muito bem desenvolvida a ação de «Fogueira apagada».

● **PERFIS MUSICAIS** — Há grandes compositores, grandes intérpretes, grandes figuras ligadas à música... dificilmente conhecidos em sua vida, gostos e hábitos. E' que faltam as informações reais para o público. Beatriz Leal Guimarães conseguiu, em «Perfis Musicais», reunir dados exatos, úteis e preciosos a respeito de vultos de extraordinário valor, assim nacionais como estrangeiros. Dezenas e dezenas de «Perfis Musicais» opulentam as páginas de sua obra editada pela «Noite». Mas não é só. Pensando e escrevendo com arte, finura e beleza, Beatriz Leal Guimarães oferece um trabalho de senso crítico e equilíbrio estético. Leitura agradável e cultural a que se faz em «Perfis Musicais». Oxalá continue a série de tamanhos méritos!

● **O UNIVERSO E O DR. EINSTEIN** — «O livro de Lincoln Barnett representa valiosa contribuição à literatura científica popular. As ideias principais da teoria da relatividade acham-se aqui realmente muito bem expostas. Além disso, o livro caracteriza de modo lúcido o estado atual de nossos conhecimentos na física» — são palavras de Alberto Einstein no prefácio que escreveu para a obra de Lincoln Barnett intitulada «O Universo e o Dr. Einstein», tradução de José Reis e fartas ilustrações de Anthony Sodaro. O prólogo do sábio dispensa-nos de qualquer outro comentário ou juízo sôbre as páginas de Barnett. Cabe-nos apenas assinalar que «O Universo e o Dr. Einstein» é o vol. 11 da série «O homem e o universo», da qual, entre outros, as Edições Melhoramentos já publicaram «O princípio do mundo», «Botânica Divertida», «Os caprichos do tempo» e «Outros mundos além do nosso».

● **AVENTURA EM BALA-BALA** — Da Coleção Aventuras acabam as Edições Melhoramentos de fazer mais um volume. «Aventura em Bala-Bala», páginas cheias de movimentação, imprevistos e sensação, bem ao gôsto da juventude. O autor, o sueco Allan Safstrom, é, assim, apresentado ao nosso público, através da tradução de Margarida Forssell.

«Aventura em Bala-Bala» traz ilustrações de Osvaldo Storni.

● **ISTO E' O RIO DE JANEIRO** — No Concurso Fotográfico Melhoramentos «Isto é o Rio de Janeiro» (para formar um livro-álbum sôbre a nossa capital) foram classificados nos primeiros lugares os srs. Carlos Botelho, Marciano da Fonseca Machado e Joel Guimarães, havendo, ainda, prêmios de consolação para os srs. Carlos Botelho, Mário Gomes, Hans Giese, Ralf Kircher, Marciano F. Machado, Joel Guimarães e José Oiticica Filho.

● **O PRIMEIRO MISTÉRIO** — Outro livro de poemas das edições da Revista Branca é «O Primeiro Mistério», de E. C. Caldas. O ilustrador Darcy Penteado ornou a bela edição com excelentes e expressivos desenhos. Daremos futuramente uma nota mais longa sôbre esta importante estréia poética.

UM AUTOR:

MÁRIO FILHO



DEPOIS de uma estréia literária promissora, anterior às suas atividades esportivas, Mário Filho que completa, no ano próximo, suas bodas de prata com a crônica de desportos, de que foi o renovador, moldando-a em estilo novo, literário e gráfico, como a temos hoje — Mário Filho, dizíamos, se limitou a publicar livros sôbre esporte, aliás, obras de grande interêsse como, por exemplo, «O Negro no Foot-Ball». Agora, Mário Filho prepara para o ano próximo um livro comemorativo de suas bodas de prata com a crônica esportiva: «Interpretação do Foot-Ball», em que estudará as relações do popular esporte com a sociedade e o indivíduo, os motivos de sua fascinação, seu sentido humano, seus aspectos recreativos; seu mistério, sua poesia, etc. Mas, além dêsse livro ainda sôbre esporte, Mário Filho nos dará também um romance e um romance da vida jornalística. Chama-se o livro «Um Dia de Trabalho» e tem como ambiente as redações dos jornais, seus tipos, os dramas de todos e de cada um. E' assunto que Mário Filho conhece de longa data, de seu quarto de século de jornal, tempo em que vem colhendo material para êsse livro de certo interessante, não só para os profissionais, como para o público em geral. A aventura cotidiana do jornalista, seus problemas, suas paixões, sempre em função do «metier», que riqueza de tema, que mundo de conflitos e de personagens pode reunir o romancista, conhecedor do ambiente e de seus segredos, como da missão de escrever. O livro de Mário Filho contará entre as poucas obras brasileiras escritas sôbre o assunto, tanto é certo que o mundo variado, múltiplo e denso de interêsse do jornal, preocupou nossos escritores até ao ponto em que o sentiu o autor de «Romance do Foot-Ball».

★ ★

NOTICIÁRIO

STEPHEN SPENDER EM VISITA AO BRASIL — Chegará ao Rio, no dia 26 dêste mês, o conhecido escritor e poeta inglês Stephen Spender, que vem ao nosso país pela primeira vez, a convite do Clube de Poesia de São Paulo, e sob os auspícios do Conselho Britânico. Em São Paulo Stephen Spender pronunciará duas conferências, e no Rio, onde será hóspede oficial do Ministério da Educação e Saúde, fará também duas palestras, uma na Sociedade Brasileira de Cultura Inglêsa, no dia 28, às 18 horas, e outra no Ministério da Educação, no dia 1º de dezembro, às 17,30 horas. Nesta Capital, Stephen Spender permanecerá até 4 de dezembro, dia de seu regresso a Londres.

Stephen Spender nasceu em 1909, tendo sido educado no College School, em Londres, e no University College, em Oxford. Publicou o seu primeiro livro de poesias em 1930, sob o título **«Twenty Poems»**, tendo posteriormente colaborado na revista «Criterion», então dirigida por T. S. Eliot. Em 1933, lançou o seu segundo volume de poesias — **«Poems»** — que fixou a sua reputação definitivamente e o lançou no mundo da cultura inglêsa. Estava consagrado. Em 1935, publicou o seu primeiro volume de prosa, ensaios de crítica literária a que chamou **«The Destructive Element»**, e um ano mais tarde, com surprêsa de todos, revelou-se um contista excepcional, com **«The Burning Cactus»**. Dentre os seus melhores volumes de poesia, destacam-se **«Poems from Spain»**, 1939; **«The Still Centre»**, 1939; **«Ruins and Visions»**, 1942; **«Poems of Dedication»**, 1946; **«The Edge of Being»**, 1949. De suas obras em prosa há que se destacar o já mencionado trabalho de crítica, e **«European Witness»**, 1946, impressões de sua demorada viagem pela Europa, em particular Alemanha, após a guerra; **«The Blackward Son»**, sua única novela, e, finalmente, a sua notável autobiografia **«World Within World»**, em que se revelou um magnífico prosador e um crítico agudo da sociedade, das instituições, usos e costumes de uma época.

As conferências que irá pronunciar nesta Capital abordam os seguintes temas: **«The Concept of Poetry»** e **«Three Major Modern Poets: W. B. Yeats, T. S. Eliot and D. H. Lawrence»**.

★

EDIÇÕES HIPOCAMPO — **As prestigiosas Edições Hipocampo têm prontas, para próximo lançamento, três novos livros: «Madrinha Lua», de Henriqueta Lisboa, «Prelúdio e elegia de uma despedida», um poema de Joaquim Cardoso, e «Catedral de barro», de Emanuel de Morais.**

Em seguida, Hipocampo publicará o livro de poemas de Abgar Renault.

Fresco vestidinho em cambraia branca com aplicações de viezes pregueados.

Em sêda branca com pois negros a saia embutida de muitos recortes em lenço. Modêlo à direita.





Campo e cidade

Simplicidade e requinte





1) Vestido "chemisier" de linha clássica ornado de finos bordados
2) Modêlo branco com bordado em prêto no decote "bateau"



3) Numa criação de linha simples a elegância é dada pelas largas pregas embutidas nas costas da blusa e da saia



Em branco e amarelo

Vestido de organza branca com listras amarelas. A saia plissada é cortada em forma, modificando o sentido das listras.



Um modelo italiano de Fercioni

Um modêlo italiano de Fercioni: Lindo vestido de foulard prêto e branco, com aplicações e tecido prêto. Gola engomada e elegante cinto de verniz. A largura da saia é dada pelas pregas reunidas na frente, formando avental.



A VIDA de NOEL ROSA

Contada por ALMIRANTE



CAPITULO VII

EVOLUÇÃO DO RÁDIO ★ PROGRAMAS PARTICULARES ★ OS ESPERTOS DO RÁDIO ★ O PROGRAMA CASÉ ★ UM BATISMO AFLITO ★ O CONTRA-REGRA NOEL ROSA ★ VOCAÇÃO PARA DESCULPAS ★ O MISTÉRIO DOS TÍTULOS ★ DURANTE A REVOLUÇÃO DE 1932

O Rádio, nesta Capital, evoluiu de maneira vertiginosa. Um ano bastou para que uma transformação radical se operasse no cenário radiofônico e, em 1932, graças à liberação dos microfones para a publicidade, a iniciativa particular de vários pioneiros tornou o Rádio no mais poderoso veículo de difusão de arte, cultura e mensagens comerciais.

A moda dos programas particulares durou vários anos. De épocas distintas, entre muitos outros, podemos lembrar o «Esplêndido Programa», de Waldo Abreu; o «Casé», de Ademar Casé, o «Horas do outro mundo», de Renato Murce; o «Programa Polar», do afamado propagandista do mesmo nome; as «Horas Portuguêsas», de Genaro Gama tràgicamente desaparecido num desastre de aviação; o «Nosso Programa», de Eratóstenes Frazão; o de Luís Vassalo, o de Pinto Filho o do «Pinóquio», do Paulo Neto, de André Filho, de Francisco Alves.

O primeiro dêles, inaugurado em 1929, na Rádio Educadora, pertenceu ao consagrado compositor Gastão Lamounier. Não se diferençava, porém, em nada dos programas habituais da emissora que o acolhia. A bem dizer, o primeiro programa particular em moldes revolucionários, foi o «Esplêndido Programa», de Waldo Abreu na Mayrink Veiga. Atilado corretor de publicidade, Waldo Abreu imprimiu às suas audições dominicais um cunho novo e atraente. Seus textos de publicidade e a apresentação dos artistas eram improvisados, o que dava ao programa um tom especial de vivacidade que o destacava sobremaneira do ronceiro rádio da época.

Depois, os programas particulares degeneraram em indústria explorada por espertalhões adventícios que nenhum ideal artístico possuíam e que ùnicamente visavam aproveitar-se da bondade ou da ingenuidade de conhecidos chefes de casas comerciais que fàcilmente concordavam em auxiliar com suas verbas a quantos lhes surgissem solicitando o favor do anúncio.

Houve época em que não se passava semana sem que o comércio se visse assediado por tais cavalheiros, o que determinou a desmoralização quase completa do promissor negócio, obrigando as emissoras a estabelecer normas rígidas, entre as quais se incluía a cobrança adiantada das horas destinadas a cada programa.

Logo que tal medida foi tomada por certa emissora, um daqueles espertos organizadores de programas, havia já aprazado sua série de audições, devendo a estréia realizar-se em dia próximo.

Já havia corrido a praça, obtido as autorizações de bom número de anunciantes, e tratado artistas. Ao comparecer ao estúdio à hora marcada para a inauguração, recebeu a informação taxativa de que só poderia realizar o programa mediante o pagamento adiantado do tempo. Como não possuísse o dinheiro, a estréia não se realizou, tendo a emissora, para salvaguardar sua responsabilidade, irradiado um texto sumário, como justificativa:

— Por motivo de fôrça maior, o Programa Tal, não será inaugurado hoje.



VALIOSA RELIQUIA — Retrato de Chico Alves dedicado a Ademar Casé.



A 26 DE DEZEMBRO DE 1932 era realizado no «Programa Casé» uma audição especial destinada ao lançamento das músicas carnavalescas para 1933, submetidas a um concurso organizado pelo «Diário Carioca». Na foto acima, tirada na Rádio Philips, aparecem Benedito Lacerda, Moreira da Silva, Moacir Fenelon, Russo do Pandeiro, «Almirante» e tantos outros. Não se vê Noel Rosa, mas não resta dúvida de que se achava presente, já que à extrema esquerda é visto «Valuche» — motorista de praça — e que era companheiro inseparável do compositor.

No dia seguinte, tendo extraído todos os recibos, o nosso homem saiu a percorrer as casas comerciais que o haviam acolhido antes. E ali enfrentava duas hipóteses inteiramente opostas, que partiam de sua pergunta feita em tom dúbio:

— Então, ouviu ontem?... — e prolongava êste final, aguardando a manifestação do comerciante. Se o patrocinador estava informado da verdade, protestava:

— Ouvi o quê?... O programa não foi irradiado! — o que não desarmava o finório negocista, que logo atalhava, compenetrado, ar honesto:

— Pois é... Eu pergunto se ouviu a nossa explicação?...

Na segunda hipótese, o patrocinador, que não se inteirara da realidade, confessava, ingênuamente:

— Infelizmente não pude ouvir o programa. Tive que sair...

— Pois foi pena! — avançava o sabido. — Justamente o seu quarto de hora foi o melhor. O telefone não parou com os elogios, com os pedidos de bis, com os parabéns para o senhor... A propósito, aqui está o seu recibo.

E embolsava a «gaita» que o patrocinador, aliás, pagava gostosamente, vaidoso dos parabéns que merecera de ouvintes anônimos e inexistentes...

Agora, recuemos um pouco nos tempos e vamos abrir espaço para que fique registrado um nome que contribuiu decisivamente para a valorização artística e comercial do nosso Rádio e se tornou fator importante para que mais crescesse a aura de popularidade que já cercava Noel Rosa, em 1932.

Queremos falar de Ademar Casé e seu famoso «Programa Casé».

Em 1920, chegava ao Rio, procedente de Pernambuco, a fim de servir na Escola Militar, o praça Ademar Casé. Nascera em Bom Jardim. Era filho de João Francisco Casé e D. Rita Leopoldina Casé. O pai, guarda-livros, caixeiro viajante, professor nas horas vagas e político em tôdas as horas. Na revolta de 1922, como castigo, Ademar Casé rolou por várias unidades de São Paulo, regressando dali a Caruaru, cidade onde se criou e onde passou tôda a sua infância. O lugar, entretanto, já não lhe oferecia os encantos de outrora, prejudicado como ficou pela comparação com a Capital Federal que o rapaz conhecera ràpidamente, mas cuja lembrança se instalara definitivamente em sua mente.

Na primeira oportunidade, embarcou para o Rio de Janeiro, onde, à falta de melhor ocupação para se manter, valeu-se de seu belo cursivo, pintando letras de alvaiade nos espelhos de cafés e confeitarias, anunciando os petiscos das casas.

Mais tarde — aí por 1926 — atraído pelo incremento verificado nas vendas de terrenos a prestações, engajou-se numa das emprêsas mais em evidência, da qual, horrorizado, afastou-se sem demora, por ter verificado tratar-se de legítima arapuca.

A venda de rádios a prazo era, então, dos negócios mais prósperos e de futuro e Casé, usando de processos novos e inteligentes, tornou-se, em breve tempo, um dos mais conhecidos vendedores da praça. Nessa condição mantinha estreitas relações com a direção dos representantes da Philips no Brasil que, em Março de 1930, inaugurava um transmissor experimental, de 500 watts, com estúdios e o próprio transmissor instalados no 3º andar do nº 27 da Rua Sacadura Cabral, atual 41.

★

Interessados em dar à sua emissora uma situação de destaque, os diretores da Philips propuseram a Ademar Casé a organização de um programa cuja diretriz lhe ficava inteiramente afeta. Nasceu assim o celebérrimo «Programa Casé», cuja primeira irradiação se fêz no domingo, 14 de Fevereiro de 1932, semana seguinte ao Carnaval daquele ano.

Deve-se lembrar que, na atrapalhação de organizar seu programa, o bisonho diretor-artístico, «doublé» de corretor de publicidade, tratou sòmente dos elementos artísticos e dos anúncios, esquecendo-se, totalmente, de dar nome à novidade que lançava no ar. Essa falta só se fêz notar no instante exato em que o engenheiro Vitoriano Borges, representante da Philips, encarregado de proferir as palavras inaugurais, engatilhou uma frase de improviso que deveria terminar, forçosamente, pelo nome do programa. Casé, à frente do locutor, percebeu, instantâneamente, a enrtaladela. A culpa era exclusivamente sua. Não havia previsto o título. Agoniado, rubro de vergonha, inutilizado pela falta «gravíssima», permaneceu estatelado, enquanto o anunciador, numa inspiração repentina, inventou, num segundo, o nome que era a completa salvação:

— ... está no ar o «Programa CASÉ»!

Casé deixou escapar um profundo suspiro. Estava salvo.

★

Em seu afamado programa, que dominou o Rádio carioca durante quase 20 anos, passaram as maiores celebridades artísticas do Brasil e algumas do resto do mundo.

E' de se notar que, naqueles tempos, um programa de Rádio era inteiramente organizado segundo o gôsto de um indispen-

sável contra-regra, cuja função consistia em dosar os números, evitando repetições do mesmo gênero, cuidando de entremear vozes masculinas e femininas, peças de orquestra e cenas humorísticas.

Durante longo tempo, o próprio Casé exerceu tal função. Depois, na presunção de que um artista exerceria o cargo com maior proficiência, e ainda no intuito de ajudar a Noel Rosa, Casé confiou-lhe a trabalhosa missão.

Trabalhosa, realmente, porque um contra-regra não sossegava um instante durante todo o período de irradiação. Andava em febril movimentação, de um lado para outro, anotando, em papeletas apropriadas, nomes de músicas, de cantores, de acompanhadores para depois, vencendo a relutância de quase todos, obrigá-los, quase à fôrça, a entrar no estúdio a fim de desempenhar seus números.

De tal serviço, Noel se desincumbia com precisão e eficiência. Sabendo-o conhecedor profundo de português e excelente poeta, a êle recorriam todos aquêles a quem assaltavam dúvidas sôbre a correção de versos que deveriam apresentar em primeiras audições. E o amável contra-regra, quantas vêzes desprezando, inteiramente, versos ou estrofes inteiras incorrigíveis, escrevia outros, sempre superiores, alguns mesmo magistrais, considerando-se a rapidez com que eram imaginados, no seu incessante corre-corre atrás de músicos, cantores ou humoristas.

Nem tudo eram flores, porém. Como contra-regra, Noel era obrigado a comparecer ao estúdio, pelo menos, 10 minutos antes do início do programa. Cumprir horários, entretanto, representava consumado sacrifício para aquêle boêmio e, ao fim de poucas semanas de pontualidade absoluta, começou a chegar sempre depois da hora.

Com tais atrasos, Casé via-se compelido a assumir o pôsto até que Noel aparecesse. Concentrando o furor, Casé, intimamente, fazia projetos de se desabafar enèrgicamente logo que Noel desse as caras. Mas quando o auxiliar surgia, apresentando um sorriso maneiroso, à porta do tremelicante elevador do prédio, tôda a ira de



O PROGRAMA CASÉ, por iniciativa de «Almirante», em combinação com «O Malho», lançou, em 1934, o primeiro concurso de palavras cruzadas realizado no Rádio brasileiro. Aí estão: Osvaldo Santiago, então redator de «O Malho», Paulo Roberto, locutor do programa, «Almirante» e Ademar Casé, ladeando o vencedor do referido certame.

Casé se dissolvia num chocho: «Mas Noel!...», que era rebatido, cada domingo, com uma justificativa sempre nova e ardilosamente preparada para desarmar o patrão amigo:

— Você me desculpe, Casé, mas «o bonde furou o pneu»!

Ou então:

— Esqueci onde era a Rádio Philips, Casé!

Ou ainda:

— Desculpe, Casé, mas hoje «não pude chegar mais tarde»!...

★

Tempos depois, quando o célebre programa se irradiava da Rádio Transmissora, onde Noel era simplesmente cantor, Casé se tornou vítima de sua astúcia quando pretendeu fazê-lo cumprir a determinação imposta a todos os artistas a fim de que apresentassem freqüentes números inéditos, ao invés de reprisar, todos os domingos, um repertório batido.

Não podendo seguir à risca tal exigência, Noel pôs em prática um processo ardiloso, que deu ótimos resultados por cinco ou seis semanas seguidas.

Cada domingo se fazia anunciar com um samba novo, uma primeira audição, sempre de nome sugestivo e inédito: «Você me pediu...», «Soirée e tamborim», «Barato prá Cachorro», «Gato do morro», «Não é tão caro assim». E prosseguiria indefinidamente na esperta manobra se Casé não viesse a encontrar extraordinárias semelhanças entre tantos sambas assim anunciados de forma tão diversa e atraente. E acabou descobrindo que todos aquêles nomes se referiam a uma só e mesma produção de Noel, isto é, ao samba «Cem mil réis», de cujo estribilho eram extraídos fragmentos que passavam a títulos:

Você me pediu cem mil réis,
Pra comprar um «soirée» e um [tamborim.
O organdi anda barato pra ca- [chorro,
E um gato lá no morro
Não é tão caro assim...

Não fôsse a tramóia descoberta a tempo e Noel prosseguiria no seu sistema, buscando títulos nos 16 versos das estrofes da segunda parte...

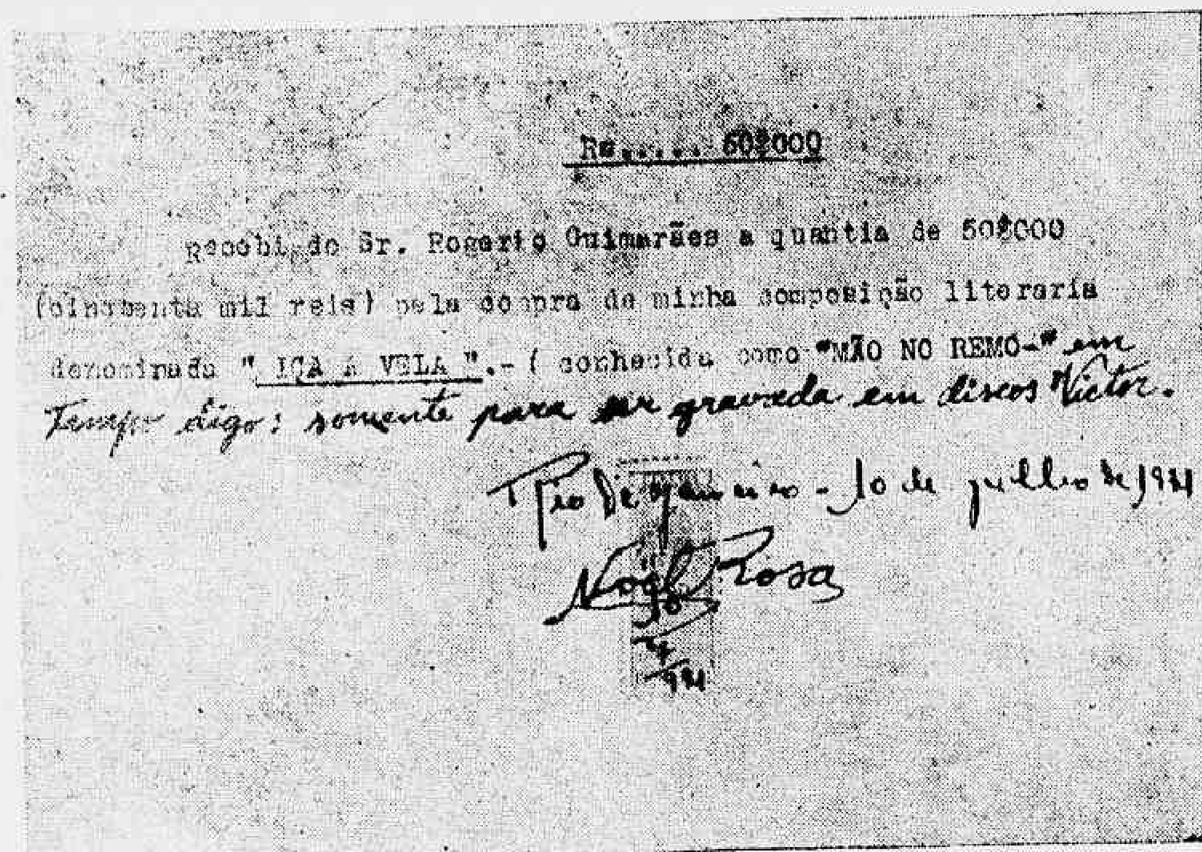
★

Em Julho de 1932, tendo estourado a Revolução Constitucionalista de São Paulo, causa a que o Rádio bandeirante aderira com patriotismo e decisão, o govêrno federal estabeleceu severa censura nas emissoras cariocas, no receio pueril de que daqui se transmitissem mensagens aos irmãos em luta. Sendo a Philips, sabidamente, a estação de melhor cobertura no território paulista, e sendo o «Casé» o seu programa mais ouvido, a censura, ali, assumiu aspecto drástico, exercida por um risível policial, cujo zêlo o fazia postar-se ostensivamente ao lado do microfone, em atitude sherloquiana, deixando ver a coronha de ameaçador revólver.

Pretendia, por certo, descobrir nas fisionomias dos pacatos artistas ou nos números executados, os vestígios de inclinações comprometedoras.

Noel não deixou passar sem comentário a insólita atitude do censor e, a cada artista que procurava para se informar das músicas do programa, fazia, com ar protetoral, uma recomendação de prudência:

Olhe lá! Não vá fazer gestos enquanto estiver cantando, senão o «meganha» prende você, sob o pretexto de estar fazendo sinais para os revoltosos...



Rs...... 50$000

Recebi do Sr. Rogerio Guimarães a quantia de 50$000 (cincoenta mil reis) pela compra de minha composição literaria denominada "IÇA A VELA".- (conhecida como "MÃO NO REMO-" em tempo digo: somente para ser gravada em discos Victor.

Rio de Janeiro - 10 de julho de 1931

Noel Rosa

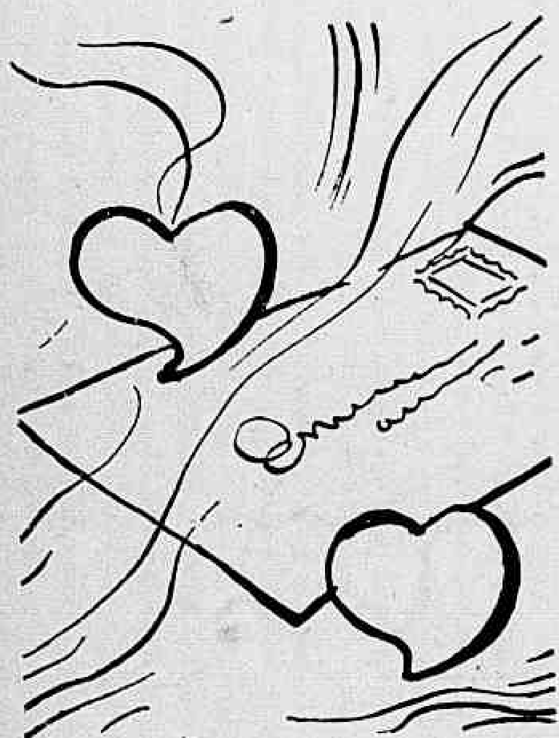
VOLTA E MEIA, sob a premência de dinheiro, Noel vendia suas produções. A Inácio Guimarães, então artista da Odeon, vendeu os direitos do «Com que roupa?». A muitos pseudos compositores vendeu trabalhos que nem em seu nome figuraram. Eis aí o recibo da transação feita com o samba «Mão no remo», em que Ari Barroso era seu parceiro.



PROGRAMA CASÉ — No pequeno estúdio da Rádio Philips, nesta fotografia de 12 de Setembro de 1932, aparecem Nonô (pianista), «Fon-Fon» e outros membros da orquestra. Junto do microfone, «Jonjoca» — o vereador João de Freitas — Jorge Murad e, de costas, Sílvio Caldas.

CONVERSA DE MULHER

DESANIMADA CARTA DE ANIMOSO AMOR



ONTEM, recostada e tão pequena quanto possível, no côncavo de teu ombro, observava, na plena consciência da delícia do momento, o gesto seguro e rápido com que soltavas e abrias os dedos da mão esquerda e logo os apertavas novamente, para deixar desfazer e retomar o jôgo da roda de direção do automóvel em que regressávamos do passeio. A facilidade com que a roda girava e a segurança com que a manobravas fêz-me pensar na velocidade com que corre minha vida em tuas mãos — num rodopio de espiral em sentido de profundidade — e no jeito capaz com que a conduzes.

● *Tua presença é para mim o que há de mais ponderável. Tua ausência é quase falta de ar. Teus movimentos e tudo que de ti emana vão formando um mundo para os meus sentidos e me tocam mesmo à distância como volumes macios. Não é uma imagem dizer que vivo em teu centro — a melhor atmosfera para mim.*

No entanto és um país desconhecido ao qual cheguei sem guias nem relações. No meio estrangeiro, travei conhecimento com os aspectos intelectuais, culturais e morais através do amor. Não é essa uma experiência a que costume se dar uma mulher civilizada, ainda que com espírito de iniciativa mas sempre fazendo uso de armas de reconhecimento e defesa.

● Também é esquisito que, sendo o amor feminino um sentimento que se lança para o futuro num desejo de duração, eu me conforme — na magnitude da felicidade — com a noção da transitoriedade do contato contigo. De ti, porém, é tanto qualquer coisa que me venha que mais nada posso, não exigir, mas nem sequer desejar.

Deixo-me ficar boiando na recordação de ti e na expectativa do teu retôrno. Tudo o mais pode requerer atividade e esfôrço, mas não tem importância.

Os dias que virão não têm, igualmente, importância. Agora é a tua permanência em minhas horas; mais tarde será a minha escravidão à tua memória. Tua repercussão em mim é como a vibração do mar nos búzios. — **ISOLETTE**



EM BIARRITZ... «NO TEMPO DE EDUARDO VII»...

Georges Carpentier, que já foi campeão mundial de box, foi um dos organizadores desta festa magnífica, que se realizou recentemente em Biarritz, uma das mais famosas praias elegantes da França. No Hotel Bellevue, a alta roda dos que gozam a vida nesses lugares paradisíacos, divertiu-se com o Baile, cujo título diz tudo: "No tempo de Eduardo VII", o rei folgazão da Inglaterra, amigo da França, dos vinhos e das beldades.





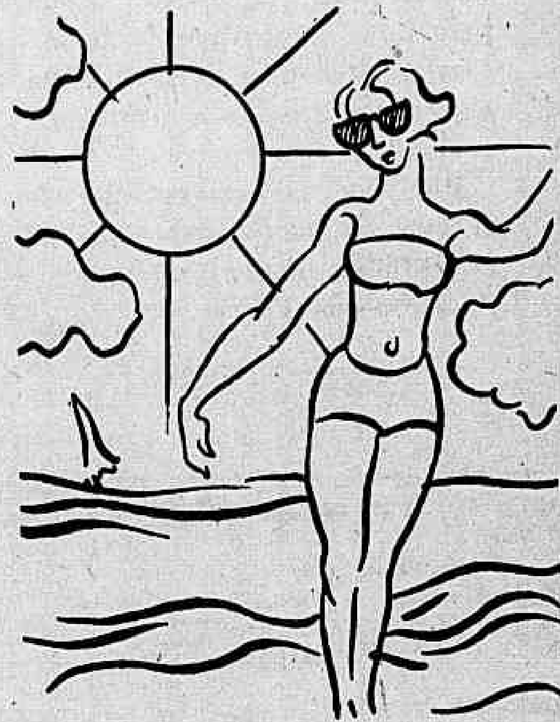
ARTISTAS DE CINEMA — MANEQUINS DA MODA

Um grande costureiro parisiense, especializado em vestidos para mocinhas, convidou várias artistas de renome e as principais do cinema francês para transformarem-se em manequins, por uma noite. Além de Brigitte Auber e Danielle Delarme, vemos, da esquerda para a direita: Anne Vernon, Dany Robin, Marie Daems, Brigitte Bardot e Françoise Arnoux. Os modelos despertaram o maior interêsse na capital da moda.



ROTINA DE BELEZA

PRIMEIROS RAIOS DE SOL: CUIDADO!



ENCONTRAMOS, há algum tempo, uma encantadora mulher de cêrca de vinte e cinco anos que começara a ir à praia. E' loura e se declarava encantada de haver adquirido um tom de pele mais tostado que um pão de centeio. Considerava-se embelezada, e nós não concordamos . . . sem o manifestar. Nossa opinião não teria maior importância se não se baseasse no fato de que sua pele estava muito sêca e um pouco rachada. Tornamos a encontrar, mais recentemente, a mesma mulher, tristíssima, então. Um dermatologista constatara que sua pele havia sido perigosamente queimada. Com o tempo e muito tratamento, poderá disfarçar o mal feito, mas as manchas escuras permanecerão, ainda que apagadas. Ouvindo isso, muitos dirão: "Ah, mas comigo não acontece uma coisa dessas, sou esperta." Saberão, no entanto, como se proteger?

● *Desde a aproximação do verão, é necessário tomar precauções para que um desastre como êsse não aconteça. As mulheres precisam se ir expondo aos poucos à claridade, primeiro, sob barracas ou toldos, depois diretamente ao sol, por apenas alguns minutos. O mal maior acontece porque as mulheres se sentem envergonhadas de parecerem muito brancas. . no campo ou na praia e pretendem ràpidamente dourar a cútis, sem calcular o perigo a que se expõem; julgam-se, ao se verem demasiado brancas, como em estado de inferioridade e se oferecem sem proteção nem medida aos raios do sol.*

Diz-se correntemente que os primeiros raios de sol são os mais perigosos. Uma coisa é certa: no comêço do verão a epiderme, privada em geral de vida ao ar livre, se acha mais sensível e tem menos defesa. Não é possível afrontar o sol senão à sombra da própria pele, segundo uma imagem rebuscada. Por isso é que as peles claras se ressentem mais dos ataques do sol.

"Muito interessante a dissertação", dirão as leitoras, "mas que é preciso fazer?"

● Não é muito complicado o que é preciso fazer. E' preciso, em primeiro lugar, ter paciência. Não adianta querer ficar logo da côr de Josephine Baker. E' indispensável untar fartamente a pele com um produto apropriado. Existem mesmo, atualmente, certos preparados que não apenas filtram os raios do sol, mas até fornecem uma proteção quase completa, não deixando queimar nada a pele. Isto, é claro, não é o que se deseja no caso, pois a moda é uma deusa que tem a tirania de ordenar a tôdas as fiéis que se transformem no verão em sulamitas. Mas, às vêzes, é bom que as mulheres recorram por alguns dias a êsses preparados, para controlar a gradação com que se vão tostando. Esperamos que quem nos leia preste atenção ao problema, pois é uma verdade dolorosa: o excesso de sol envelhece, tirando a frescura, prejudicando a renovação das células.

PARA VENCER NA VIDA

As publicações do Centro Redentor encerram sempre salutares conselhos, visando encorajar e esclarecer, amparar e orientar aos indecisos, desiludidos ou vítimas de incompreensões ou fraquezas.

Os princípios doutrinários ali explanados proclamam os benefícios da educação e instrução e ressaltam a responsabilidade de cada um perante seus próprios atos e atitudes, em face da sociedade de que faz parte, pugnando ainda pelo combate à indolência e ao parasitismo, tão disseminados no país.

Condenando vícios, exaltando o trabalho enaltecendo virtudes, propagando, enfim, princípios educativos e de sã moral, está o Centro Redentor contribuindo para a solução do angustiante problema de assistência social.

Por isso, as palavras que vão ser lidas merecem ser meditadas, principalmente pela juventude, na qual repousam as maiores esperanças da Pátria.

FÔRÇA DE VONTADE

A faculdade de realização é a vontade. Passar de uma idéia a um ato é apenas uma questão de querer.

Se se tiver a firme vontade de chegar a determinado resultado em qualquer empreendimento, não existirá barreira intransponível.

Qualquer resolução, após devidamente estudada, tomada com vontade firme, será levada a têrmo com absoluta segurança de êxito. Os mais fortes obstáculos serão vencidos com tal facilidade, que se chegará a crer nunca terem existido.

Tudo depende do **entusiasmo** com que se empreende a tarefa.

ENTUSIASMO

O entusiasmo é, indiscutivelmente, o maior animador de qualquer idéia sugerida à vontade. A idéia de fazer ou conseguir qualquer coisa não frutificará se não contar com o entusiasmo do aspirante. Sem o entusiasmo não haverá conquista.

O indivíduo que luta com entusiasmo jamais retrocede — avança sempre e não há fôrça que lhe faça estancar; não esmorece nunca e vence fatalmente. Em todos os seus atos, vislumbra o esbôço da vitória certa; e, em cada partícula do seu trabalho, vê um novo e poderoso incentivo, concebendo com inteligência e executando com sabedoria, até formar na vanguarda dos mais altos valores, passando a **confiar em si próprio.**

CONFIANÇA EM SI PRÓPRIO

Que significa confiança em si próprio?

Significa a certeza de ser grande num amanhã breve; significa adquirir boa reputação, independência moral, influência social, talento, riqueza e felicidade.

Nenhum outro fator inspirar-nos-á maior e mais bem fundada convicção de atingir o alvo colimado, que o ter confiança nas próprias fôrças e nos próprios recursos.

Quando alimentarmos qualquer idéia de conquista, lancemo-nos a ela com vontade firme, entusiasmo e confiança nas nossas próprias possibilidades, fatôres que, conjugados, nos antecipam a garantia do triunfo e ressaltam **dinamismo.**

DINAMISMO

Fôrça de vontade, capacidade de realização, inteligência e audácia, são os característicos do homem dinâmico.

Nunca se deve esperar «para logo mais». A reflexão só é cabível antes da ação. A reflexão tardia e prolongada traz a indecisão, deformando a intenção. A ação deve ser executada com firmeza e sem hesitações. Se uma idéia útil não fôr aproveitada e realizada incontinenti, nunca mais o será com perfeição. Poderá sê-lo, mais tarde, mas terá sofrido já a influência deformadora da indecisão e virá cheia de aleijões, porque não prevaleceu a concepção original.

Mesmo que a sua execução não corresponda integralmente à intenção, deve ser posta em prática.

O indeciso perde tempo e faz a inteligência trabalhar inùtilmente, impossibilitando que idéias novas e interessantes sejam estudadas. Tardar na sua execução será temerário, porque nunca sabemos o que vem mais atrás. Repetimos, pois — intensidade de pensamento e rapidez de ação, tornam o indivíduo **enérgico.**

TUDO ISTO ACONTECEU



Uma singular competição ciclista realizou no circuito à beira-mar do Lido entre 26 pintores com mais de 40 anos de idade vindos a Veneza por ocasião da Bienal. Aqui vemos o pintor Félix Carenú, de 72 anos, pronto para pedalar, ao sinal de partida. Os prêmios foram conferidos por um tribunal feminino, durante um divertido jantar, do qual participaram os corredores e todos os organizadores.

● UMA GALINHA FENÔMENO

Em Cudworth, na Inglaterra, conta-nos o avicultor Charlie Rogers possuir uma galinha, chamada Jennifer. Em circunstâncias especiais de nutrição e de ambiente, Jennifer põe vários ovos por dia; chega até a pôr dez ovos perfeitos, em 45 minutos: performance controlada por testemunhas. A Royal Society for the Prevention of Cruelty to Animals (Sociedade de Prevenção contra a crueldade aos animais) interviu, para que a galinha prodigiosa não ficasse exposta ao perigo de uma grave peritonite.

● VENENO E CONTRAVENENO

A célebre parlamentar inglêsa, de origem americana, Lady Astor, de fama internacional não só por causa de seus discursos, ficou inesquecível no seguinte diálogo que entreteve com Winston Churchill: — «Churchill, se você fôsse meu marido, eu lhe daria veneno no café». — «Nancy, — replicou o Primeiro Ministro — se eu fôsse seu marido beberia aquêle café».

● SANTO ANTÔNIO E O AVIADOR

Um pilôto de um avião-de-caça, durante uma batalha na Coréia, se atirou de um avião em chamas. E o pára-quedas não abriu. Desesperado, o pilôto rezou a Santo Antônio. — «Meu glorioso Santo Antônio, não me deixe cair, abra meu pára-quedas». Alguns segundos e o pára-quedas abriu. Nesse momento escutou que alguém lhe falava: — «Qual foi o Santo Antônio que você invocou?» — «O de Pádua» — respondeu o aviador. — «Ah! sinto muito, mas não sou eu» — retorquiu-lhe a voz. Então o aviador se estatelou no chão.

● CARREIRA

— «Agora sou o presidente do Conselho de Administração da Câmara de Comércio», diz a um amigo um jovem homem de negócios. «E dizer que escolhi o caminho mais difícil: casei-me com a filha de meu patrão».

● DE UM MÉDICO

Depois de visitar a sua cliente, diz o doutor: «Minha senhora, a sua doença é hereditária. Meu serviço é dois mil cruzeiros» — «Sim, senhor, está bem. Meu pai mora na rua Verdi, mande-lhe a conta».

Livros Vivos

INTERESSA

INTERESSA SIM!!!

NO MÍNIMO 3 LIVROS INTERESSAM PARTICULARMENTE A VOCÊ.

COMPRE EM NOSSAS LOJAS:

RIO DE JANEIRO:
RUA DO OUVIDOR, 150
AV. RIO BRANCO, 25
RUA MÉXICO, 128-Sobreloja

SÃO PAULO:
RUA CONSELHEIRO CRISPINIANO, 403.
E NAS LIVRARIAS.

NO INTERIOR:
PEÇA PELO REEMBÔLSO POSTAL

Aprenda a dirigir sozinho — 141 — 15,00
Manual do Motorista — Nº 36 — 15,00
Enguiços do automóvel — 138 — 15,00
Práticas sexuais no matrimônio — Nº 125 — 20,00
Métodos científicos e modernos para limitar os filhos — 87 — 20,00
Manual da vida sexual — 174 — 20,00
Vença a timidez sexual — 145 — 20,00
Para conquistar os homens — Nº 136 — 20,00
O que todos os homem devem saber para conquistar as mulheres — Nº 124 — 20,00
Sucessos musicais em sambas e valsas — 177 — 15,00
Trovas e modinhas populares — 154 — 15,00
Poesias de Gonçalves Dias — 84 — 10,00
Aprenda a fazer versos — 171 — 15,00
Aprenda a dançar sem mestre — 170 — 15,00
Seleções de Ruy Barbosa — 28 — 15,00
A cachoeira Paulo Afonso — Poesias de Castro Alves — Nº 142 — 10,00
Castro Alves — Poesias — Os escravos — Nº 121 — 10,00
Hinos do Equador — Nº 60 — 10,00
Sexo e psicanálise — Nº 130 — 20,00
Nº 126 — 20,00
Nº 127 — 20,00
Conselhos aos pais sobre a educação sexual dos filhos — 166 — 20,00
Espumas flutuantes — Poesias — Castro Alves — Nº 46 — 10,00
Modelos de cartas para todos os fins — Nº 90 — 15,00
Modelos de cartas sentimentais — 163 — 15,00
Modelos cartas comerciais — Nº 143 — 15,00
Manoel Macêdo — Cartas de amor — Nº 20 — 15,00
Formulário de correspondência social e familiar — 162 — 15,00
Manoel Macêdo — Correspondência amorosa — Nº 21 — 15,00
As primaveras — Poesias de Casimiro de Abreu — 175 — 10,00
Os encantos da mulher nua — Poesias — Nº 148 — 15,00
Canções do exílio e outras poesias de Casimiro de Abreu — 176 — 10,00
Declarações de amor — 165 — 15,00
Pequenas biografias de grandes escritores — 128 — 15,00
O retrato de Dorian Gray — 181 — 15,00
Grandes cortesãs — 178 — 15,00
Nana — Emile Zola — 180 — 15,00
Nº 85 — 15,00
Os melhores pratos da cozinha francesa — Nº 79 — 10,00
A cozinha nortista — Nº 86 — 10,00
A cozinha baiana — 83 — 20,00
Enfermidades sexuais — 160 — 20,00
Formulário de matemática — Nº 37 — 20,00
Regras para vencer na vida — 182 — 15,00
Constrói a tua personalidade — 146 — 15,00
Anedotas — 169 — 15,00
Filosofia da vida e do prazer — 167 — 15,00
Erros de português e suas correções — Nº 26 — 15,00
Fala e escreve corretamente a tua língua — Nº 27 — 15,00
A ortografia correta — 168 — 15,00
Certo ou errado? — Tira-dúvidas de português — Nº 69 — 15,00
Rádio para principiantes
Manual do detetive amador — 173 — 15,00
Regras oficiais do futebol de mesa — Nº 29 — 10,00
Calendário do jardineiro amador — Nº 16 — 15,00
Multiplicação de plantas — 49 — 15,00
Enxertia prática — 50 — 15,00
Habilidades e proezas da juventude — Nº 137 — 15,00
Natação sem mestre — 135 — 15,00
Jiu-jitsu sem mestre — 129 — 15,00
45 lições — Francês sem mestre — Nº 25 — 12,00
Aprenda espanhol — Nº 31 — 12,00
Alemão sem mestre — Nº 30 — 12,00
Lições de italiano sem mestre — Nº 24 — 12,00
Yes sir — Inglês sem mestre — Nº 32 — 12,00
Jogos de cartas (regras) — 51 — 15,00
Cock-tail de palavras cruzadas — 157 — 10,00
Quebra-cabeças, mágicas e passatempos — Nº 22 — 15,00
Táticas de xadrez — Nº 123 — 15,00
Método de datilografia — Nº 96 — 15,00

ATENÇÃO

NÃO MANDE DINHEIRO, NADA ADIANTADO!
(NÃO TEMOS CATÁLOGOS)

TALÃO P/ REEMBÔLSO POSTAL

Editora
GERTUM CARNEIRO
Av. Rio Branco, 25 - Dep. 11-E - Rio
(Não temos catálogo)
Peço enviar pelo REEMBOLSO POSTAL os livros cujos números indico abaixo:

... ...
... ...
... ...
... ...
... ...
... ...
... ...

BASTA INDICAR O NÚMERO

(Não mande dinheiro, ou selos, nada adiantado)
Nos pedidos abaixo de CR$ 100,00 há aumento de 10%

NOME..............................
RUA..............................
LOCALIDADE..............................
ESTADO..............................

A SAÚDE DO BEBÊ

Tratamento da sífilis na gestante

DR. SABOIA RIBEIRO

NA higiene pré-natal os cuidados dispensados à mulher colimam dois fins principais: protegar-lhe a saúde, e a do nascituro, em qualquer estádio de sua evolução intra-uterina. Os cuidados visando a proteger o nascituro devem ser iniciados sempre o mais cedo.

O ideal seria proteger a prole por medidas oportunas, nos pais, antes da própria concepção do indivíduo. É o que ambiciona o exame pré-nupcial nos países que o adotam. De fato, as moléstias que se desenvolvem, no indivíduo, ainda durante o período de seu desenvolvimento intra-uterino, quase sempre lhe deixam lesões irreparáveis, ou desvios funcionais que o marcam com suas taras e debilidades. Dentre as medidas mais importantes que devem ser iniciadas logo nos primeiros tempos da gestação, com vistas ao nascituro, o tratamento da sífilis materna ocupa talvez o primeiro lugar.

● A falta dêsse tratamento muitas gravidezes têm o seu curso interrompido, verificando-se o abôrto. Muitas vêzes parece existir um estado de esterilidade na mulher, por motivo dêsses abortos. Mas apenas acontece que a infecção sifilítica materna (às vêzes até ignorada completamente) mata o produto da concepção, que é eliminado à semelhança das regras normais. No entanto a natureza abortiva dessa aparente esterilidade fica evidenciada, quando diagnosticada a sífilis pelas reações sorológicas e feito o tratamento. Feito êsse tratamento passa ela a ter filhos sadios, indenes de sífilis. Outras vêzes, após uma série de sucessivos abortos sifilíticos a gravidez acaba por evoluir até o seu têrmo, operando-se uma reação do organismo materno que permite a evolução normal da gravidez. Apenas não nasce a criança imune de sífilis, que só o tratamento, no início da gravidez garante, podendo a criança, mais tarde, ou mesmo por ocasião do nascimento, revelá-la em tôda a sua intensidade.

● Modernamente, o tratamento da sífilis na gestação está sendo feito pela penicilina, em altas doses. O esquema geralmente adotado é o seguinte: A dose total do tratamento é de 6 a 8 milhões de unidades de penicilina procaína, divididas por 10 injeções iguais de 600.000 ou 800.000 unidades, respectivamente. A repetição do tratamento se faz três meses depois, caso persista a positividade das reações sorológicas para a sífilis. Muitas vêzes persiste, não obstante a repetição das curas, a reação positiva. Apesar disso, os riscos sôbre o feto, da transmissão da sífilis, são considerados nulos, nesses casos. A resistência ao tratamento pela penicilina observa-se nos casos antigos, crônicos.

CORRESPONDENCIA DAS MÃES

F. S. (S. Francisco) — Mande pesquisar o fator Rh em seu sangue.

T. M. (B. Piraí) — Dryco, SMA, Lactogeno, qualquer dêles pode convir ao aleitamento de seu filho.

C. V. (Madureira) — Leve seu filho aos Raios X. É a primeira coisa a fazer.

A ÚLTIMA PRESTAÇÃO

(Continuação da pág. 23)

— Aposto que Norman ficará bem impressionado quando eu lhe contar acêrca do Bonner.

— Sim, sim, naturalmente êle ficará, querido. — Concordou Ellen.

Mas ela não estava tão certa assim. Ela nunca podia calcular como Norman reagiria a qualquer coisa.

Ela comprou a lâmpada para o quarto de hóspedes e planejou um bom jantar, porém com todo cuidado, porque Norman, embora rico, costumava censurar gastos demasiados e a sua crítica feria mais ainda por ser ironizada. Êle nunca dizia, por exemplo: Você pode comprar uma câmara tão cara, Tom? Em vez disso, dizia: Espero que os resultados compensem uma despesa tão além das suas posses, Tom. Então Tom tentava justificar a extravagância enaltecendo as vantagens da compra, aliás êle estava sempre se justificando a Norman, e acabava desanimando e confessando que não devia ter sido tão precipitado.

Ellen organizou um jantar que fôsse bom, mas não muito dispendioso e pensou com revolta nas economias de Norman. Êle era sócio numa firma de advogados. Êle e Grace moravam numa bela casa em Sussex e tinham duas empregadas. Viviam bem, mas Ellen sempre teve a impressão de que suas vidas eram vazias e sem côr. Êles não sabem aproveitar a vida, pensou, mas isto não é razão para que nós também não a aproveitemos. Grace tinha três abrigos de pele, jogava muito Bridge e era amável e bonita, mas não era uma criatura interessante. Norman era advogado de renome observado sempre em seu trabalho, metódico e pedante. Era quinze anos mais velho do que Tom; e quando os velhos morreram cuidou do irmão para que nada lhe faltasse.

Na sexta-feira, à tarde, Tom telefonou a Ellen e disse:

— Norman acaba de me telefonar. Êle virá pelo trem das quatro e meia e passará por aqui primeiro. Chegaremos aí em casa às seis, mais ou menos.

— Está bem, eu terei tudo pronto então. Mas você sabe como é o Norman, êle nunca mostra muito entusiasmo, Tom, e não entende muito de jornalismo.

— Norman? Êle foi redator do jornal da academia e já escreveu muitos artigos. Você não sabia?

— É, é verdade, eu tinha esquecido. Depois de desligar, Ellen ficou olhando, sem ver, as paredes da salinha. Em seus ouvidos ainda ecoava a voz de Tom, que lhe parecera magoada e ofendida, mas êle era sempre assim quando se tratava de Norman, não admitia que o criticassem nem de leve. Enfim...

Ela ouviu os dois conversando à entrada e correu para abrir a porta:

— Como vai, Norman, estou tão contente de que tenha vindo.

Norman sorriu e estendeu a mão:

— Como vai Ellen?

Tom colocou no chão a mala e encaminharam-se para a sala.

— Que tal? — perguntaram a um tempo Tom e Ellen.

— Onde ficou minha pasta? Nós não a trouxemos para dentro? — E Norman voltou ao «hal» para ver. Êle era um homem forte, com os mesmos olhos azuis de Tom, mas de cabelos grisalhos e queixo quadrado. Inevitàvelmente, Ellen sentiu-se desanimar e perguntou:

— Você deixou a pasta no carro, Tom?

— É, é possível, eu vou lá ver.

— Não há pressa (disse Norman). E' que eu tenho que ver uns papéis depois do jantar. Estou tratando de um caso muito importante. Tom saiu para ver e Norman ficou calado, com certa preocupação, sem olhar sequer a sala.

— Que pena que a Grace não tenha vindo. — Disse Ellen.

— É, ela teve um resfriadozinho e achou melhor não vir.

Tom voltou feliz com a pasta debaixo do braço e disse:

— Sente-se, Norman, por favor.

Norman sentou-se, sorrindo para ambos. Mas, o que havia por trás daquele sorriso que fazia Ellen sentir-se pouco à vontade?

— Muito bem, está bonita a sala. Vocês mesmo arranjaram tudo?

Tom levantou-se, com as mãos nos bolsos e um ar importante:

— Isto não é tudo. A verdade é que a casa é nossa!

— De vocês?!!! (Norman olhou admirado). Como foi que você arranjou isso, Tom?

— Em primeiro lugar foi um bom negócio, Norman, comprada a prazo, pareceu-nos muito mais interessante do que pagar aluguel tôda vida...

— Espero que vocês tenham exigido uma avaliação técnica e uma cópia da planta, pois é esta a única maneira de ter uma garantia de que a casa foi bem construída. Vocês investigaram o material empregado na construção, os alicerces e tudo?

Isto fôra coisa em que êles nem haviam pensado. Acharam linda a casa com telhadinho pontudo e a entrada original e a sala de estar em feitio de L... Tom falou, meio sem jeito:

— O construtor é muito conhecido...

— Ainda bem (falou Norman). Hoje em dia nenhum cuidado é de mais.

E abrangeu ambos num dos seus sorrisos.

— Você não quer ver o resto da casa? — propôs Ellen.

(Continua na pág. 48)

CORPO ESBELTO E FACEIRO

VINHO CHICO MINEIRO

Seja inteligente! não espere engordar demais, tome de hoje em diante VINHO CHICO MINEIRO que conservará o seu porte elegante. A perda de pêso é natural, não faz mal e não provoca rugas. Insista no tratamento e depois do terceiro vidro o seu corpo tomará linhas firmes e delgadas adquirindo forma elegante indispensável à mulher moderna.

EUTRICHOL ESPECIAL

que faz voltar a côr natural aos cabelos brancos. Fórmula completamente inofensiva, não contém nitrato de prata ou outro sal prejudicial à saúde. Revigoriza o cabelo, não o deixando quebradiço. Pode ser usado indefinidamente, e o seu uso previne a queda do cabelo e elimina a caspa. Antes de acabar o primeiro vidro o seu cabelo estará completamente revigorizado, tendo voltado, portanto, à sua côr natural.

À venda nas boas Farmácias

PARA COMPLETAR A SUA BELEZA E PERSONALIDADE USE ÊSTES PRODUTOS DA MULTIFARMA.

LEITE DE ARROZ BISCUIT

Para manter a limpeza e a higiene da pele, use LEITE DE ARROZ pela manhã, à tarde antes da maquilagem e à noite antes de deitar. Para fixar o pó de arroz não há melhor que o próprio LEITE DE ARROZ. O seu uso constante remove as particulas mortas e queimadas da pele, sardas, manchas, panos e cravos, tornando-a lisa, macia, aveludada e eliminando o cheiro desagradável do suor.

(Exigir a marca BISCUIT)

MULTIFARMA

Rua Direita, 191 — 6º andar

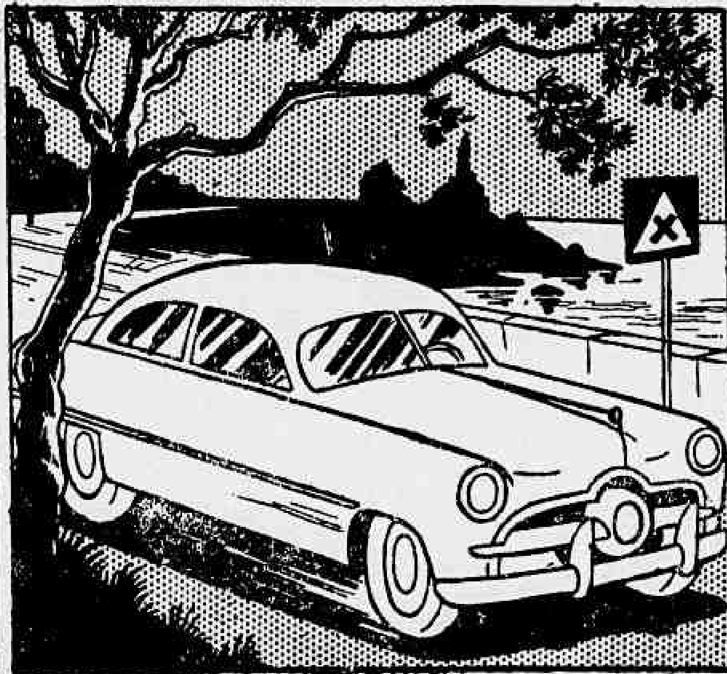
Remessas pelo Reembolso.

SÃO PAULO

ARABELLE, a ultima sereia



«Branca de Neve», no covil dos bandidos, sorria antevendo a bolada. Já era uma hora da madrugada e os comparsas deviam estar chegando



O resgate havia sido idealizado com tôda a técnica, e, àquela hora o milionário Bimbleton estava a vinte quilômetros do local marcado.



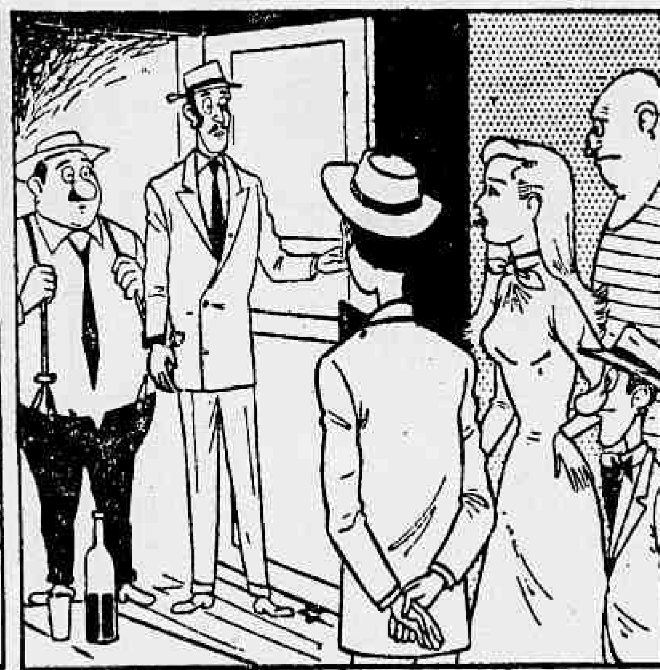
Mas sucedeu um imprevisto; o motor enguiçou e Bimbleton ficou isolado, em meio da estrada, à espera que algum carro passasse por ali.



A demora excessiva por que estava passando o caso começou a despertar suspeitas em «Branca de Neve», que julgou ter havido algum truque.



Os dois bandidos enviados por Branca de Neve, consternados pelo lôgro em que caíram, decidiram regressar à toca com as mãos abanando.



Logo que chegaram foram interpelados: «Então, passa a «gaita» logo», foram dizendo aos malogrados **gangsters**. Mas não havia dinheiro.



Explicaram que, diante da demora na chegada e tendo êles suspeitado de qualquer truque do milionário, acharam melhor voltar e avisar.

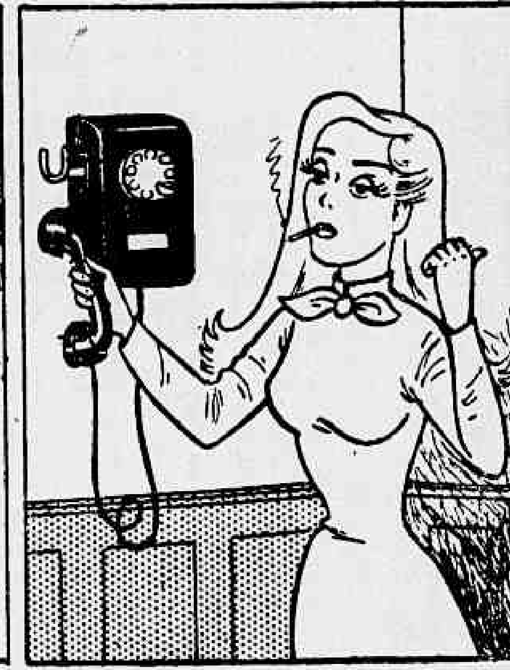
A Chefa aprovou, enquanto se discutia um meio de fugir à possível ação da polícia. E tiraram a sorte para ver quem executava Arabelle.



O gigante tomou um baralho e depois de bem traçado, tirou a sorte: o carrasco da jovem prisioneira seria «Flor Azul», que ficou surprêso.



O fuzilamento da prisioneira era a revólver, na nuca, conforme a recomendação do Marquês, um dos destacados bandidos de Branca de Neve.



— Enquanto êle vai executar a moça por falta de resgate, eu telefono a Dedé, o Louco, diz ela. E agora preparem os carros e fujamos todos.



Flor Azul, que era um poeta lírico, empunhou a arma e subiu as escadas que davam para o quarto da prisioneira, a fim de cumprir seu dever.



Arabelle estava pensando que Bimbleton havia entregue o dinheiro do resgate e que já estaria perto o momento de sua inteira libertação.



Foi com emoção que percebeu alguém abrir a porta do quarto, mas se alarmou quando viu «Flor Azul» entrar empunhando um bruto revólver.



— Srta., seu papai não foi ao encontro marcado, pagar o seu resgate. Em face disto, coube-me, por sorte, o dever de matá-la, o que vou fazer.



— Oh! Não, Flor Azul! Você que é tão gentil, vai salvar-me! Esconda-me em algum lugar e o Sr. Bimbleton o cobrirá de ouro! Não me assassine!

Desenhos de JEANACHE

À LUZ DA PSICANÁLISE

A GUERRA E A PAZ

DR. LUIZ FRAGA

● Pedro de Alencar é um jovem estudioso, de bons princípios e que vem, sinceramente, combatendo, por tôdas as formas, as idéias belicosas.

— Assisti a aula que o senhor deu, no Curso de Higiene Mental, sôbre DELIRIO. Tenho a impressão de que a luta que venho travando contra a guerra já está ultrapassando os limites da normalidade e que, de certo, o senhor me incluiria entre suas observações em suas lições. Mas, convenhamos, a guerra é um absurdo...

— Nós estamos neste mundo para sermos provados ao máximo. A guerra é a natureza humana na sua maior provação. Não sei o que seria da sociedade sem o místico tributo de sangue. Não deveríamos falar em desarmamento universal ou em paz geral. A medicina preventiva deveria ser preferida, à cura radical.

— Não compreendo...

— Confiemos às mulheres. Elas nos ensinarão a ludibriar os nossos inimigos. Elas conhecem as verdades morais... E só elas poderão ser o agente universal dessas verdades, para nos imprimir a sua imagem.

— Por que as mulheres?

— Porque neste mundo só há um poder universal: as mulheres. A elas a natureza deu a nossa infância e entregou a nossa mocidade. Enquanto crianças, devemo-lhes as nossas idéias; mancebos, prodigalizamo-lhes os nossos sentimentos.

● *Mais tarde, como espôsas, elas continuam o que começaram na qualidade de mães e de amantes. Todo o círculo da nossa vida se descreve debaixo da sua influência. A missão da fraqueza é regular a fôrça, como a do amor é fazer a virtude.*

— Soa como uma verdade...

—...que tem sido repetida tantas vêzes que já se torna vulgar. Contudo, quem tem procurado fazer dela alguma coisa? Quem se lembra de derramar na alma das mães onipotentes, os princípios que poderiam regenerar os filhos? São princípios que, talvez não conduzam à fortuna; mas à felicidade.

— Então, a família...

— Sim, como se fazem os solteirões? Êles não têm votos deliberados de celibato. Mas adiam, de ano para ano. Deixe a possibilidade geral de guerra em aberto para que a imaginação dos homens se entretenha com ela; que os soldados sonhem com a matança como as solteironas sonham com o casamento. Enquanto isto, pode ter a certeza de que à proporção que nos penetramos dêstes sentimentos, extinguem-se os ódios nacionais, desvanecem-se os prejuizos, dilata-se a civilização, forma-se o grande povo e o ocidente caminhará para o oriente, quais sejam os sistemas de govêrno. Lá chegará o gênero humano, pelo estudo das leis naturais e pela sua comparação com as leis humanas: estudos religiosos que darão aos nossos filhos a presença contínua de Deus, sublime verificador, que os levará à descoberta de tôdas as verdades físicas e morais, pois que a verdade não é mais do que o testemunho que a natureza dá do seu autor. Não fazemos psicanálise ortodoxa. Estudamo-la à luz da moral, da moral cristã, para executar esta prodigiosa revolução, para mudar os destinos do mundo, para reunir as famílias, para soldar as nações, para remoçar as legislações.

CORRESPONDÊNCIA:

Jorge Duarte - D. F. — Grato pela remessa de A FILOSOFIA NOS COLÉGIOS.

Marilda - São Paulo — Sim, espero publicar com o título: «Problemas Humanos à Luz da Psicanálise». Não tenho ainda a editôra.

Gilda - Curitiba — A vida é bem diferente disto.

Creso - D. F. — Johnson dizia que «as grandes obras são executadas não pela fôrça, mas pela perseverança».

Elmo - São Paulo — Os viciados no ópio são vagotônicos.

A última prestação

(Cont. da pág. 46)

— Sim, com prazer.

— Sim, com prazer.

E começaram a mostrar a casa a Norman — a cozinha pequenina e prática com suas prateleiras pintadas de novo, os dois quartos com banheiro no andar de cima, o sótão para guardar bagagens. Mas à medida que iam mostrando tinham a impressão de que tudo se encolhia e desvalorizava. Os armários embutidos pareciam pequenos, a pia ridícula, os portais pobres. Não obstante, Norman ainda não fizera a crítica, apenas comenta: é, muito interessante, muito bom, como? Ah! Sim... Quanto mede o terreno?

— Apenas um acre (falou Tom) mas nós vamos aproveitá-lo bem. E faremos isso nós mesmos.

Norman fêz que sim com a cabeça. Estavam agora olhando a área coberta de lama e capim.

— Como vocês pretendem começar? — perguntou Norman.

Êles explicaram: dois álamos, uma cêrca viva, um terraço e uma alamêda florida.

— Vai ficar muito diferente. — Falou Tom, mas já sem animação, pois a idéia não mais se afigurava muito fácil ou satisfatória. A casa ao lado ficava bem visível e a estrada também e Tom aproveitou para dizer: isto valoriza muito a propriedade, Norman, e afinal foi uma boa compra. Mas parecia-lhe até que êle estava tentando convencer a si mesmo. E pensar que há bem pouco tempo êle estava tão ciente e satisfeito.

Ellen, meio desanimada, voltou à sala e preparou a mesa com a sua melhor louça.

(Conclui no próximo número)

No «Ontário»...

(Cont. da pág. 12)

— Diàriamente?

— Sim, tôdas as manhãs.

— Muito religiosos são os canadenses. E mal havíamos dito displicentemente a frase e já tínhamos a confirmação. Absorto na leitura de seu missal, um marinheiro parecia alheiado de tudo, todo entregue à meditação e à paz de espírito, naquele meio de aparatos bélicos. Os canhões enormes nas suas tôrres — o «Ontário» tem 3 tôrres de 3 canhões de 6 polegadas, daqueles capazes de arrasar um arranha-céu como um castelo de cartas... Isso sem contar os cinco canhões gêmeos antiaéreos de quatro polegadas.

O «Ontário» é irmão gêmeo do «Quebec». Ambos são cruzadores ligeiros, porém, mais poderosos, ao que nos informou o oficial brasileiro, do que os nossos «Almirante Barroso» e «Almirante Saldanha», recentemente adquiridos pelo Brasil nos Estados Unidos.

Enquanto percorremos o cruzador, subindo e descendo escadinhas, nosso fotógrafo ia batendo suas chapas. E batíamos papo com o subtenente Willianson para podermos informar que o «Ontário» já fêz uma longa viagem à Austrália, outro grande país, pertencente à comunidade britânica de Nações.

Mas a maior honra que a belonave teve foi a de conduzir, em sua recente viagem ao Canadá, a atual Rainha da Inglaterra, Sua Majestade Elizabeth II e seu Real Espôso, Duque de Edimburgo. O percurso [...] de Sidney, Cape Breton até Saint Jo[...] em Newfondland.

Ficamos sabendo que a tripulaç[...] consta de 758 homens, entre oficia[...] marinheiros e que esta viagem de in[s]trução e também de cortesia a algu[ns] países sul-americanos, se iniciou [...] 7 de Setembro, quando saiu o «On[]tário» da Colúmbia Britânica, dirig[in]do-se a San Diego, na Califórnia, Es[]tados Unidos. Daí, sempre seguin[do] pelo Pacífico, foram a Balboa, Va[l]paraíso, no Chile, descendo até Pun[ta] Arenas, para, pelo estreito de Maga[]lhães, passar para o Atlântico. O pr[i]meiro ponto tocado foram as ilhas qu[e] os argentinos chamam Malvinas e o[s] inglêses denominam Falkland, onde [se] deu, na guerra passada, um famo[so] combate entre inglêses e alemães. [A] ilha continua possessão inglêsa, apes[ar] dos protestos da Argentina, que c[...] a mesma fazer parte de seu territó[rio] nacional.

Aqui e acolá, estirados no conv[és] alguns marinheiros, o busto nu, [to]mam banho de sol, dormindo a so[]sôlto. Outros, em grupos, conversa[m]. Todos acham-se à vontade, sem [...]sas, muitos de peitos nus, orgulhos[os] de ostentar as mais variadas tatu[a]gens. Num há uma caravela de num[e]rosas velas, noutros mulheres, anima[is] fantásticos, tudo o que povoa a ima[]ginação dos marujos de tôdas [as] nações.

O «Ontário» ficará uns dias mais [na] Guanabara, devendo entrar para o [di]que Rio de Janeiro para pinturas [e] pequenos reparos, naturais nesses lon[]gos cruzeiros. Estava finda nossa v[i]sita, feita, como dissemos como u[m] amigo que não avisou da visita [e] encontra os donos da casa à vontad[e] e é recebido sem-cerimônia e com af[a]bilidade. Na verdade, nesse doming[o] lindo de sol dos trópicos encontr[amos] os canadenses do «Ontário» de pap[o] para o ar na Guanabara... Bo[a] viagem, H.M.C.S. ONTARIO!

Respostas ao teste

1—Inglês
2—Rabindranath Tagore
3—24 quadrinhos por segundo
4—Um cavaleiro
5—Remexer procurando algo
6—No leite
7—Miriápode
8—Aspecto de sêda
9—Salve-Rainhas
10—Titulo do antigo rei de Calecut
11—Lugar onde há sobreiros
12—Casa de loucos
13—Instrumento musical
14—Adjetivo
15—Cinqüenta anos.

BÉL-HORMON
A BELEZA DOS SEIOS
Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1; e quando fôr ao contrário, demasiadamente volumosos, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios é um preparado moderníssimo, eficiente de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro.

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» Nº ......
NOME ....
RUA .... Nº ....
CIDADE ....
ESTADO ....

Preço para todo o Brasil Cr$ [...]

Clínica Dr. Santos Dias
CONSULTAS: Cr$ 30,00
Tratamento e cura pela hormonioterapia e alta freqüência específica, da velhice precóce, da função sexual no homem e na mulher, irritabilidade, fadiga e insônia, nos casos indicados.
MOLESTIAS SEXUAIS — IMPOTÊNCIA
Rua São José, 50 — 9º andar — Conjunto 903. Tel.: 32-6230.
Enfermagem a cargo de técnico e profissional diplomado.
Horário: — Diàriamente, das 14 às 19 horas.

ÊSTE MUNDO E O OUTRO...

CRIAÇÃO DE DARCY

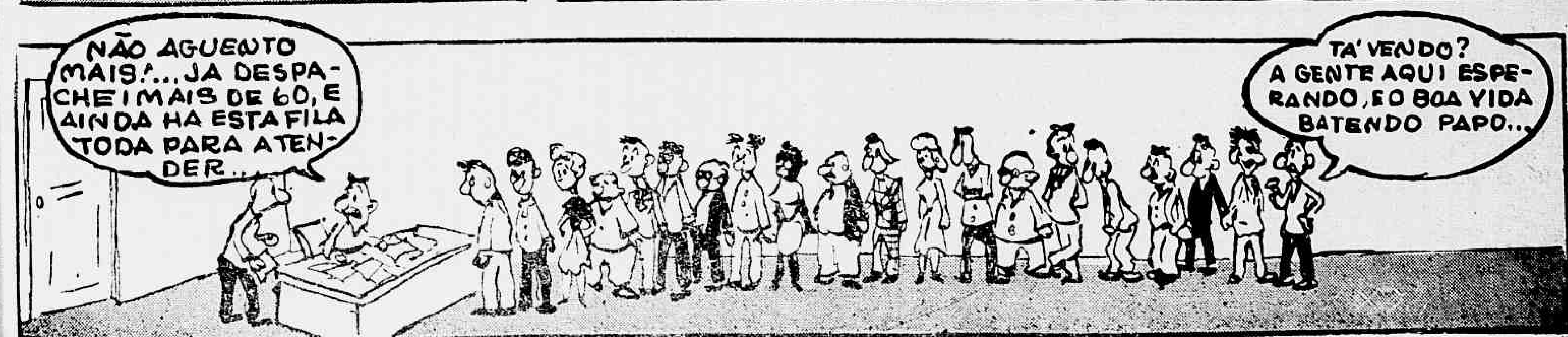
ONDE ESTÁ A RAZÃO? E' DIFICIL DE SE DIZER... A VIDA SEMPRE TEM DOIS PRISMAS...













Araci Côrtes foi aplaudidíssima nesta sua volta ao teatro de revistas. Em «O bode está sôlto», contracena com a conhecida artista Virgínia Lane, como bem mostra a fotografia. Araci ainda continua incomparável na sua interpretação. — Quem foi rei sempre tem majestade...



As atrizes teatrais Araci Côrtes e Celeste Aída mostram que os mestres da Renascença não era à-toa que pintavam lindas mulheres gordas

ARACI CÔRTES RESSUSCITOU

HOUVE um tempo em que as ribaltas cariocas viveram da arte esfusiante de uma morena endiabrada que fazia diabruras no palco. Sua voz de soprano nunca perdia um bis, quando na cadência bamboleante do samba, Araci Côrtes cantava e se requebrava. Sua arte era gostosa porque trazia o sabor apimentado de seu espírito irrequieto. No auge de sua glória, eclipsou-se a estrêla nas brumas do esquecimento. Araci preferiu o doce anonimato de sua residência à luz dos refletores. Enclausurou-se no ostracismo, longe dos aplausos da platéia que passou a viver de sua saudade.

Demorada fôra a ausência. Mas um dia, Araci voltou. O velho teatro da praça da Independência regorgitava. A inauguração da temporada Miguel Khair, com a revista «O bode está sôlto», trazia um elenco escolhido a dedo. A grande atração da temporada: a volta de Araci Côrtes.

Um frêmito de entusiasmo saudou a «rentrée» de Araci. A assistência, de pé, batia palmas, delirantemente, aquilo que era, sem dúvida, uma ressurreição admirável da grande artista. Araci ainda era a mesma Araci, cantando e bamboleando com aquêle seu particular encanto. A comoção arrebentou lágrimas de júbilo. Era a estrêla que ressuscitava com o mesmo brilho de



Irrequieta, apimentada e requebrada, bamboleando ao ritmo do samba. Araci Côrtes abafou nesta sua «rentrée», no Teatro João Caetano. Araci! Araci! Araci! — Palmas e aplausos eram «mato». Uma verdadeira consagração! E, não há dúvida nenhuma, ela bem o mereceu!

DEPOIS DE ANOS DE AUSÊNCIA VOLTA AO PALCO CARIOCA A BAMBOLEANTE ESTRÊLA ★ DELIRANTE ACOLHIDA ★ "DEPOIS DE UMA COISA DESTAS, SÓ MORRER" ★ COMEÇOU NO CIRCO ★ SÃO JOSÉ E RA-TA-PLAN ★ "SEM CABOTINISMO: FUI A MAIS COMPLETA..." ★ "SOU CARIOCA, DA RUA DO MATOSO, COM MUITA HONRA..."

Texto de LEONEL FERREIRA

sempre, rompendo a grande noite que procurava envolvê-la.

DEPOIS DISTO, SÓ MORRER...

Chorando, Araci agradecera aquela apoteose numa frase que dizia tudo: «Depois de uma coisa destas, meus amigos, só morrer!» E o seu camarim ficou sendo o ponto de convergência de todos que, espontâneamente, vinham lhe trazer o abraço de irrestrita admiração. Foi ali que me encontrei com Araci para esta reportagem. Fazendo a sua maquilagem, a grande artista se preparava para representar.

Quando a inteirei de minha finalidade, ela sorriu e, gentilmente, começou a falar. — Estou pronta para o que você quiser. Sempre afável, posou para nossa objetiva. Era pràticamente impossível entrevistá-la ali no seu camarim. Acertamos para um outro dia, em sua residência. Tudo combinado. O vaivém de amigos enche o camarim de risos e abraços. Chegou a hora de representar. Sacudida, jogando beijos para a platéia, Araci aparece, canta e dança. E' um espetáculo essa exuberante Araci Côrtes! Inigualável na sua arte.

SOMBRA... E ÁGUA FRESCA

Sol a pino. A rua D. Mariana não faz muito calor. Do lado



No camarim, Araci prepara a «maquillage». Ela bem sabe fazer os temperos que agradam aos cariocas. Araci não morreu, minha gente!

ARACI CÔRTES



«Ainda sou a tal... quem quiser que duvide!» — Desafiando o tempo a buliçosa sambista Araci Côrtes provou que, apesar de seu afastamento, ainda está em perfeita forma.



Na sua prolongada ausência do teatro, Araci vivia feliz na tranqüilidade de sua casa e, como tôda moça prendada, gostava de bordar...

da sombra fica a casa de Araci Côrtes. Ela mesma nos veio receber à porta.

— Pensei que tivesse esquecido. E aflorou um grande sorriso. Ali estava a casa que, por tantos anos, se transformara numa verdadeira gaiola onde viveu prêsa a cotovia maviosa, cuja voz parecia ter se alojado para sempre na garganta. Bem arrumadinha, demonstrando o bom-gôsto de sua dona.

O nosso bate-papo foi cordialíssimo. Araci falou do passado com a veemência de seu espírito que nunca envelhece. Recordar é viver. E Araci viveu o seu passado numa profusão de fatos que ela ia desfiando da teia de sua vida. No palco, como no lar, Araci não perde a forma. E' extremamente afável, irrequieta e de uma expansão comunicativa.

COMEÇOU NO CIRCO

Nossa primeira pergunta foi saber como havia iniciado a sua brilhante carreira de artista. Araci não titubeou: «a minha carreira começou no «Circo Democrático». Era garôta então. Sempre gostei de representar. Iniciei ao lado de muitos que hoje têm o seu nome feito na vida artística brasileira. Nesse momento, Araci lembrou-se de suas primeiras representações com Chico Alves. Fomos bons amigos e as nossas peças eram sempre distinguidas pela preferência do público. Depois, concluiu Araci, eu enveredei pelo teatro e o Chico seguiu a sua carreira imortal como cantor.

Do «Circo Democrático», de Benjamin de Oliveira, prosseguiu Araci, estreei com grande sucesso na revista «Sonho de Ópio», ingressando na vida do teatro, por intermédio de Mário Magalhães. Fazia parte do elenco do «São José», inaugurei o teatro Jardel, representava no «Rataplã» e no Cassino Beira-Mar. A esta altura, Araci fêz uma pausa, e depois continuou. «Pode dizer, sem cabotinismo da minha parte, que fui a mais completa no gênero de revistas.»

Aproveitei a nova pausa para perguntar pelos seus maiores sucessos. — E' difícil de lhe dizer, pois todos os meus números sempre foram sucessos, respondeu Araci com leve sorriso. Todavia reputo o meu maior sucesso o — Ioiô de Iaiá. Nesse tempo me fixei no teatro «Recreio», que se tornou a minha casa. Quero que diga isso: era conhecido como a minha casa...

Araci passou a lembrar as glórias de sua maravilhosa vida artística. — Tive oportunidade de conhecer quase todo Brasil. Conheço os teatros mais importantes de nossa pátria. A artista tem os olhos fixos no seu passado e evoca os seus triunfos na Europa, quando levara a sua arte aos palcos do Velho-Mundo. Foram dias felizes aquêles



Ótima dona de casa, não se descuida dos problemas mais comuns da vida doméstica. A galinha preta faz parte das suas cogitações diárias.

R E S S U S C I T O U !



Baú de estimação... o guarda-roupa da atriz está sempre em dia. E a sua toilette para o palco é a mesma do passado. Araci não mudou

que hoje fazem parte de suas mais queridas recordações. Buenos Aires, Montevidéu ficaram indeléveis. Por onde passara havia levado a mensagem das canções que a tornaram um ídolo do povo.

«ME ENCHEU»...

Então, Araci, por que deixou a vida de teatro? Ah, meu amigo, talvez você não compreenda o que vou lhe dizer. — E' uma vida ingrata. Não guardo ressentimentos de meus companheiros. Há muita coisa errada porém: perseguições... invejas... Você sabe de uma coisa, «me encheu!» Mas não pense que fiquei todo êsse tempo longe do palco. Não tinha contrato tirmado, porém servi de cireneu para muita gente boa...

. E por que voltou? — porque tinha que voltar... respondeu à queima-roupa, Araci; contudo não sei explicar. Parece mais um determinismo de Deus. Você imagine que não fixei contrato com a televisão, onde também já trabalhei, por questão financeira, isto é, de salário. Preferi, no entanto, voltar ao meu antigo teatro de revistas. Estou muito satisfeita.



«Roberto», seu gatinho angorá é tão íntimo que chega a dar ciúmes aos fãs. E o animalzinho corresponde à amizade da bamba do bamboleio.



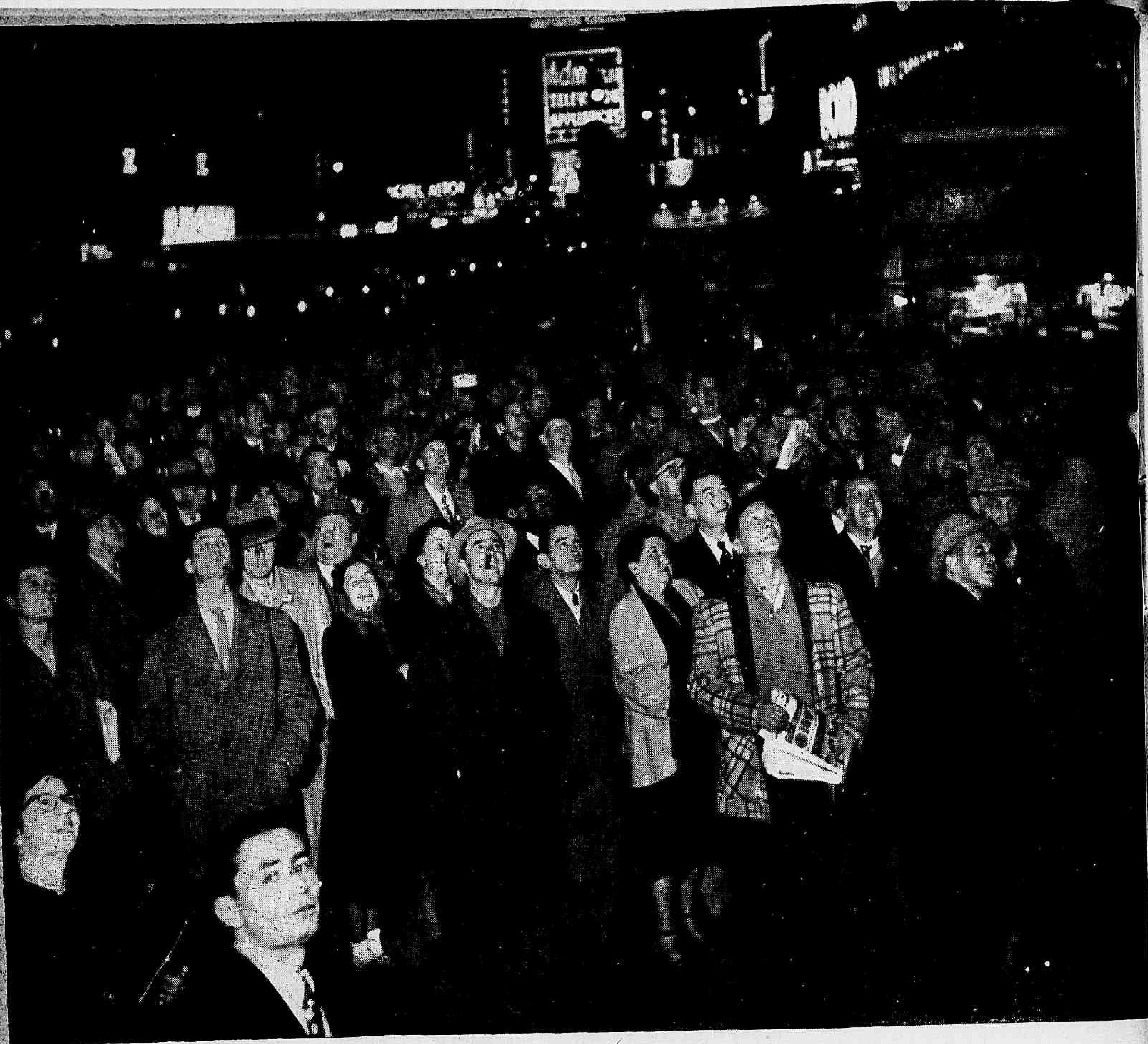
Diante do microfone, após tantos anos de ausência, Araci Côrtes, não encabula, como se poderia esperar; canta com a mesma voz de outrora. A sua sensibilidade é quente e gostosa.

CARIOCA, DA RUA DO MATOSO...

Diga-me uma coisa, Araci, você é carioca? Sim, e tenho orgulho de ser. Nasci na rua do Matoso e me criei no Catumbi. Sou filha de espanhol e brasileira, e neta de paraguaio. Estudei até o segundo ano ginasial e mais tarde me aperfeiçoei nos idiomas francês e inglês. Tenho seis anos de música. Aprecio as cançonetas francesas e napolitanas. Além de nossas músicas, gosto da mexicana e da argentina. Diga também que adoro a música paraguaia, apesar de não ser tão difundida no Brasil.

Nesse momento, Araci segurou nos seus braços roliços o «Roberto», o gatinho de sua estimação. Na sua vida doméstica a atriz se comporta como boa dona de casa. Cozinha, borda e arruma a casa, que está sempre um brinco. Na companhia de sua amiga, Isabel Lobão, atravessou grande parte de sua existência. Ao sentir aproximar-se o outono, qual ave de arribação, desferiu um grande vôo. E veio cantar as suas modulações. O tempo não lhe alterou a existência.

Os críticos de teatro e a nossa imprensa vão imortalizar o nome de Araci Côrtes no bronze. Justa homenagem a quem imortalizou o nome do Brasil no bronze dos corações. E parabéns ao teatro brasileiro pela deslumbrante ressurreição de sua grande estrêla: Araci Côrtes.



Em Times Square, a multidão acompanha as notícias sôbre o desenvolvimento das eleições em todo o país, através de cartazes do «New

NOSSO AMIGO

a guerra na Coréia, em cujos campos de batalha os soldados norte-americanos morrem na proporção de nove para um dos outros exércitos das Nações Unidas, como se coubesse apenas à América do Norte o dever de ir combater os transgressores do paralelo 38. Quando Eisenhower iniciou a campanha presidencial, dentre suas promessas, uma ecoou profundamente na alma do americano, especialmente entre as mulheres: a de encontrar-se uma solução para a Guerra na Coréia. Não houve mulher nos Estados Unidos que não aplaudisse essa perspectiva de paz sem demora para a ONU. Pode-se garantir que as eleitoras do país foram quase cem por cento pró-Ike. Por quê? Porque vislumbraram uma



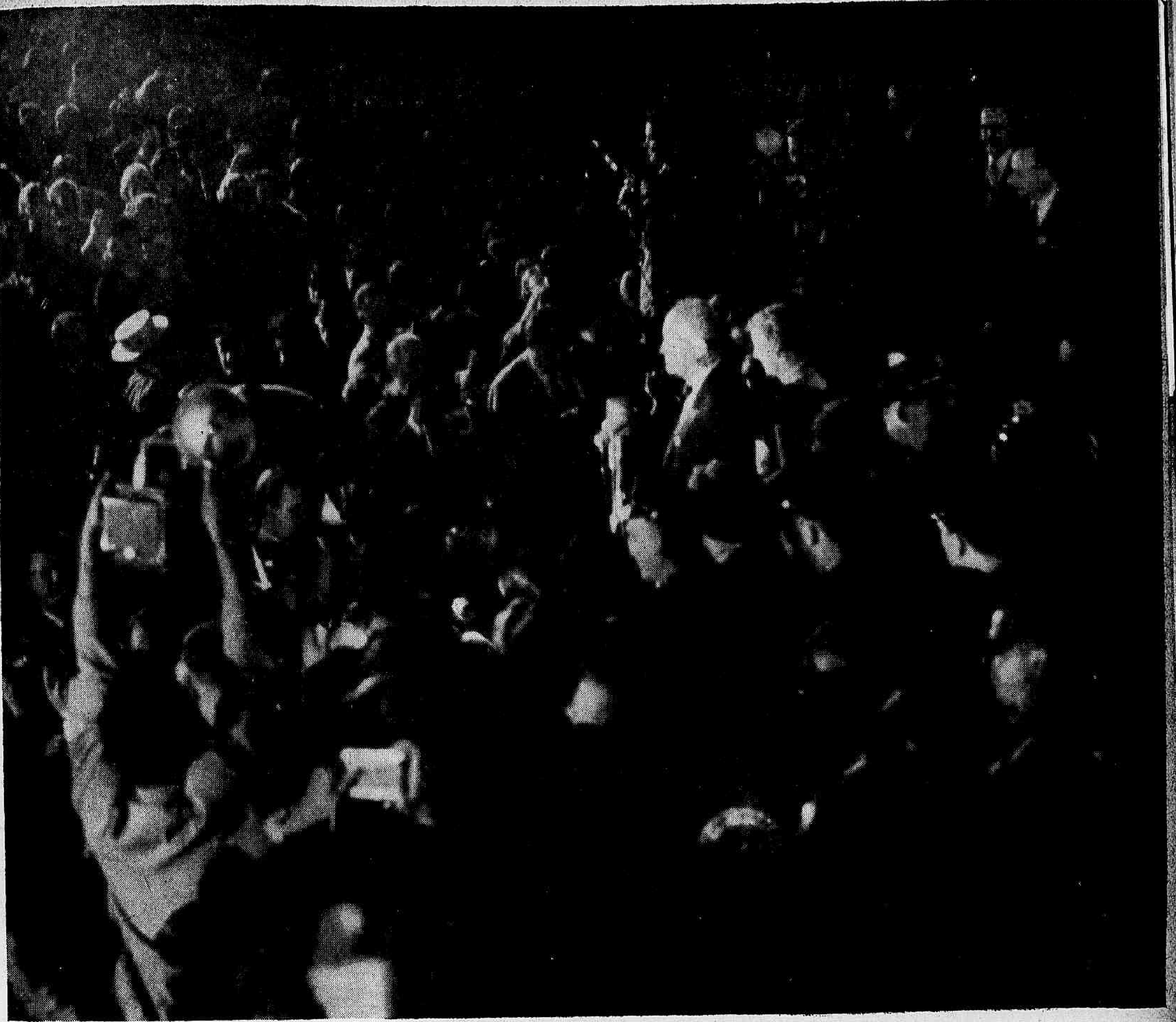
O bravo cabo-de-guerra, ao dirigir-se ao povo que o elegeu para a presidência da República na sede do seu «Grand Old Party» (GOP).

York Ti
podema
nhower

IK

possibi
entes
Outr
comba
como
que d
admini
dos co
cargos
nome
tudo
injúrias
pessoa
cargos
vultoso
com
acha

Durant
espalh
dilho p



York Times». Pela fisionomia dos interessados podemos adivinhar quais os eleitores de Eisenhower e os de Stevenson. Ike está ganhando.

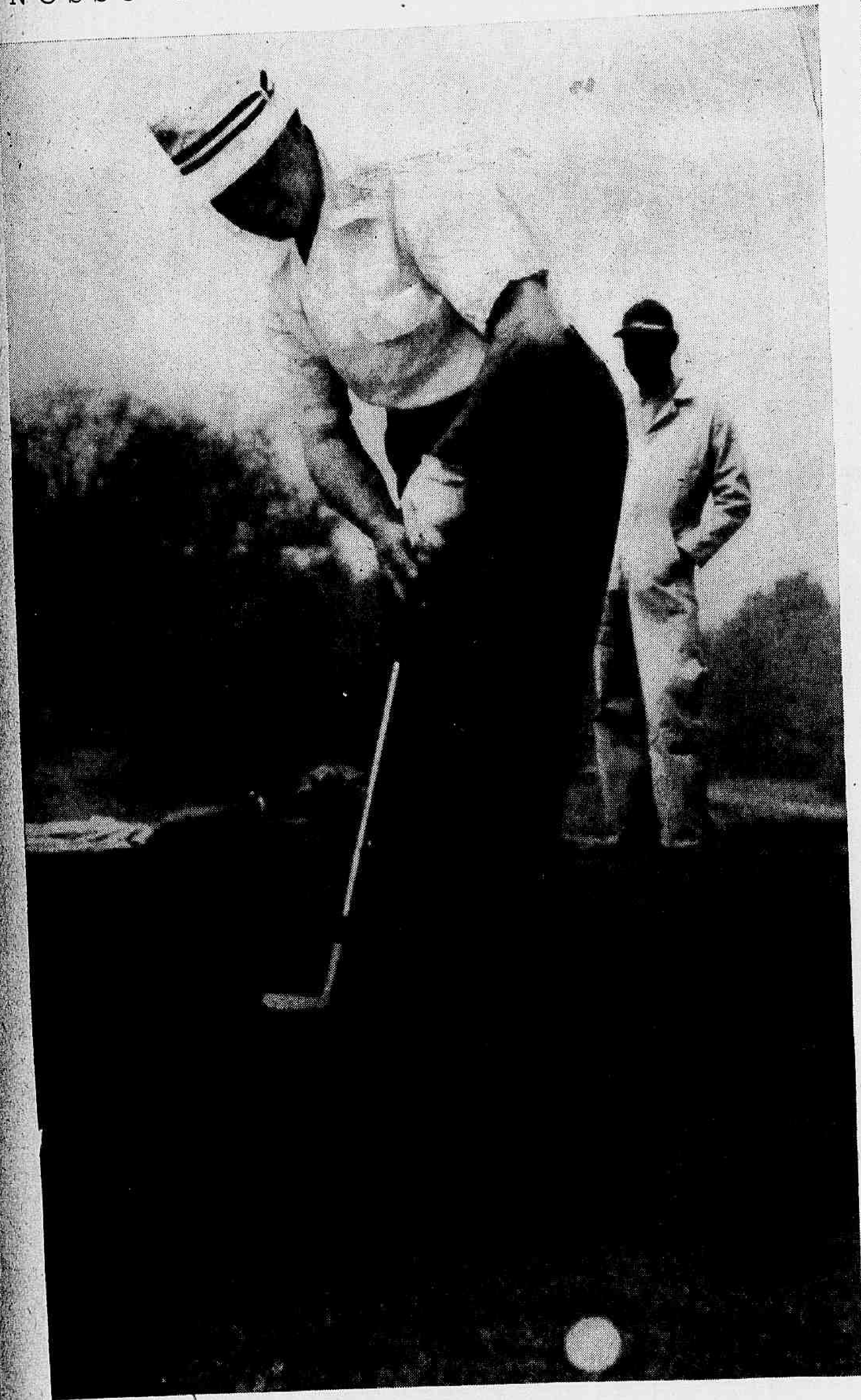
IKE (continuação)

possibilidade de paz, com a volta de seus entes queridos da frente coreana.

Outra face da vitória de Eisenhower: combater a corrupção. Nos Estados Unidos, como em qualquer outro país, os políticos que dispõem de mando e boas posições administrativas, quase sempre são apontados como aproveitadores das chances dos cargos, coisa que, aqui no Brasil, tem o nome popular de «golpe». Muitas vêzes tudo não passa de enrêdo partidário, de injúrias lançadas sôbre nomes impolutos, de pessoas incapazes de prevalecer-se de seus cargos para receber propinas e arranjos vultosos. Mas o povo de lá, como sucede com o daqui e de outras nações, sempre acha que os maiorais da administração pú-



Durante a memorável campanha presidencial, espalhou-se pelo país êste modêlo de trocadilho propagandista: «Eu gosto de Eisenhower».



Já em Augusta, em gôzo de férias, o General Eisenhower se entrega ao belo esporte do gôlfe, e, embora não seja tão bom jogador como é militar e político, sai vencedor da partida.



O General Dwight Eisenhower, tendo nos braço... tendo ao colo a filha caçula Susan, de ci...



A sogra, Mrs. John Sheldon Doud, a espô... hospedados. O Presidente eleito, depois d...

sua ... mes...

Ma... est...

blica são «tubarões» ou protetores de tal casta de felizardos. O General Eisenhower soube tocar a alma do seu povo com vergastadas sem dó nem piedade contra os corruptores e os corruptos do partido que estava no poder. E' claro que não individualizou; mas, como o povo gosta dessas expressões de coragem moral, aplaudiu Ike e viu nêle um nome capaz de melhorar o país em todos os sentidos.

Se o General nada puder fazer sôbre os pontos principais de sua plataforma política exposta ao ar livre a todo o povo americano, veremos repetir-se o caso da Inglaterra, e os democratas voltarão à Casa Branca. Se puder realizar os pontos capitais de suas promessas, então os republicanos terão aumentado seu prestígio e ficarão mais vinte anos na Casa Branca. Que a grande nação amiga continue na sua marcha triunfal com republicanos ou democratas, sempre mantendo a velha e tradicional amizade para conosco, eis os desejos sinceros do Brasil.

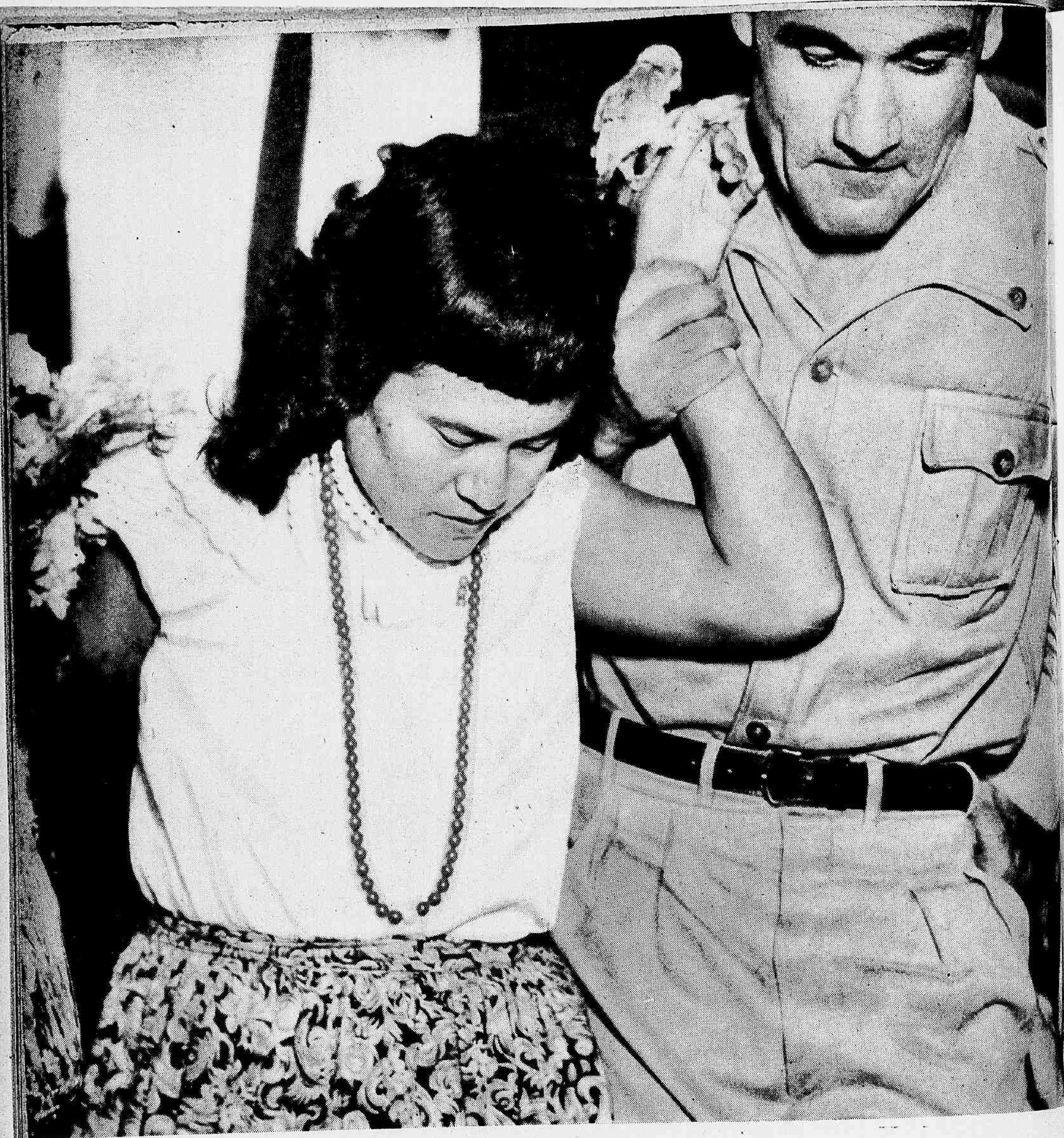


sua neta de três anos de idade — Barbara Ann — toma um avião para Augusta. Sua senhora acena despedidas, enquanto sua nora sorri, meses. O garôto é neto do grande general da Vitória, filho do Major John Eisenhower, ora prestando serviços à pátria na guerra da Coréia.





Mamie Eisenhower e o General, já eleito presidente dos Estados Unidos da América do Norte, posam no «Hotel Commodore», onde se achavam esforços dispendidos na campanha eleitoral, toma um avião para Augusta, em companhia da família, onde irão passar dez dias de merecidas férias.



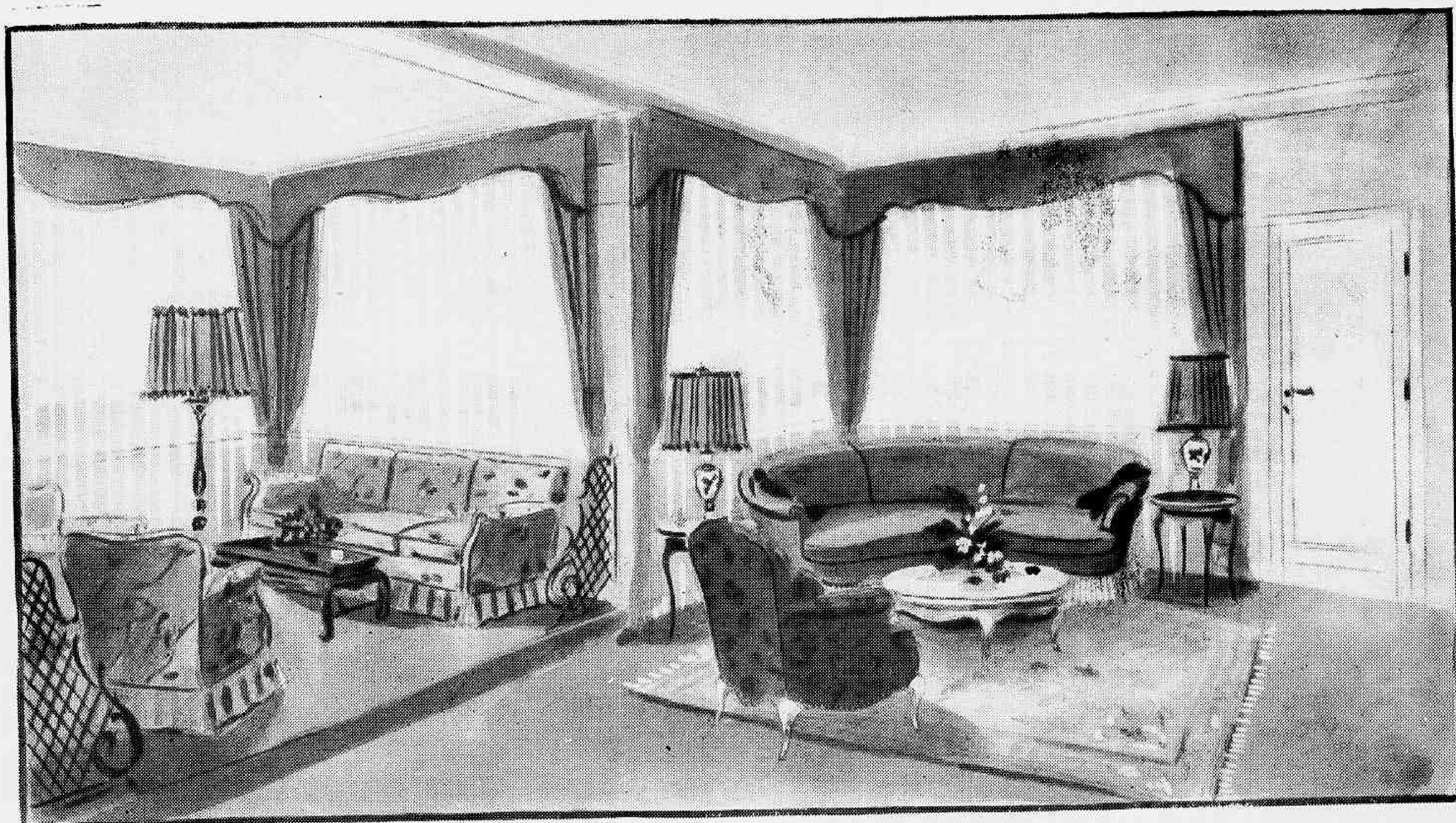
ÚLTIMO FLASH

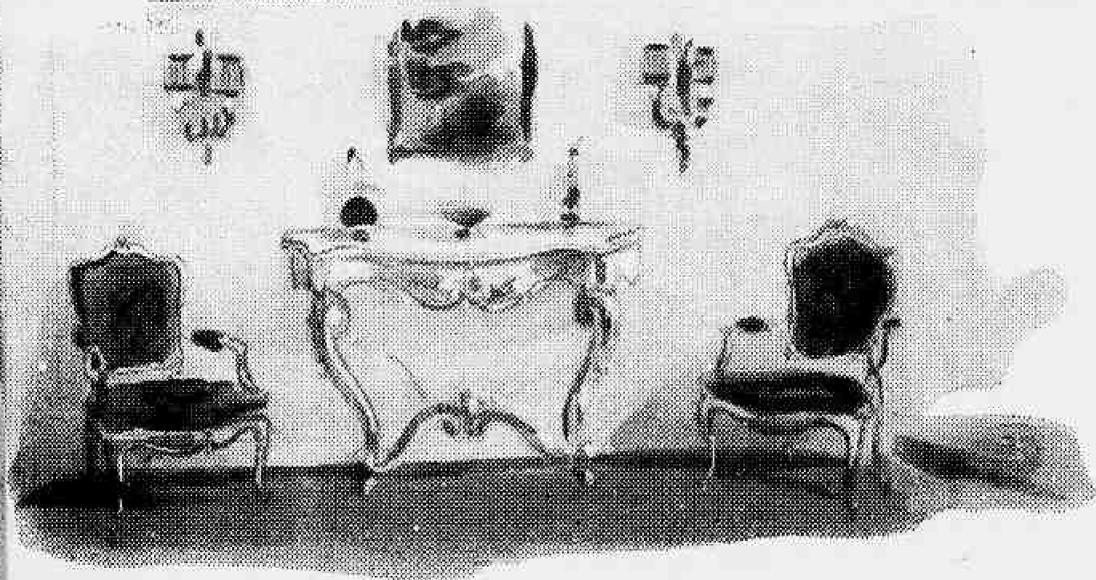
DIACUI CHEGOU

DIACUI, que para o gaúcho Ayres da Cunha é positivamente «a virgem dos lábios de mel, cujo sorriso era mais doce do que o favo da jati», está empolgando a capital do Brasil. Fomos os primeiros a publicar a história romântica dêsse jovem ardoroso que enfrentou os preconceitos dos intolerantes etnólogos de colarinho duro e pontos-de-vista mais duros ainda, que não queriam, em pleno século XX, que um brasileiro se casasse com a mais legítima das brasileiras pela circunstância exatamente que lhe dá essa incontestável legitimidade, o fato de haver nascido em nossas selvas e ser uma índia autêntica.

Um despacho decidido e decisivo do ministro João Cleofas permitiu que a índia viesse ao Rio, com seu noivo, o sertanista Ayres Câmara da Cunha. O tutor da índia — o cacique da tribo dos Kalapalos — e dois índios (êles, por sinal, detestam ser chamados de índios) — veio junto e pela primeira vez estão enfrentando esta Cuiabá grande, como chamam nossa capital, onde os caraíbas (os brancos) vivem varando os buracos de tatu, como denominaram os nossos túneis e correndo desvairadamente nas velozes «tartarugas», bizarra designação que deram aos automóveis. A chegada de Diacuí, que veio para casar-se no Rio, foi uma sensação e o «clichê» acima é um instantâneo do momento em que, pela mão do noivo, e vestida pela primeira vez, a indiazinha Kalapalo descia do avião que a foi buscar nas selvas do rio Xingu.

MÓVEIS e DECORAÇÕES





Projeto da CASA NUNES

TAPÊTES feitos à mão em lindos desenhos e em tôdas as côres



CORTINAS
Grupos estofados

— especialidade de nossas oficinas —

AGORA, a

preços que animam a comprar

TAPÊTES e PASSADEIRAS

de forração, de tôdas as larguras, em côres lisas e com flores



65 rua da CARIOCA 67 — RIO


Uma legítima consagração...
O apurado bom gôsto e o agudo senso de seleção, peculiar aos que se distinguem pela elegância, deram aos cigarros Hollywood uma insuperável tradição de alta classe.
cigarros
hollywood
uma tradição de bom gosto
UM PRODUTO SOUZA CRUZ

Cigarros
Hollywood
Hollywood
20